



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGGeo
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**A ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL E O MODO DE VIDA NA COMUNIDADE
MIRACAUERA, PARANÁ DO CAREIRO (MUNICÍPIO DE CAREIRO DA
VÁRZEA-AM).**

JÔNATAS DE ARAÚJO MATOS

Manaus-AM.
2014



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGGEO
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA**

JÔNATAS DE ARAÚJO MATOS

**A ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL E O MODO DE VIDA NA COMUNIDADE
MIRACAUERA, PARANÁ DO CAREIRO (MUNICÍPIO DE CAREIRO DA
VÁRZEA-AM).**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (Departamento de Geografia) para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob a orientação da Profª. Drª. Amélia Regina Batista Nogueira. Área de concentração; Amazônia: Território e Ambiente. Linha de pesquisa: Território e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Drª. Amélia Regina Batista Nogueira.

Manaus-AM.
2014

JÔNATAS DE ARAÚJO MATOS

**A ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL E O MODO DE VIDA NA COMUNIDADE
MIRACAUERA, PARANÁ DO CAREIRO (MUNICÍPIO DE CAREIRO DA
VÁRZEA-AM).**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (Departamento de Geografia) para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira. Área de concentração; Amazônia: Território e Ambiente. Linha de pesquisa: Território e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira.

Manaus-AM.
2014

JÔNATAS DE ARAÚJO MATOS

**A ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL E O MODO DE VIDA NA COMUNIDADE
MIRACAUERA, PARANÁ DO CAREIRO (MUNICÍPIO DE CAREIRO DA
VÁRZEA-AM).**

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada pela banca examinadora no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (Departamento de Geografia). Área de concentração; Amazônia: Território e Ambiente. Linha de pesquisa: Território e Cultura na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente da banca: Prof^ª. Dr^ª. Amélia Regina Batista Nogueira.
(Orientadora e Coordenadora do PPGGEOG/UFAM).

Prof^ª. Dr^ª Lúcia Helena Gratão (UEL/Londrina).

Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz (PPGEOG/UFAM).

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Amélia Regina Batista Nogueira.

Manaus-AM.
2014.

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Matos, Jônatas de Araújo.

M433o A organização sociocultural e o modo de vida na comunidade Miracauera, paraná do Careiro (Município do Careiro da Várzea-AM) / Jônatas de Araújo Matos. - Manaus, 2014.

129f. il. color.

Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira

1. Vida social e costumes 2. Aculturação 3. Cultura – Aspectos sociais I. Nogueira, Amélia Regina Batista (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 2007 316.722(811.3)(043.3)

Dedico essa dissertação aos meus pais pelo esforço de ambos em ensinar valores e princípios que foram fundamentais nessa jornada acadêmica.

A todos os moradores e moradoras da comunidade Miracauera, pois contaram suas experiências vividas e conduziram os seus relatos a partir da relação com o lugar, o sentimento afetuoso com o mesmo.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço a Deus primeiramente que me concedeu a vida, saúde, força e determinação para vencer os obstáculos que iam surgindo durante a pesquisa, e foram muitos. A Deus seja dada toda honra e toda glória, pois sua presença constante na minha vida me guiou nas escolhas certas e me confortou nas horas difíceis.

À CAPES pela concessão da bolsa de mestrado para viabilizar a realização e conclusão dessa pesquisa.

À Universidade Federal do Amazonas por oferecer o curso de Pós-Graduação em Geografia preparando dessa forma intelectualmente e profissionalmente para o mercado de trabalho e para atuação na área da pesquisa.

À minha orientadora, prof.^a Dr.^a. Amélia Regina Batista Nogueira, que sabiamente soube conduzir com suas orientações a nossa pesquisa, me fez acreditar na minha habilidade e na capacidade de superação. As suas orientações sempre foram dirigidas com muita sensibilidade, associada à humildade presente em sua vida, paciência e humanismo.

Ao professor Dr.^o. Manuel de Jesus Masulo da Cruz que me incentivou a dar prosseguimento à vida acadêmica após participar da minha banca de TCC (monografia na Universidade do Estado do Amazonas em 2011).

Aos demais professores do colegiado que transmitiram parte dos seus conhecimentos indispensáveis à reflexão e a elaboração da dissertação.

À Dr.^a Myrtle Shock do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo), professora Visitante Museu Amazônico (Universidade Federal de Amazonas). A Elen Caroline de Carvalho Barros, arqueóloga do IPHAN no Amazonas.

Aos meus amigos professores da Universidade do Estado do Amazonas, que sempre me apoiaram na jornada acadêmica: Msc. Ana Paulina Aguiar Soares; Dr.^a. Neliane de Souza Alves; Dr. Isaque dos Santos Sousa; Dr. Carlossando Carvalho de Albuquerque; Msc. Marcela Vieira Mafra; Msc. José Roselito Carmelo da Silva.

Aos meus amigos e amigas em particular que foram um alicerce nessa jornada: Jacilene Oliveira, Fabiana Maria Machado Soares dos Santos, amigas desde a graduação na Universidade do Estado do Amazonas, a querida Amarílis Donald pela força que sempre me deu e por estar presente quando eu precisei. Aos amigos da turma 6, nossa turma de mestrado.

Aos meus pais, Arlindo de Alencar Matos e Maria de Fátima de Araújo Matos, que desde cedo me deram a educação necessária e me conduziam à escola quando ainda pequeno, sou grato a Deus pela vida de vocês.

A todos os moradores e moradoras da comunidade Miracauera no Paraná do Careiro da Várzea que muito contribuíram para a elaboração deste trabalho com as informações, vocês são os atores principais desse trabalho.

EPÍGRAFE.

“Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *Geograficidade* [...] do homem como modo de sua existência e de seu destino”. [...] a Terra revela ao homem sobre sua condição humana (DARDEL, 2011, p.1-2).

RESUMO.

A pesquisa foi realizada na comunidade Miracauera, localizada no Paraná do Careiro, município de Careiro da Várzea-AM. A pesquisa teve como objetivo descrever a organização sociocultural e o modo de vida dos moradores da comunidade Miracauera a partir de suas experiências vividas no lugar; Identificar as transformações no ambiente de várzea na comunidade Miracauera; Identificar e descrever os mecanismos e técnicas desenvolvidas pelos moradores no ambiente de várzea. Buscamos entender como o ribeirão da comunidade Miracauera convive com as mudanças que ocorrem durante o ano quando os rios descem e sobem (período das cheias e vazantes) e a relação estabelecida entre o homem e o ambiente de várzea, lugar onde a população estabeleceu laços culturais nesse espaço que é transformado pela dinâmica das águas onde existe uma relação simbólica. Descrevemos os impactos sofridos pela comunidade no âmbito socioeconômico, dessa forma, buscou-se uma compreensão a partir das experiências concretas dos homens e mulheres que moram na comunidade. Observou-se as relações sociais estabelecidas na comunidade por meio da percepção de quem vive no lugar; a forma como os moradores da comunidade constroem suas habitações e desenvolvem suas atividades econômicas e sociais bem como os mecanismos criados pelos moradores a partir da percepção das mudanças no ambiente de várzea. Buscamos aporte teórico e metodológico na fenomenologia, pois Relpth caracterizava a fenomenologia com um procedimento útil na descrição do mundo cotidiano da experiência humana, tendo como base a “volta às coisas mesmas”, por isso referendamos a pesquisa na Geografia Cultural/Humanista compreendendo o comportamento geográfico das pessoas bem como os sentimentos em relação ao lugar.

Palavras-chave: Experiências vividas; Relação Simbólica; Lugar; Percepção; Fenomenologia.

ABSTRACT.

The research was conducted in Miracauera community, located in the Paraná of Careiro. County Careiro da Várzea, Amazonas state. The research aimed to describe the socio-cultural organization and way of life of the residents of the community Miracauera based on their the experiences lived in place. Identify changes in the floodplain environment in Miracauera community; identify and describe the mechanisms and techniques developed by residents in the floodplain environment. we seek to understand how the resident of the Miracauera community lives with the changes that occur during the year when the rivers descend and ascend (periods of ebbs and flows) and the relationship between man and the floodplain environment, where the population has established cultural ties that space which is transformed by the dynamics of the waters where there is a symbiotic relationship. We describe the impacts suffered by the community in the socioeconomic context, thus, we sought to an understanding from the concrete experiences of men and women who live in the community. Observed the social relations in the community through the perception of those who live in the place, how the community residents build their houses and develop their economic and social activities as well as the mechanisms created by residents from the perception of changes in floodplain environment. We seek theoretical and methodological contributions in phenomenology as Relph characterized phenomenology with a useful procedure in the description of the everyday world of human experience, based on the “back the same things,” so reaffirm the research in Cultural/Humanistic Geography comprising the geographical behavior people as well as feelings about the place.

Key-words: Experiences lived; Symbolic relationship; Place; Perception; Phenomenology.

SUMÁRIO.

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I.	
O LUGAR NA ABORDAGEM DA GEOGRAFIA CULTURAL.....	20
1.1. O lugar como mundo vivido.....	24
1.2. Um lugar chamado Careiro da Várzea.....	33
1.3. Miracauera: o lugar vivido.....	43
CAPÍTULO II.	
O RITMO DAS ÁGUAS NA PRODUÇÃO DA VIDA NO MIRACAUERA.....	53
2.1. A comunidade Miracauera: histórico de ocupação.....	53
2.2. As “terras-caídas” e as mudanças na paisagem da comunidade Miracauera.....	65
2.3. Os moradores do Miracauera e suas relações com o lugar: as experiências vividas.....	79
2.4. Os moradores da comunidade Miracauera e as moradias.....	81
CAPÍTULO III.	
A PERCEPÇÃO E O MODO DE VIDA DOS MORADORES DA COMUNIDADE MIRACAUERA.....	91
3.1. O ribeirão na várzea: a identidade com o lugar.....	93
3.2. Cercados rotativos e Cobertura do cultivo.....	94
3.3. Irrigação (captação de água e utilização de mangueiras).....	96
3.4. Forma de plantar.....	98
3.5. O Subsistema roçado e quintal e o Cultivo misto.....	100
3.6. O armazenamento de sementes e os canteiros suspensos.....	102
3.7. O transporte do rebanho bovino para a “terra-firme”.....	104
3.8. Curral para o gado: adubação orgânica.....	115
CONSIDERAÇÕES.....	119
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICE.....	128-129

LISTA DE FIGURAS.

Figura 1. Área territorial do Careiro da Várzea.....	34
Figura 2. Sede do município de Careiro da Várzea (Vila do Careiro).....	39
Figura 3: Porto do Careiro da Várzea.....	40
Figura 4: Ponte ao lado da Escola Estadual Coronel Fiúza.....	42
Figura 5: A sede do município completamente inundada.....	42
Figura 6: Praça da Matriz em Careiro da Várzea.....	43
Figura 7. Área <i>core</i> da comunidade Miracauera.....	44
Figura 8: Furo do Igarapé-açú.....	46
Figura 9: Barragem na entrada do Igarapé-açú na comunidade Miracauera.....	48
Figura 10: Barragem e ponte improvisada no Igarapé-açú.....	49
Figura 11: Fragmentos de cerâmica na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM.....	53
Figura 12: Utensílio indígena às margens do rio, comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM.....	54
Figura 13: Ilha no Paraná do Miracauera, Careiro da Várzea-AM.....	56
Figura 14: Casa de oração da Assembléia de Deus.....	60
Figura 15: Rebocador “Central do Brasil” na travessia-Careiro da Várzea, Manaus/AM (postal).....	62
Figura 16: Templo atual da Assembléia de Deus na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM.....	62
Figura 17: Cultivo de cheiro-verde no cercado na comunidade Miracauera.....	67
Figura 18: Formação de acúmulo de sedimentos na restinga fluvial (comunidade Miracauera).....	67
Figura19: Acúmulo de sedimentos na frente do terreno (comunidade Miracauera).....	68
Figura 20: Paisagem da várzea na comunidade Miracauera.....	69
Figura 21: Margem (côncava) de desagregação (comunidade Miracauera).....	71
Figura 22: Cultivo próximo ao rio durante a vazante na comunidade São Sebastião, Paraná do Careiro.....	72
Figura 23: “Terras-caídas” na margem côncava (comunidade Miracauera).....	73
Figura 24: A “terras-caídas” causando mudanças na paisagem da comunidade Miracauera.....	73
Figura 25: Extensão do escorregamento (“terras-caídas”) na comunidade Miracauera.....	74
Figura 26: Área de depósito aluvial a ser usada para os cultivos no cercado (comunidade Miracauera).....	78
Figura 27: Casa de alvenaria na várzea Careirense (comunidade Beira-rio).....	82
Figura 28: Moradia na comunidade Miracauera.....	83
Figura 29: Planície de inundação na várzea do Careiro (comunidade Miracauera).....	84
Figura 30: Comércio flutuante na comunidade Miracauera.....	85
Figura 31: Assoalho suspenso pelo morador (comunidade São Sebastião, Paraná do Careiro).....	86
Figura 32: Caixa d’água para uso doméstico na comunidade Miracauera.....	88
Figura 33: Cercado rotativo na comunidade Miracauera.....	95
Figura 34: Cobertura do cultivo na comunidade Miracauera.....	96

Figura 35: Irrigação com mangueira (comunidade Miracauera).....	97
Figura 36: O preparo da terra, as leiras na comunidade Miracauera.....	98
Figura 37: O cultivo de hortaliças em leiras (covas rasas na comunidade Miracauera).....	99
Figura 38 O cultivo nas leiras (covas rasas na comunidade Miracauera).....	99
Figura 39: Quintal ao lado da casa com árvores frutíferas e plantas medicinais (comunidade Miracauera).....	101
Figura 40: Canteiro suspenso (comunidade Miracauera).....	103
Figura 41: Maromba no Careiro da Várzea próximo ao Cambixe.....	105
Figura 42: Curral na comunidade Miracauera antes do embarque do gado para a “terra-firme”.....	106
Figura 43: Embarque do rebanho bovino na comunidade Miracauera para levar para a “terra-firme”.....	107
Figura 44: Alimentação do rebanho na comunidade Miracauera.....	108
Figura 45: Vegetação coletada pelo “capinzeiro” para a alimentação do gado no Miracauera.....	108
Figura 46: Momento do embarque do gado durante a cheia na comunidade Miracauera.....	109
Figura 47: Momento do desembarque do gado na “terra-firme”.....	110
Figura 48: Ponte para o deslocamento na comunidade Miracauera durante a descida da água.....	112
Figura 49: Ponte antes de ser retirada após a descida da água na comunidade Miracauera.....	113
Figura 50: Casa invadida pela água na comunidade Miracauera.....	114
Figura 51: Ponte ligando a escola municipal ao porto na comunidade Botafogo.....	114
Figura 52: Curral para prender o rebanho à noite na comunidade Miracauera.....	116

LISTA DE SIGLAS.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IEADAM-Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Amazonas.

IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

PPGGEO-Programa de Pós-Graduação em Geografia.

TCC-Trabalho de Conclusão de Curso.

UEA-Universidade do Estado do Amazonas.

UFAM-Universidade Federal do Amazonas.

INTRODUÇÃO.

A várzea é um ambiente dinâmico e sujeito às transformações que muitas vezes causam perdas aos moradores, refletindo também na forma de ocupação e uso do solo bem como a forma de organização sociocultural. Nesse contexto, o lugar é construído a partir das relações dos homens com ele enquanto mundo vivido, bem como as experiências com o lugar, onde as relações sociais e a forma de organização social da comunidade tem uma ligação direta com o rio e sua dinâmica, que sofre mudanças sazonais devido à dinâmica fluvial (cheia e vazante).

Portanto, buscou-se essa compreensão a partir das experiências concretas dos homens e mulheres que moram na comunidade compreendendo (descrevendo) as relações sociais estabelecidas na comunidade por meio da percepção de quem vive no lugar, dessa forma, aludir de que maneira os moradores da comunidade constroem suas habitações e desenvolvem suas atividades econômicas e sociais na várzea, bem como os mecanismos criados pelos moradores a partir da percepção que eles têm das mudanças no ambiente de várzea.

Nossas reflexões tiveram como base a Geografia Cultura/Humanista, a qual busca compreender as relações das pessoas com o meio natural, compreendendo o seu comportamento geográfico bem como os sentimentos e ideias a respeito do seu espaço e do seu lugar revelando uma Geograficidade em cada sujeito como destaca Dardel (2011) referindo-se “ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, constituindo a base de recursos e das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial”. Deste modo, buscou-se um entendimento da relação dos moradores com o lugar e de como os moradores da comunidade Miracauera organizam seu modo de vida no que diz respeito à geração de renda, construção de moradias, religiosidade e formas de organização social.

O município de Careiro da Várzea-AM apresenta anualmente duas unidades paisagísticas distintas resultantes da dinâmica das águas: a cheia e a vazante. Durante a enchente são observados dois processos, a deposição sedimentar e a fertilização do solo em decorrência dessa deposição, tornando o ambiente de várzea propício à produção agrícola. Na vazante o nível de flutuação da água recua, tornando visíveis as áreas com depósitos de sedimentos conhecidas como restingas onde o agricultor desempenha suas atividades produtivas aproveitando essas áreas fertilizadas pelos sedimentos depositados durante a enchente.

Os moradores da comunidade são chamados de ribeirinhos por residirem ao longo das margens dos rios, dessa maneira os ribeirinhos desenvolvem uma relação particular com o rio, que se constitui em dado momento como uma limitação, ora uma via de contato com outras comunidades e com a cidade de Manaus. O rio não representa apenas um espaço físico para os ribeirinhos da várzea Careirense, o rio também é fonte de alimento e lugar de seu trabalho, de sua sobrevivência, ora como uma via de contato, por isso a relevância do trabalho está voltada para a compreensão do modo de trabalho dos moradores do Miracauera tendo em vista que a base econômica da comunidade é a produção de hortaliças em ambiente de várzea.

O objetivo deste trabalho foi o de descrever o modo de vida dos moradores da comunidade Miracauera a partir de suas experiências vividas no lugar; Identificar as transformações no ambiente de várzea na comunidade Miracauera por meio da percepção dos moradores; Identificar e descrever os mecanismos e técnicas desenvolvidas pelos moradores no ambiente de várzea. Nossa proposta foi também de entender como o ribeirinho da comunidade Miracauera convive com as mudanças que ocorrem durante o ano quando os rios descem e sobem (período das cheias e vazantes) e descrever a relação estabelecida entre o homem e o ambiente de várzea, haja vista este lugar ser o local onde a população estabeleceu laços culturais nesse e que é transformado pela dinâmica das águas no qual existe também uma questão simbólica nessa relação. O recorte temporal deste trabalho compreende o período de 2009-2013, enfatizando a cheia de 2009 e a de 2012, analisando os impactos sofridos pela comunidade no âmbito socioeconômico.

Esta pesquisa partiu da necessidade de compreender a relação do morador com o lugar e como foram construídas essas relações, baseadas na questão cultural. Por isso fundamentamos nossa abordagem metodológica na perspectiva fenomenológica, na qual buscamos autores inseridos na discussão como Eric Dardel (2011), pois este aborda sobre “a relação profunda e afetiva que o homem mantém com a natureza” apresentando uma relação que os homens mantêm com a natureza como uma relação existencial, que muitas vezes se apresenta de forma simbólica; Relph (1979) afirma que a “fenomenologia tem haver com princípios, com as origens do significado e da experiência” e Nogueira (2001) enfatiza as categorias mundo-vivido, representação, percepção e lugar, categorias fundamentais para a explicação das experiências vividas com o lugar. Pensamos, dessa forma “mostrar a relevância que tem o conhecimento dos lugares, adquiridos pelos homens que nele vivem e o experienciam” (NOGUEIRA, 2001, p.13) e a partir desse conhecimento fazer as inferências das relações dos moradores com o lugar.

A pesquisa foi realizada a partir das observações direta em campo com visitas *in loco*, sendo de natureza exploratória e dialogada, dessa forma ouvimos a narrativa dos moradores da comunidade Miracauera a partir de entrevistas com perguntas abertas e direcionadas por um roteiro para compreender as relações estabelecidas com o ambiente de várzea.

Por isso ouvimos os moradores do lugar e as lideranças presentes na comunidade estabelecendo alguns critérios: os moradores que moram há mais tempo na comunidade, como critério de inclusão destacamos o tempo de moradia (os que moram na comunidade há pelo menos 30 anos). Para descrever essa relação com o lugar nesse espaço vivido, a leitura de mundo foi feita a partir das experiências concretas do morador com o lugar. Entretanto, as narrativas dos moradores em relação à formação e ocupação da comunidade foram relacionadas com referências históricas para que haja uma comparação entre ambas.

Quanto aos procedimentos técnicos a pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico a partir da leitura de artigos já publicados que abordam a temática do trabalho, periódicos, dissertações e teses bem como materiais disponíveis na Internet. Partindo do pressuposto de que os fenômenos “devem primeiro ser vividos para serem compreendidos como eles realmente são” (RELPH, 1979) e compreender as relações sociais estabelecidas na comunidade, nossas interpretações foram realizadas a partir da percepção dos moradores locais considerando o que diz Merleau-Ponty (1996) “o mundo não é aquele que penso, mas aquilo que eu vivo”.

Nesse sentido destaca-se a importância do pesquisador se inserir no grupo social para vivenciar, descrever e compreender as relações sociais estabelecidas na comunidade, como enfatiza Nogueira (2001, p.13) “é necessário que partamos da realidade dos lugares demonstrada por quem o experiencia e vive no lugar, pois estes naturalmente os compreendem melhor. É importante, portanto, darmos ouvidos a eles”.

Buscamos esse aporte teórico e metodológico na fenomenologia, pois Relph caracterizava a fenomenologia como um procedimento útil na descrição do mundo cotidiano da experiência humana, tendo como base a “volta às coisas mesmas”. De acordo com Holzer (2001, p.105) “Relph foi um pioneiro na discussão sobre o uso do método fenomenológico pela Geografia”. Holzer (2010, p.37) também afirma que “a fenomenologia vem sendo utilizada como aporte teórico-conceitual da Geografia desde, pelo menos, a década de 1920”.

Para Holzer (2010, p.39) “o método fenomenológico não era visto como um conjunto de postulados a serem sempre utilizados”, isso reflete a resistência ao método fenomenológico nos estudos geográficos. Entretanto, Holzer (2010, p.37) destaca que “um grupo de geógrafos foi procurar na fenomenologia uma base teórica alternativa às que dominavam a disciplina”, a

exemplo de Relph e Dardel, que “foi [...] uma referência que permitiu a adoção, pela Geografia norte-americana, de um aporte fenomenológico; e suas ideias estão presentes nas obras dos mentores da Geografia Humanista” (HOLZER, 2001, p.107).

Conforme Holzer (2010, p.37) “Relph (1970) foi o primeiro autor a relacionar uma série de possibilidades de utilização da fenomenologia pela Geografia”. Para Holzer (2010, p.38) “a fenomenologia era definida como a filosofia dos mundos vividos da experiência humana”. Por isso entendemos que se faz necessário estar com a população local durante a pesquisa, considerando a abordagem fenomenológica como pressuposto para vivenciar os fenômenos, sendo fundamental na compreensão da relação ser-mundo, entendendo a representação do Lugar no cotidiano do morador da várzea e a questão simbólica nas representações sociais, para haver uma compreensão da relação de modo de vida ribeirinha e sua organização social, valorizando as experiências do morador com o Lugar a partir de seus relatos tendo a fenomenologia como base para entendimento dessa relação estabelecida com o lugar, pois os moradores compreendem melhor o seu lugar.

Percebendo as mudanças no ambiente de várzea os moradores desenvolveram suas atividades a partir da dinâmica do lugar evidenciando um modo de vida de acordo com as mudanças na natureza associadas à observação e percepção dessas mudanças. Nesse ambiente os moradores estabelecem suas relações sociais tomando com referência a ligação afetiva com o lugar e a criação de uma identidade construída através da convivência com dinâmica das águas onde os homens percebem sua dinâmica, modelando a natureza do lugar para responder às suas necessidades.

Dessa forma a escolha do tema se deu a partir de observações realizadas durante a elaboração da monografia de graduação, em que abordou-se sobre a atuação do atravessador no escoamento da produção de hortaliças, em que foi identificada a ocorrência de transformações no ambiente de várzea da comunidade Miracauera. A partir dessas observações surgiu o questionamento a respeito da influência dessa dinâmica no modo de vida e organização sociocultural na comunidade.

Buscamos na fenomenologia uma base para compreensão do lugar e as relações estabelecidas por quem o experiencia onde “o lugar é produzido no dia a dia na relação de trabalho, afetividade, de rejeição, de circulação, de produção de ideias, etc.” (NOGUEIRA, 2001, p.29). Nesse contexto, a pesquisa buscou uma concepção de lugar de acordo com as experiências do morador. Conforme Nogueira (2001, p.15) “este conhecimento é dado por todo o ser que vive no mundo, o ato de perceber revela o mundo tal qual ele é”. Há de se ressaltar também o simbolismo do lugar e a maneira como o morador local se apropria dos

recursos promovendo uma relação de reprodução de uma sociedade local baseada nos recursos ali encontrados e a percepção dos fenômenos existentes na natureza onde há uma reconstrução constante da paisagem. Podemos caracterizar a área do Careiro da Várzea como “espaço da água que implica um domínio baseado na mobilidade e fluidez” (CARDOSO & NOGUEIRA, 2005, p.2).

O presente trabalho está organizado em três capítulos, sempre procurando estabelecer uma relação entre o passado e o presente para compreender as mudanças que ocorreram na várzea careirense a partir da observação dos moradores e dos fatos históricos por eles narrados bem como a leitura de fontes históricas. **O primeiro capítulo** intitulado “O lugar na abordagem da Geografia Cultural” apresenta uma discussão teórica sobre o lugar, para isso buscou-se fundamentar nossas ideias sobre o lugar nos pensamentos explicitados nas obras de alguns autores que colaboraram para construção dessa nova proposta para a Geografia, e relacionamos a importância do mesmo no contexto da construção do lugar como mundo vivido (comunidade Miracauera), bem como contextualizar a respeito da formação e ocupação do Careiro da Várzea e da própria comunidade.

O segundo capítulo intitulado “O ritmo das águas na produção da vida no Miracauera” apresenta um histórico sobre a ocupação da comunidade Miracauera, a influência das “terras-caídas” no uso da terra, as mudanças na paisagem e visa a descrição das mudanças que ocorrem no ambiente da várzea enfatizando as experiências dos moradores do Miracauera e suas relações com o lugar, as experiências vividas que os moradores têm do lugar descrevendo sobre os moradores e as características das moradias como estratégias para permanência no lugar, tomando como referência a percepção dos moradores. Aborda também sobre a influência do ritmo das águas na reprodução social bem como na espacialização e desenvolvimento das atividades da população local.

O terceiro capítulo apresenta “A percepção e o modo de vida dos moradores da comunidade Miracauera”, enfatizando o modo de reprodução no lugar considerando suas especificidades fazendo uma abordagem sobre a forma como os moradores da comunidade mantêm suas relações nesse ambiente dinâmico e quais as técnicas utilizadas pelos moradores durante os períodos da cheia e vazante, baseando-se nas estratégias de uso dos recursos naturais. Dessa forma a abordagem sobre o modo de vida e a forma de organização sociocultural será descrita a partir das experiências dos moradores no ambiente de várzea, embasados no aporte fenomenológico e na Geografia Cultural.

CAPÍTULO I.

O LUGAR NA ABORDAGEM DA GEOGRAFIA CULTURAL.

A Geografia Cultural se origina no século XX na Europa, nascendo no auge das discussões sobre a própria natureza da Geografia quando esta buscava ainda uma identidade em relação às outras ciências. O despertar para as interpretações dos resultados das ações humanas na natureza impulsionou o interesse dos geógrafos para estudar essas diferenças, que são de origem cultural, ressaltando principalmente a questão da paisagem cultural e gênero de vida na relação homem-natureza.

A Geografia Cultural “é um significativo subcampo da Geografia, que a partir da Europa difundiu-se e já tem um século de existência. Contudo, a Geografia Cultural não tem no Brasil a importância que desfruta nos Estados Unidos e na Europa” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.9).

De acordo com Rosendahl & Corrêa (1999, p.7) “se a Geografia Cultural tem um berço europeu, o seu desenvolvimento e sua força são norte-americanos”, como destaca Armando Corrêa (1999, p.50) “origens européias e proeminência nos Estados Unidos”.

“Foi nos Estados Unidos [...] que a Geografia Cultural ganhou plena identidade, graças às obras de Carl Sauer e de seus discípulos, primeiramente em Berkeley e, em breve, dispersos por várias universidades. A denominada Escola de Berkeley (1925-1975) desempenhou papel fundamental na Geografia Cultural” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.10).

A Geografia Cultural tem como precursor Carl Ortwin Sauer (1889-1975) e a expressão Geografia Cultural foi difundida por este geógrafo e a “escola de Berkeley” como aponta Berdoulay (2012, p.107), sendo hoje utilizada sem, no entanto atribuir essa filiação a Sauer, como destaca Corrêa & Rosendahl (2003).

Todavia, é impossível falar na Geografia Cultural sem mencionar Sauer. Contudo, sua ideia e contribuição em uma Geografia Cultural são tão relevantes que não há como dissociá-lo, tal era essa ambição de se opor a Geografia Humana, como se relatava na Universidade de Chicago, pois as visões e opiniões em detrimento das questões sociais não eram compartilhadas por Sauer.

De acordo com Corrêa & Rosendahl (2011, p.11) Sauer “é um dos grandes nomes da Geografia”, principalmente da Geografia Cultural. Nesse sentido “a Geografia Cultural Saueriana tece importante papel na história do pensamento geográfico, deixando um rico

legado” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.11). Foi com a criação da Escola de Berkeley por ele que a Geografia Cultural “consolidou-se como um ramo da Geografia” como afirma Rosendahl & Corrêa (1999, p.8). A criação dos periódicos “*Géographie et Cultures* em francês, em 1922, e *Ecumene*, em inglês, em 1944, refletem esta importância” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.12)

Isso ocorreu quando Sauer “em 1923 transferiu-se para o *campus* de Berkeley” (GADE, 2011, p.25) para lecionar na Universidade de Califórnia, onde “estabeleceu a Geografia Cultural norte-americana, conhecida do começo do dos anos 1930 até os anos 1970” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011, p.11). De acordo com Holzer (2010, p.37) “Sauer [...] em 1925 falava em uma fenomenologia da paisagem, e de Dardel, que em 1952 compreendeu um ensaio fundamental de Geografia Existencial [...]”.

Mas é apenas a partir de 1970 que a Geografia Cultural “é revigorada” (ROSENDAHL & CORRÊA, 1999, p.8) após um período relativo “de perda de prestígio” (CORRÊA, 1999, p.51) que compreende um período entre 1940-1970. A partir daí dá-se origem à nova Geografia Cultural, “que ressurgue como importante subcampo da Geografia” (CORRÊA, 1999, p.49), onde se reaviva o interesse pela dimensão cultural do espaço. De acordo com Corrêa (1999) essa

“vigorosa retomada da Geografia Cultural está expressa também na criação, na primeira metade da década de 1990, de periódicos especializados como *Géographie et Cultures* e *Ecumene* que, ao lado do mais antigo *Journal of Cultural Geography*, contribuem para divulgar a crescente produção em Geografia Cultural” (CORRÊA, 1999, p.49).

Essa Geografia é recente, e “tem emergido após 1970 com as mudanças na Geografia Cultural de base saueriana” (CORRÊA, 2012, p.133), renovando esse subcampo da Geografia. De acordo com Claval (2001, p. 36) “a modernização da Geografia Cultural herdada do final do século XX delinea-se no final dos anos 1950”.

“A partir do final da década de 1970 e durante a década seguinte, a Geografia Cultural passou por um processo de renovação no qual a tradição calcada na Escola de Berkeley, mas também na vidaliana, foi submetida a críticas por parte de geógrafos oriundos de diversos caminhos teóricos ou de experiências em distintos contextos culturais” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.11-12).

Porém, o Brasil, apesar de haver uma produção geográfica no sentido cultural, ficou à margem do percurso dessa renovação do pensamento geográfico, pois “a influência da Geografia francesa desde o início da Geografia acadêmica brasileira e, a partir dos anos 1970,

a influência da revolução teórico-quantitativa e de um pensamento crítico acabou tornando a Geografia saueriana desconhecida entre nós” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011, p.12-13).

Nesse sentido “a Geografia Cultural precisaria esperar até a década de 1980 para que um pensamento crítico, o qual incorporasse as relações sociais, fosse introduzido por geógrafos oriundos de outras tradições, distintas daquelas que norteavam a Escola de Berkeley” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011, p.16).

No Brasil o

“NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura), criado em 1993 no âmbito do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e seu periódico *Espaço e Cultura*, criado em 1995, atestam o recente interesse pela Geografia cultural no país” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.12).

Somente com a criação do NEPEC (Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura) em 1993 insere-se a Geografia nesse percurso, com objetivos de desenvolver estudos e pesquisas que colocassem em evidência as relações entre espaço e cultura “objetivando mostrar a dimensão espacial da cultura” (ROSENDAHL & CORRÊA, 1999, p.9).

A criação do NEPEC em 1993 e do periódico *Espaço e Cultura* em 1995 refletem no Brasil o interesse e esforço em analisar o espaço sob o ângulo da cultura.

“As razões da incorporação tardia da Geografia Cultural entre os geógrafos brasileiros são várias. Entre elas estão a força da tradição empiricista, profundamente presa a uma pretensa leitura objetiva da realidade, e, a partir do final da década de 1970, da perspectiva crítica, calcada em um materialismo histórico mal assimilado (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.9)

De acordo com Corrêa (2001, p.9) “a Geografia Cultural desempenhou, na história do pensamento geográfico, um significativo papel, oferecendo uma contribuição particular para a compreensão da ação humana sobre a superfície terrestre”. Em uma conferência sobre “Carl Sauer e a Escola de Berkeley”, Corrêa “considerou a contribuição da Geografia saueriana na interpretação da obra do homem na superfície terrestre” (ROSENDAHL & CORRÊA, 2001, p.7-8).

Conforme Gade (2011, p.26) “Sauer também publicou estudos sobre o papel do homem na transformação da Terra” dando ênfase a “importância dada ao passado e a integração do homem com a natureza” (GADE, 2011, p.29).

Sauer também “analisa a capacidade do homem de alterar no meio ambiente os efeitos historicamente acumulados” (CORRÊA, 2001, p.18). Nessa perspectiva “sobressai-se a Escola de Berkeley que, em 1925 e 1975 [...] caracterizou a Geografia Cultural norte-

americana” (CORRÊA, 2001, p.9). Sauer, além de criador dessa escola deixou um legado histórico formando algumas gerações de geógrafos que a fizeram avançar.

“No processo de renovação e revalorização da geografia cultural diversas influências se fazem presentes. De um lado, a própria tradição Saueriana e o legado vidaliano. De outro, a influência das filosofias do significado, especificamente da fenomenologia, e do denominado materialismo cultural de Raymonds Willians. Um grande relacionamento com as humanidades em geral enriqueceu a geografia cultural” (CORRÊA & ROSENDAHL, 2011.p.12).

Nascida na Alemanha, a Geografia Cultural alemã considerava as paisagens como um conhecimento específico que servia para diferenciá-la das outras ciências. Esta Geografia considerava a paisagem como uma unidade espacial. Todavia, foram os enunciados contidos no artigo de Sauer (1925) *The Morfology of Landscape*, que fundamentaram a Geografia Cultural norte-americana, entre eles: a valorização da relação do homem com a paisagem (ambiente), que por ele é transformada; a análise desta relação sempre feita a partir da comparação com outras paisagens, gerando uma visão integral da paisagem que individualiza a Geografia.

Na concepção de Claval (2001, p. 54) “[...] toda realidade humana é fundamentalmente cultural e só pode ser compreendida caso aceitemos nos colocar no lugar daqueles que a vivem e que a configuram”. Aqui nossas interpretações estão fundamentadas na fenomenologia e como Claval também buscaremos na questão teórica a relação que os homens estabelecem no lugar, entendendo o mesmo como suas realidades particulares, sendo necessário compreender essa categoria geográfica produzida a partir das experiências dos homens.

Esse comportamento revela “[...] as atitudes que os grupos mantêm com os lugares onde vivem, a maneira como mobilizam seus recursos naturais e as responsabilidades que se atribuem quanto ao funcionamento dos ecossistemas e na prevenção dos desequilíbrios graves que podem afetá-los” (CLAVAL, 2001, p. 55).

De acordo com Holzer (2000, p.135) “a escola americana priorizava um aspecto do trabalho, o de atribuir à Geografia o estudo da diferenciação de áreas”. No entanto a unidade espacial escolhida por Sauer para essa finalidade era a Paisagem Cultural, que dependia da atuação humana para ser caracterizada. A valorização do mundo vivido pode ser atribuída a Sauer pela importância dada à visão fenomenológica, bem como o resgate e retomada das categorias geográficas.

Nossa proposição nas nossas interpretações neste trabalho é falar sobre o lugar enquanto categoria de análise, pois a mesma é construída a partir das experiências para compreender a relação dos homens com o lugar enquanto resultado das experiências vividas das pessoas que moram no lugar, partindo do entendimento da experiência dos grupos no lugar, onde “os lugares estão impregnados de significados” (CORRÊA, 2012, p.138) sentimentos e simbolismos construídos pelos moradores.

1.1. O lugar como mundo vivido.

O conceito de lugar recebeu diversas interpretações ao longo do tempo. Uma das mais antigas definições de lugar foi apresentada por Aristóteles, onde o lugar seria o limite que circunda o corpo. Edward Casey (1997) citado por Relph (2012, p.18) “mostrou que o lugar fazia parte da preocupação dos filósofos desde a antiguidade clássica até cerca de 1600”, destacando que Platão considerou lugar como “alimento do ser”.

Na Geografia Cultura e Humanística este conceito é retomado no início da década de 1970. Essa linha de pensamento apresenta a valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente onde são desenvolvidas relações afetuosas, sendo que o lugar recebe um significado atribuído por quem vive e o experiencia, tendo, portanto relações sociais e individuais na constituição e construção do lugar.

A defesa do lugar na Geografia foi intensificada a partir de 1970 e 1980 e “foi inicialmente uma alternativa para o achatamento da disciplina” (RELPH, 2012, p.19), pois a Geografia foi concebida nas suas origens como o estudo dos lugares de forma que o mesmo era marginalizado, deixado de lado.

A categoria lugar passa então a ser utilizada na Geografia Cultural como fundamento das suas interpretações a partir da década de 1970, a partir dos trabalhos de Anne Buttiner, Y-Fu Tuan e Edward Relph, consolidando uma identidade particular à própria Geografia Humanista, sendo possível essa discussão graças ao aporte filosófico da fenomenologia.

Contudo, Relph (2012, p.17) faz a seguinte observação, “pouco havia sido publicado sobre o tema”, pois não havia artigos e trabalhos que dessem importância a essa categoria de análise que por muito tempo foi relegada e marginalizada, sendo colocada apenas em sentido de localização nos estudos positivistas.

Holzer (2012, p.281) também enfatiza que o lugar que era considerado “um conceito marginal para a Geografia, foi por longo tempo associado ao conceito de locação”, relacionando à localização de determinados pontos nos mapas. Destaca ainda que esse termo

foi relegado, deixado de lado pelos geógrafos e o lugar era considerado apenas uma mera descrição de localização.

Seguindo o pensamento fenomenológico, Holzer (2012, p.282) afirma que o “lugar [...] trata da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) e seus fundamentos”, construídos a partir das vivências e das experiências humanas e de suas relações com o espaço. Deste modo, o conhecimento dos lugares é um fato da experiência, ou como destaca Marandola Jr. (2012, p.15) “essência da experiência geográfica”, constituindo nesse aspecto uma das ideias geográficas mais importantes atualmente, o lugar, no sentido geográfico, exaltando a relação entre sujeito e lugar. Conforme Marandola Jr. (2012, p.17) “o lugar em seus vários aspectos e sentidos, é uma ideia-chave para enfrentar os desafios cotidianos”, e entender as formas de relações identificadas no lugar.

Relph (2012, p.17) destaca ainda que “o conceito de “lugar” não era um tema que atraía a atenção dos estudiosos”, e cabe lembrar que a ênfase no lugar é algo muito recente, portanto, não havia o interesse em estudar as relações que existem no lugar, por conta disso a teoria sobre o lugar formulada por Dardel ficou esquecida, sendo retomada apenas em 1990. Na concepção de Dardel (2011, p.14) “a “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência”.

Dessa maneira o lugar reafirma a condição humana, estabelecida pela percepção na relação dos homens com os lugares, como nos afirma Relph (2012, p.19) “lugar é o fenômeno da experiência”, dessa forma, o lugar enquanto fenômeno é experienciados pelos moradores do lugar no seu modo de vida, nas suas ações e práticas, nas suas relações sociais onde a Terra é base e meio de suas realizações, como destaca Oliveira (2012, p.3) “o lugar acompanha sempre o homem”, constituindo a base da existência humana onde “os lugares emergem como fenômenos vividos e significativos” (COSGROVE, 1998, p.23).

Percebe-se nesse contexto a ligação intrínseca entre homem e lugar nas relações, pois o mesmo carrega um pouco do lugar consigo, de acordo com Dardel (2011, p.41) “podemos mudar de lugar [...] mas ainda é a procura de um lugar”, reiterando que o lugar é a fundação de nossa existência terrestre e de nossa condição humana, base do sujeito e fundamento de toda consciência.

Destacamos ainda que o lugar é fundamental na relação das pessoas com o seu lugar de moradia, onde as relações sociais de produção são experienciadas pelos homens que nele habitam e o produzem no cotidiano, portanto, o lugar é reflexo da inserção do homem na produção da vida.

O lugar ao qual falamos é o espaço vivido do qual fala Merleau-Ponty (1996, p.278) “o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”, consideremos também que o lugar conforme afirma Nogueira et al (2006, p.3) “não é o palco dos acontecimentos” mas “o lugar que é construído a partir da experiência de vida de cada sujeito que o habita” (NOGUEIRA, 2007, p.87).

Procurou-se então compreender o lugar a partir da relação existencial entre homem e mundo, onde o lugar enquanto espaço vivido “vai sendo construído numa relação intersubjetiva entre o homem e ele” (NOGUEIRA, 2007, p.87).

O lugar não é apenas mais uma composição de paisagens, traz consigo também as lembranças, os costumes, as raízes culturais dos moradores, constituindo a razão e o fundamento da existência do ser, é um espaço fundamental para o desenvolvimento da vida humana.

No conceito de lugar está a essência, que para Dardel (2011, p.40) é “como suporte do Ser” e bases e posição da existência de toda ação do homem. Na concepção de Holzer (1999, p.67) “hoje o “lugar” é um conceito fundamental para o estudo da Geografia”, não deixando de lado essa categoria de análise geográfica, pois no lugar está a essência da condição do homem, haja vista a questão das relações de afetividade na relação homem e natureza.

Entretanto, essa categoria de análise geográfica só adquiriu importância para a disciplina a partir da década de 1980. Todavia, desde que a Geografia foi implantada nas academias como disciplina, sempre partindo de uma visão ainda positivista da ciência, o lugar foi estudado em segundo plano pelos geógrafos, pois não davam a devida valorização em relação a essa categoria de análise geográfica e principalmente as relações que são estabelecidas no lugar pelos grupos sociais que desenvolvem suas atividades.

Conforme Relph (2012, p.13) “o lugar é considerado uma das essências básicas da Geografia Humanista”, pois essa relação existencial adquire um significado profundo e cada vez mais íntimo com o lugar, por isso deve-se pensar na importância que o lugar tem para o grupo social que ali vive.

De acordo com Holzer (1999, p.67) “na Geografia Clássica, do início do século, quando o estudo e a confecção de mapas eram um dos fundamentos da disciplina, o lugar em seu sentido locacional era utilizado para definir a Geografia”, desconsiderando as relações humanas estabelecidas no lugar, levando em si uma visão apenas descritiva sem relacionar com as ações humanas e suas representações para os homens que experienciam o lugar.

A ideia de La Blache (1913) apud Holzer (1999, p.1) preconizava que “a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”. Essa concepção foi a que prevaleceu durante 50 anos,

porém, as integrações que a Geografia deve analisar são aquelas que variam de lugar para lugar. Assimilava-se a conceituação de lugar com a origem da disciplina, diminuindo as discussões dessa categoria de análise que ficava limitada em sua essência e no sentido etimológico da palavra no sentido descritivo.

Conforme Relph (2012, p.19) “a Geografia foi concebida desde suas origens como o estudo de lugares e regiões” ligado aos estudos descritivos dos lugares e suas características, não levando em consideração a representação do lugar e sua importância para compreender as realidades geográficas, que se difere em cada lugar, pois contém características peculiares.

Provavelmente Sauer foi o primeiro a romper esse paradigma desvinculando o lugar desse sentido apenas locacional, vendo assim a disciplina como além da ciência, por isso Sauer vinculava o conceito de “paisagem cultural” onde a “cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado” (SAUER, 1983, p.343 apud HOLZER, 1999, p.68).

Para Sauer “os fatos da Geografia são fatos do lugar; sua associação origina o conceito” (SAUER, 1983, p.321 apud HOLZER, 1999, p.68). Nesse sentido, ressaltamos a importância das relações existentes no lugar, as quais constroem e afirma uma identidade que está relacionada com o sentimento pelo lugar, por isso as relações vividas são fundamentais na construção do conceito de lugar, partindo da compreensão das relações das pessoas que moram no lugar.

Dardel ao propor um estudo no aspecto fenomenológico, relacionava a Geografia vivida em ato, a partir da exploração do mundo e à ligação do homem com sua terra natal, enfatizando uma relação concreta que “liga o homem à Terra [...] como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p.1, 2).

Conforme Holzer (2001, p.103) o objetivo da obra de Dardel é “fazer uma análise fenomenológica da relação visceral que o homem mantém com a Terra”. Ele relacionava a distância, que obrigaria a construção do mundo tendo o corpo como referência. Dardel (2011, p.14) afirmava que a direção define a situação associada à distância, resultando em um “sítio estável e inerte” (“o lugar”). Para Dardel (2011, p.2) “a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino”.

Para este autor a paisagem é uma manifestação mais ampla e complexa que o lugar. Ela se refere às ligações existenciais do homem com a Terra, tendo “a Terra como lugar, base e meio de sua realização” (DARDEL, 2011, p.31). Essa referência existencial com a Terra demonstra um sentido de pertencimento a um mundo, conforme Tuan (1979, p.421) apud HOLZER (1999, p.70) “todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no

entanto, pode ser encontrado explicitamente [...] na rede intangível das relações humanas”, onde são estabelecidas com o lugar de vivência.

Lugares também podem ser “símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação” (HOLZER, 1999, p.70). Portanto, o lugar não é só um fato, ele é a realidade a ser compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado, das pessoas que desenvolvem suas relações com o lugar e expressam um gênero de vida específico e particular daquele lugar a partir das representações e da importância do lugar e da dinâmica que existe no lugar.

Após a aproximação da Geografia à Filosofia, destacaram-se a linha de pensamento existencialista e fenomenológica, que encontram na subjetividade humana as interpretações para suas atitudes perante o mundo (MELLO, 1990; HOLZER, 1993; HOLZER, 1997; HOLZER, 2012). Destacam-se também Edward Relph, Eric Dardel, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer na corrente humanística, onde o lugar para esses autores é principalmente um produto da experiência humana, em suma, lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização, vai além desse aspecto, é o reflexo das experiências dos homens com o lugar.

Conforme propõe Relph (1979) o lugar “não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes [...]”, e são esses aspectos que são fundamentais na essência do lugar.

Lugar expressa um significado construído por meio da experiência humana, tratando as relações afetivas as quais desenvolvemos ao longo do tempo a partir da convivência no lugar. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos ou procuramos segurança, procuramos um lugar, para repouso, aconchego, como afirma Relph (1979) “os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o ambiente e as atividades ali desenvolvidas”.

Para Holzer (1999, p.70) “a preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos”. Assim remete à questão da construção das relações diárias e as experiências humanas vividas no lugar construídas no dia a dia.

Neste trabalho nos posicionamos “pela Geografia que buscou entender o lugar não apenas como localização, mas como fenômeno experienciado pelos homens que nele vivem”

(NOGUEIRA, 2001, p.19) destacando principalmente as relações desenvolvidas no cotidiano que constroem o lugar, uma vez que o mesmo é fruto das experiências dos homens.

Dessa forma o lugar ganhou importância e significado nas interpretações da relação humana com o meio em que vive. Nesse sentido o lugar constitui uma das principais categorias espaciais da Geografia Humanista-Cultural, enfatizando o espaço que contém as experiências dos sujeitos, que é impregnado de histórias, de signos, símbolos e representações.

Para Tuan (1980) apud Costa (2009, p. 39) “cada lugar tem um significado especial para quem o experiencia, menciona que os lugares podem ser considerados pequenos mundos se considerar o grau de particularidade vivida em cada e por cada um dos indivíduos arraigado de emoções e sentimentos”. Nesse sentido, há também a perspectiva de lugar enquanto localização, pois além de representar as relações do mundo vivido, tem-se concomitante as relações na construção do lugar resultante das experiências e dos sentimentos das pessoas com o lugar.

Acerca do conceito de lugar, na perspectiva da localização, Tuan (1980) apud Nogueira (2001, p.44) conclui que

“lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado”. (TUAN, 1980 apud NOGUEIRA, 2001, p.44).

Partindo da premissa que cada lugar é construído a partir das experiências individuais dos homens com o mundo vivido que o rodeia, para interpretá-lo, de acordo com Costa (2009, p.40) “exige do geógrafo humanista/cultural uma desconstrução primeiro das suas concepções de mundo para em seguida estar apto para poder interpretar o mundo vivido das outras pessoas”.

Nesse sentido Buttimer acrescenta: “mas se queremos compreender a experiência do outro – observar o mundo com seus próprios óculos – é necessário entrar em diálogo com ele, convidá-lo a se revelar em seus próprios termos” (BUTTIMER, 1985 apud COSTA, 2009, p.40) para que possa ser descrita a experiência do outro a partir da relação que ele tem com o lugar, enfatizando percepção que a pessoa tem daquele lugar.

Conforme Nogueira (2001, p.13) “é interessante ver primeiramente os lugares com olhar de quem nele habita e a partir daí olhar o mundo, que é construído cotidianamente nesta

relação com os lugares”, pois estes o compreendem melhor, sendo indispensável à inserção desses sujeitos para que possa ser compreendida a sua relação com o lugar.

Nesse sentido destacamos a importância do lugar no cotidiano do ribeirinho da comunidade Miracauera e suas relações estabelecidas nesse espaço vivido e concebido a partir das representações simbólicas do lugar, e principalmente, a reprodução social nesse ambiente sazonal e dinâmico, entrando em cena a percepção dos fenômenos experienciados no lugar.

Dessa forma, temos uma relação dinâmica e peculiar nesse ambiente, pois anualmente o fenômeno da cheia e da vazante modifica a paisagem de várzea e a vazante também, assim, o ribeirinho tem o seu modo de vida direcionado e influenciado a partir desses fenômenos, como salienta Nogueira (2001, p.11) “a cada paisagem que se forma eles atentamente reaprendem seus percursos, acrescentando as novas informações que aparecem”, e com essas novas configurações na paisagem que compõe o ambiente de várzea os moradores utilizam os recursos que são disponibilizados com as deposições constantes.

Essas mudanças são percebidas pelo ribeirinho e o mesmo aproveita a paisagem transformada por essa dinâmica para estabelecer suas relações, tanto sociais como econômicas bem como o uso dos recursos naturais. De acordo com Nogueira (2001, p.15) “essa percepção do mundo vai se construir a partir da experiência de cada sujeito que nele vive”, nesse sentido entendemos que “o mundo percebido não é apenas meu mundo, é nele que vejo desenhar-se as condutas de outrem, eles também o visam e ele é o correlativo, não somente de minha consciência, mas ainda de toda consciência que eu possa encontrar” (MERLEAU-PONTY, 1996 apud NOGUEIRA, 2001, p.15).

Embasados nessa Geografia buscamos entender o lugar não apenas como mera localização, mas como fenômeno experienciados a partir das experiências dos homens que nele vive. Como escreveu Dardel, fomos buscar aquele homem para quem a realidade geográfica é primeiramente aquele “lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai a sua presença” (DARDEL, 2011, p.34), aquilo de dá sentido a vida.

Essa categoria é fundamental para compreender como se processa e como se dá a relação humana em sociedade com o lugar e a importância do mesmo para a sociedade local. Os grupos humanos se fixam nos lugares e deles extraem os seus recursos e estabelecem laços culturais criando representações sociais para consolidar sua cultura no lugar, no caso específico aqui representado temos o rio como elemento mediador nas relações estabelecidas na comunidade Miracauera tendo em vista a dinâmica sazonal que influencia nas formas de relações com o lugar. Essas relações com o lugar são estabelecidas por meio de topofilias ou

topofobias formando elos afetivos ou de relação de medo com os membros do grupo com os lugares.

Sobre o lugar, Tuan (2012) em sua obra *Topofilia*, traz uma abordagem de cinco campos que servem até hoje de suporte aos geógrafos humanistas, sendo consideradas indispensáveis na interpretação dos lugares. A obra também descreve a relação de sentimento e de apego das pessoas em relação aos lugares, “manifestações específicas do amor humano por lugar” (TUAN, 2012, p.135).

O lugar é interpretado como palco da existência humana, experiência imediata do homem, lugar de vida e de representações que lhe dão sentido e identidade, sendo, portanto possível de ser percebida através também da subjetividade, sentimentos, emoções e valores, resultado da relação homem X ambiente que o indivíduo percebe com o corpo ou sentidos: olfato, visão, tato entre outras coisas.

Conforme Mello (2011, p. 87) “o autor transita da Geografia da percepção para o horizonte humanístico e desenvolve como temática central o conceito vivido concernente aos laços topofílicos, ou seja, a todo tipo de ligação afetiva entre os seres humanos e o meio ambiente”.

A obra *Topofilia* descreve a relação de sentimento e apego ao lugar das pessoas, é um sentimento despertado a partir do espaço apropriado, da convivência e da felicidade, das experiências que as pessoas vivem e possuem do lugar. Portanto, é necessário “[...] compreender a maneira como as pessoas vivenciam a experiência do lugar onde vivem e daqueles que visitam ou atravessam quando viajam” como destaca Claval (2001, p. 45).

O primeiro contato que as pessoas têm com o mundo ocorre através da sensação do ambiente, que leva à percepção, e, por conseguinte forma as imagens mentais, muito utilizadas pelos moradores nas comunidades, segundo as quais elas possuem significado conforme suas sensações, emoções e experiências de acordo com suas dimensões históricas, sociais e culturais nesse mundo vivido.

A percepção é a primeira forma de conhecer e perceber o mundo tal qual ele se apresenta diante das pessoas que experienciam o lugar, nesse sentido, Merleau-Ponty (1996) também enfatiza a percepção na relação ser-mundo, considerando a fenomenologia como o estudo das essências, pois se dedica em conhecer as essências das vivências/experiências dos sujeitos com o lugar, na qual destaca a essência na existência.

Convém lembrar que Tuan (1983) afirma que “conhecemos o nosso lugar; cada um tem o seu lugar”, portanto, a percepção humana da realidade é individual, mas podemos entendê-la de forma coletiva, como destaca Tuan (2012) e Okamoto (1999) “a possibilidade

de vários seres humanos compartilharem de percepções comuns por viverem em um mesmo mundo”, dessa forma, o lugar é constituído a partir da experiência que temos do mundo e as formas de percebê-lo, nessa relação do homem com o lugar revela-se uma Geograficidade, como denomina Dardel (2011, p.2) “uma relação concreta liga o homem à Terra”.

Relph (1976) apud Holzer (2010, p.8) “observa que na vida cotidiana os lugares são experimentados [...] a partir das experiências pessoais”, colocando o lugar como fundamento da nossa identidade onde habita o ser. O lugar é o mundo da vida, nele vivenciamos experiências vividas, percebidas de vários outros lugares.

No lugar percebe-se a presença humana, a inter-relação entre os homens e entre estes com a natureza. O lugar é a própria dimensão do mundo vivido e das experiências cotidianas dos homens, um espaço com valores simbólicos que expressam uma representação social tanto individual como coletiva e portador também de uma memória.

Dessa forma, não devemos olhá-lo como se estivéssemos fora dele, mas devemos perceber nossa condição de sujeito que está no mundo e que tem dele uma experiência, onde são estabelecidos laços culturais e representações que reafirmam a identidade com o lugar, nesse caso, o lugar vivido pelas pessoas.

Deste modo, entendemos que o lugar é fundamental para o desenvolvimento das sociedades, cada uma a seu tempo se desenvolveram em lugares diversos e estabeleceram uma relação cultural com o mesmo, criando seus códigos e representações simbólicas que identificam e estabelecem a criação de uma identidade na construção do lugar.

Buscamos compreender o lugar enquanto mundo vivido, produzido e experienciado pelas pessoas que nele habitam, não apenas como um lugar em termos de localização, mas como também um lugar de vida, de circulação, de reprodução social, como afirma Dardel (2011, p.32) “lugar de um combate para a vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social”.

Neste trabalho enfatizamos a categoria lugar sob um olhar fenomenológico, aludindo o conhecimento concreto que as pessoas têm do lugar e suas experiências vividas, resultado de experiências, pois a fenomenologia nos oferece suporte teórico para sustentar nossas proposições, tendo em vista que parte de nossas descrições são frutos de uma descrição direta de nossa experiência vivida e como ela se apresenta pelos moradores.

Para isso, nos baseamos na concepção de Relph (1978, p.10) e entendemos que “é necessário excluir as crenças nas explicações existentes e, igualmente, sobre nossos preconceitos, tentar colocar-nos na posição daqueles que estão experienciando o fenômeno”. Portanto, nossas análises sobre o lugar serão relacionadas com os fenômenos vivenciados

pelos moradores, pois eles o compreendem melhor, e tem uma relação estabelecida com o lugar, que está sendo trabalhado sob a perspectiva fenomenológica neste trabalho.

Nas palavras de Oliveira (2012, p.3) “há uma infinidade de definições de lugar e de sentido que varia conforme as teorias e os autores”, isso explica as diversas formas de estudar e analisar o lugar, bem como as mudanças e as relações de apego ao lugar enquanto mundo vivido, do qual as pessoas têm uma experiência vivida na construção dos lugares, um envolvimento essencial com o lugar. Nesse sentido, partimos dessa concepção de lugar e das reflexões a respeito dessa categoria de análise e sua essência para o lugar vivido, a várzea careirense, e procuraremos entender esse lugar baseado na mobilidade e fluidez a partir das relações construídas nesse lugar dinâmico.

Pensamos em demonstrar o lugar a partir das experiências dos moradores que ali residem, e, portanto tem uma experiência de vida, pois os homens e mulheres do lugar têm dele experiências pessoais, sensações e emoções, lembranças boas e desagradáveis, como salienta Nogueira (2005, p.27) “o lugar é um importante componente de nossa identidade como sujeito”. Para Holzer (2001, p.115) “as essências só podem ser vistas a partir da experiência do fato e o fato só pode ser tratado considerando-se a visão das essências”.

Para Holzer (2001, p.106) “o lugar seria um modo particular de relacionar as diversas experiências do espaço”. Todavia, o lugar que é compartilhado por eles é também individualizado a partir das suas experiências e o destaque se dá na relação de afeto, apego e sentimentos em relação ao lugar, pois há uma construção que remonta a períodos e o cotidiano das pessoas, por isso a perspectiva fenomenológica deixa de priorizar a descrição e nos desafia a descrever o mundo vivido pelas pessoas que experienciam os fenômenos, por isso vamos entender o Careiro da Várzea e o Miracauera enquanto lugar vivido.

1.2. Um lugar chamado Careiro da Várzea.

Para compreendermos as relações estabelecidas e existentes no lugar, buscamos o contexto histórico sobre o lugar onde está inserida a comunidade Miracauera. Procuramos conhecer a história da formação do município denominado Careiro da Várzea e como ocorreu o processo de ocupação desse lugar onde predominam as características físicas do ambiente de várzea para realizar nossas interpretações a respeito das relações estabelecidas nas comunidades.

O município de Careiro da Várzea está localizado na região do Rio Negro-Solimões, na porção leste do Estado do Amazonas a 22 km de Manaus, todavia, para os comandantes de

embarcações o tempo de deslocamento depende da potência do motor e da quantidade de paradas durante o trajeto. O acesso ao município (figura 1) e à comunidade Miracauera se dá por meio do transporte fluvial que são realizados em pequenas embarcações ou barco regional que saem diariamente do porto de Manaus ou em lanchas que operam em duas cooperativas e saem do porto do Ceasa em direção ao município.

Essa modalidade é predominante Região Amazônica e muito utilizado pelos ribeirinhos para deslocamento e desenvolvimento de suas atividades diárias, tanto deslocamento como para manter contato com as comunidades próximas e com a cidade. Vale ressaltar que diariamente as lanchas *expressos*¹ “sobem” para Manaus, cada uma no seu horário, retornando também nos seus respectivos horários.

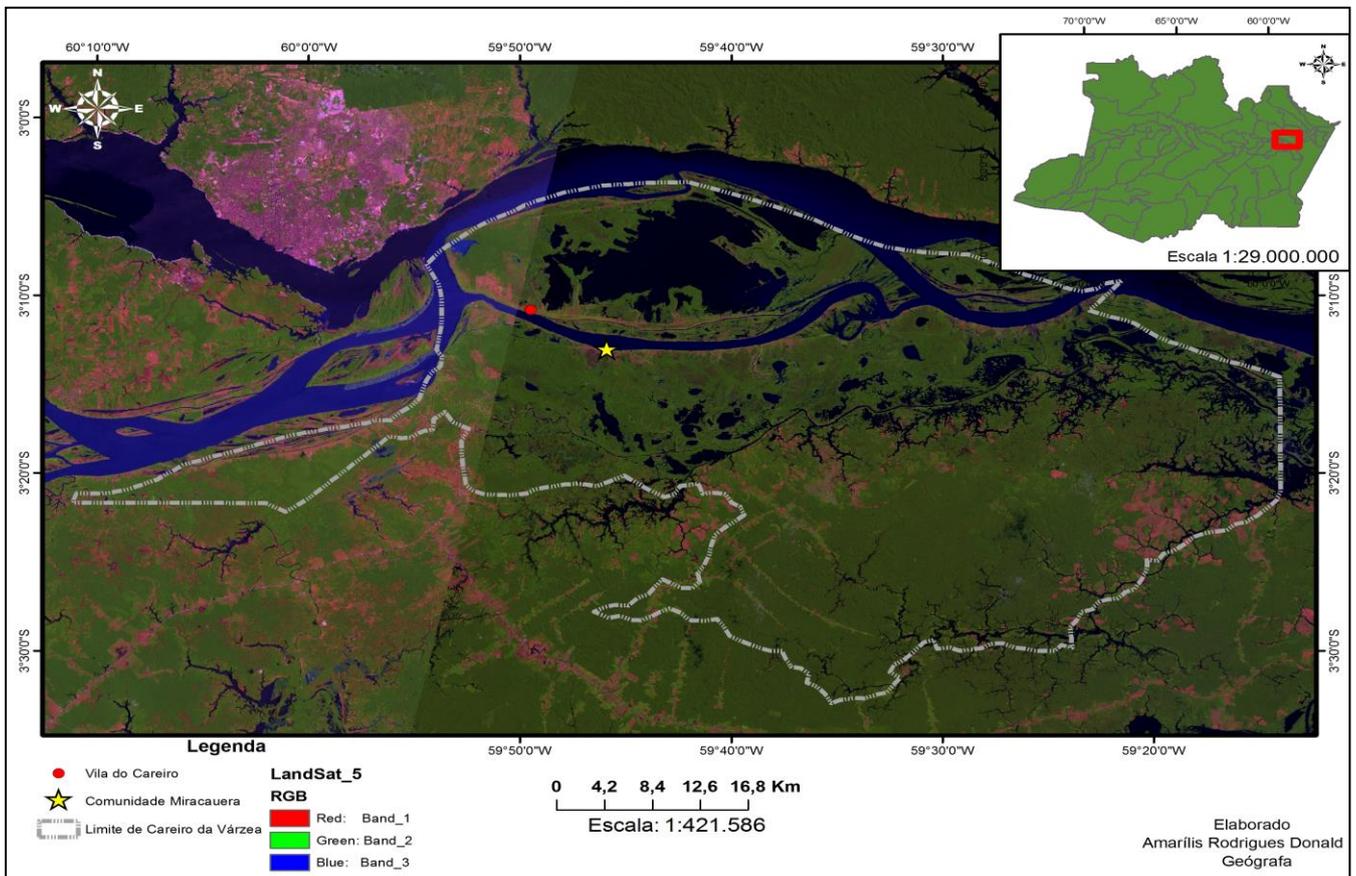


Figura 1: Área territorial do Careiro da Várzea. Elaboração: DONALD, A.R. (2013).

O transporte fluvial é importante para as comunidades não apenas para o deslocamento, como também para abastecimento das mesmas, pois para a maior parte das comunidades é a única alternativa para chegar à maioria das comunidades sendo habitadas por populações que tem no rio uma das suas fontes principais de vida. A utilização do transporte fluvial no Amazonas revela a dependência dessa modalidade para a população ribeirinha, que

¹ Modalidade de transporte fluvial no Amazonas, o *expresso* é construído com material em aço ou ferro, utiliza uma ou duas máquinas potentes capaz de desenvolver boa velocidade.

atende a necessidade da população que já está habituada com essa relação de tempo-distância. Os rios são como estradas, sendo eles indispensáveis para a manutenção do cotidiano das relações sociais e econômicas da região. Portanto, o rio tem significância na representação no cotidiano e na vida do ribeirinho, pois está intrinsecamente ligado à questão da reprodução social e o apego ao lugar.

No levantamento realizado sobre a origem do Careiro da Várzea, registra-se como um dos mais antigos moradores do Careiro, em 1870, conforme o trabalho de Nogueira (2007, p.88) o senhor Francisco Ferreira. Mas somente no ano de 1938, através do Decreto Lei nº. 176 cria-se no município de Manaus, o distrito do Careiro. Em 1955, é desmembrado do município de Manaus e o Careiro passa a ser município autônomo, no mesmo ato, a Vila do Careiro (sede do município) é elevada à categoria de cidade (IBGE, 2013).

O Careiro foi sendo construído ao longo de uma faixa marginal no trecho que compreende o Solimões-Amazonas, e conforme as características do ambiente recebeu posteriormente a denominação de Careiro da Várzea, pois 90% do município é constituído de ambiente de várzea. Entretanto, existem duas versões sobre essa denominação. Conforme Nogueira et al (2006, p.9) uma delas faz alusão aos relatos dos moradores que descreveram a existência de um comércio que pertencia ao Senhor Francisco, que por vender tudo muito caro, a população sempre reclamava que “tudo era careiro”.

Essa denominação de Careiro coincide com as informações obtidas durante entrevista com um morador da comunidade Miracauera, o senhor Santos, que afirma sobre a existência de um comércio na entrada do município via fluvial, conhecida como “boca do Careiro” pertencente ao senhor Francisco. O seu Santos descreve sobre a existência desse comércio localizada à montante da ilha do Careiro, por isso a denominação de “boca do Careiro”, onde havia um comércio flutuante:

“Lá na entrada do Careiro, na boca do Careiro, tinha há muito tempo o comércio do seu Francisco. Lá ele vendia as coisas tudo muito caro, quem comprava lá reclamava o tempo todo que aqui é “careiro”. Como todos os viajantes tinham que passar na entrada do Careiro, era preciso comprar nesse comércio onde tudo era caro, por isso chamaram o lugar de Careiro porque as coisas era tudo cara” (Seu Santos, 2013, morador do Miracauera, 2012).

“Tinha lá na boca do Careiro um comércio flutuante, lá na entrada do Careiro, era um comércio sortido, cheio de mercadorias, quem passava pro lá nas viagens precisava comprar, e tudo que era vendido era muito caro, as pessoas achavam que era caro, então começou a espalhar a conversa e o lugar ficou com esse nome, porque as coisas vendidas tinham um preço alto. Quando as pessoas iam pra Manaus paravam lá pra comprar alguma coisa, e só tinha esse comércio, por isso ele vendia um pouco mais caro, ele foi uns dos premeiro morador do Careiro” (Entrevistado nº2, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

Essa narrativa do seu Santos durante a entrevista relaciona as histórias que ficaram registradas na memória de quem viveu e passou essas experiências para os outros por meio de seus relatos orais, pois quase não há registros históricos documentados para que sejam utilizados como referências, assim recorreremos à esses relatos que forneceram as informações para a construção deste trabalho, pois estes contém “experiências de quem vive, percebe e constrói os lugares” (NOGUEIRA, 2005, p.10), enfatizando que é “na relação intersubjetiva, social, que se constrói os lugares” (NOGUEIRA, 2005, p.17), desta forma as informações obtidas durante as entrevistas são consideradas fidedignas e serão fundamentais na compreensão da relação ser-mundo que observa-se na comunidade.

O relato do seu Santos se assemelha à informação obtida por Nogueira (2001) com moradores mais antigos nesse município, que relataram a existência de um comércio que pertencia a Francisco, que vendia tudo muito caro. Segundo Stradelli (1929) o nome vem da etimologia tupy carero, que significa *cepyassuára*, *cepyassuuéra*, tendo as seguintes variações: *cepiasú* = caro, preço grande, elevado, *cepiasusáua* = carestia. Isso justifica o nome do município, que está diretamente ligado às relações de toponímia que são evidenciadas no município no contexto da formação das demais comunidades que compõem o referido município.

A outra versão dos moradores é do termo indígena “carero” que significa “caminho de índios”, sendo essa denominação atribuída pelos pilotos de aeronaves que sobrevoavam a região e confundiam o Paran² do Careiro com “caminhos de índios” devido à característica que o canal principal apresentava, estando vinculada ao rio que corta e circunda a ilha fluvial. A atual sede do município de Careiro da Várzea é o ex-povoado de Vila do Careiro como ainda é chamado pelos moradores. Os primeiros habitantes da região do Careiro eram indígenas da etnia Mura e que muito resistiram às investidas do homem branco, porém, após inúmeras tentativas, desistiram e fugiram, conforme Nogueira et al (2006, p.10) “os Muras foram contatados no primeiro momento pelo navegador Francisco Ribeiro Sampaio em 1774”. Os índios que sobreviveram posteriormente assinaram um acordo de paz com o governador da Província, onde os indígenas reivindicavam também suas terras de volta, sendo este último pedido ignorado, dessa forma, os invasores foram se apropriando cada vez mais das terras, mas desconheciam a dinâmica do lugar, o que fez com que essa ocupação nesse período tenha tido fracasso devido ao desconhecimento do ambiente e suas peculiaridades.

² O extenso, largo e profundo braço de um grande rio, que na planície de inundação amazônica forma uma grande ilha (SOARES, 1977).

Outro período de ocupação do Careiro da Várzea está relacionado à migração nordestina em 1887, devido aos graves problemas sociais enfrentados em decorrência das secas no nordeste. Essa migração deu início ao “processo de repovoamento do lugar” (NOGUEIRA, et al, 2006, p.10). Em 1889 os primeiros grupos desembarcaram no Paraná do Careiro. O governador da província Joaquim Oliveira Machado deu origem a duas colônias, uma em Janauacá (Santa Maria) e a outra no Cambixe (13 de maio) com o propósito de produzir alimentos para suprir a demanda da capital. Posteriormente a colônia foi elevada a categoria de Vila devido ao crescimento da colônia, sendo denominada de Vila do Careiro, em 1º de dezembro de 1938 “pelo decreto de lei estadual nº 76 a Vila do Careiro passa a ser um Distrito de Manaus” (NOGUEIRA et al, 2006, p.10) e posteriormente foi desmembrado de Manaus em 1955 sendo elevado a categoria de município 29 de janeiro de 1956.

De acordo com Nogueira (2001, p.113) “este município conforme indica seu atual nome, Careiro da Várzea, foi sendo construído ao longo de um trecho de várzea do rio Solimões-Amazonas”, onde foram ocupados os furos, paranás e a própria ilha do Careiro. Segundo o SEBRAE (2000, p.17;19) as primeiras referências históricas do Careiro datam de 1870, quando se tem notícia de que naquela área existia apenas um morador, que se chamava Francisco Ferreira. Este era conhecido como Mucucu. A partir de 1877 chegam a Manaus grande levadas de retirantes nordestinos principalmente do Ceará afugentados pela seca nordestina. Os retirantes recém-chegados distribuem-se em várias regiões do Estado do Amazonas. No ano de 1980, o governo do Amazonas, através da Lei nº 9, de 11 de janeiro cria as colônias de Santa Maria de Janauacá e a colônia 13 de maio no Cambixe, o objetivo era fixar o grande número de pessoas que chegavam ao Careiro.

Após a expansão do povoado formado e devido ao grande número de famílias, o governo decide então criar em 1938 o Distrito de Careiro, pelo Decreto-lei Estadual nº 176, de 1º de dezembro, data que se comemora o aniversário do município de Careiro da Várzea. Em 1955, o governador Dr. Plínio Ramos Coêlho por meio da Lei nº 99, de dezembro, desmembrou o Distrito de Careiro do município de Manaus, passando a ser município autônomo com sede localizada na Vila do Careiro, que foi elevada à categoria de Cidade. A sede do município em 1987 é transferida de forma definitiva para uma área de terra firme, localizada na BR-319, próximo às margens do lago do Castanho. No ano de 1987 o governador do Estado desmembra o município do Careiro através da Lei nº 1828, de 30 de dezembro de 1987 e foi criado o município de Careiro da Várzea, com sede na Vila do Careiro como foro da cidade. Na situação política, primeiramente o município foi administrado por prefeitos nomeados, sendo o primeiro prefeito nomeado o senhor João Diniz

de Carvalho pelo então governador do Estado Plínio Ramos Coelho, somente em 1959 houve eleição para o primeiro prefeito constitucional, que se chamava Tomé Ferreira Santiago.

Todavia o Careiro não existia enquanto município, de acordo com Nogueira et al (2006, p.10) sua “área estava incorporada ao atual Careiro Castanho”, onde era localizada a primeira sede municipal. Este fora desmembrado em 1987 dando origem ao Careiro da Várzea que foi criado pela lei 1.828 de 30 de dezembro de 1987 (IBGE, 2013), sendo realizada a primeira eleição direta para prefeita, sendo eleita Maria das Graças Alencar (1989-1992). Os prefeitos que se seguiram foram Pedro Duarte Guedes (1993-1996), José Teixeira da Costa (1997-2000), Pedro Duarte Guedes (2001-2004), Pedro Duarte Guedes (2005-2008), Raimundo Nonato da Silva (2009-2012) e Pedro Duarte Guedes (2013-2016).

Em 1877, grandes levas de retirantes do Nordeste, principalmente do Ceará, se dirigiram para Manaus, onde muitos foram fixar-se na região do Careiro, portanto, data daí o povoamento dessa região. As secas nordestinas determinaram outras levas de cearenses, piauienses, paraibanos e outros, no Careiro, Cambixe e Janauacá. Não somente a seca no nordeste, mas também planos de ocupação para essas áreas foram influenciadas por políticas governamentais, um desses períodos corresponde ao ciclo da borracha, que possibilitou a vinda de grandes levas de migrantes, e era grande o número de migrantes que aqui chegaram em 1890. Por conta disso o governo na época mandou distribuir espacialmente essas pessoas em duas colônias que foram instaladas no Careiro da Várzea: uma em Santa Maria do Janauacá, e outra com o nome de “13 de maio”, no Paraná do Cambixe. As pessoas que ali chegaram foram mantidas pelo governo do Estado durante alguns meses, tendo antes recebido, cada um, seu lote de terra para trabalhar, o que aconteceu com muitas dificuldades. Com o decorrer dos tempos, Careiro e Cambixe foram sendo ocupadas e encheram-se de habitantes, tornando-se a zona agropecuária do Amazonas, constituindo a bacia leiteira mais importante do Amazonas, embora hoje essa realidade esteja bem diferente da anterior, pois o município não produz atualmente a mesma quantidade de outrora.

Rapidamente as áreas de florestas foram transformadas em campos de criação e de diversos cultivos, construíram casas para suas residências, levantaram marombas³ para proteger o seu gado durante a cheia e articularam um modo de vida de acordo com a dinâmica do lugar, onde perceberam que essa dinâmica de certo modo limita suas atividades, devido a isso estabeleceram mecanismos que possibilitam suas atividades de modo peculiar nesse espaço dinâmico na várzea. Todavia, essa realidade hoje não é a mesma no que se refere à

³ Construções edificadas sobre palafitas cuja base é feita de madeiras, algumas eram dotadas de estrutura flutuante, quando eram construídas dentro da água, nesse caso, usava-se a estrutura da balsa do dono do gado.

construção de marombas, mas isso será tratado mais adiante neste trabalho. Sem recursos naquele momento, os nordestinos que chegaram à região do Careiro, ocuparam as margens dos rios, cultivando, criando áreas de campo para o gado, construíram uma história, ajudaram a construir o lugar denominado Careiro, onde o município tem como sede a antiga Vila do Careiro, área urbana do município (figura 2) sob a denominação de Careiro da Várzea.

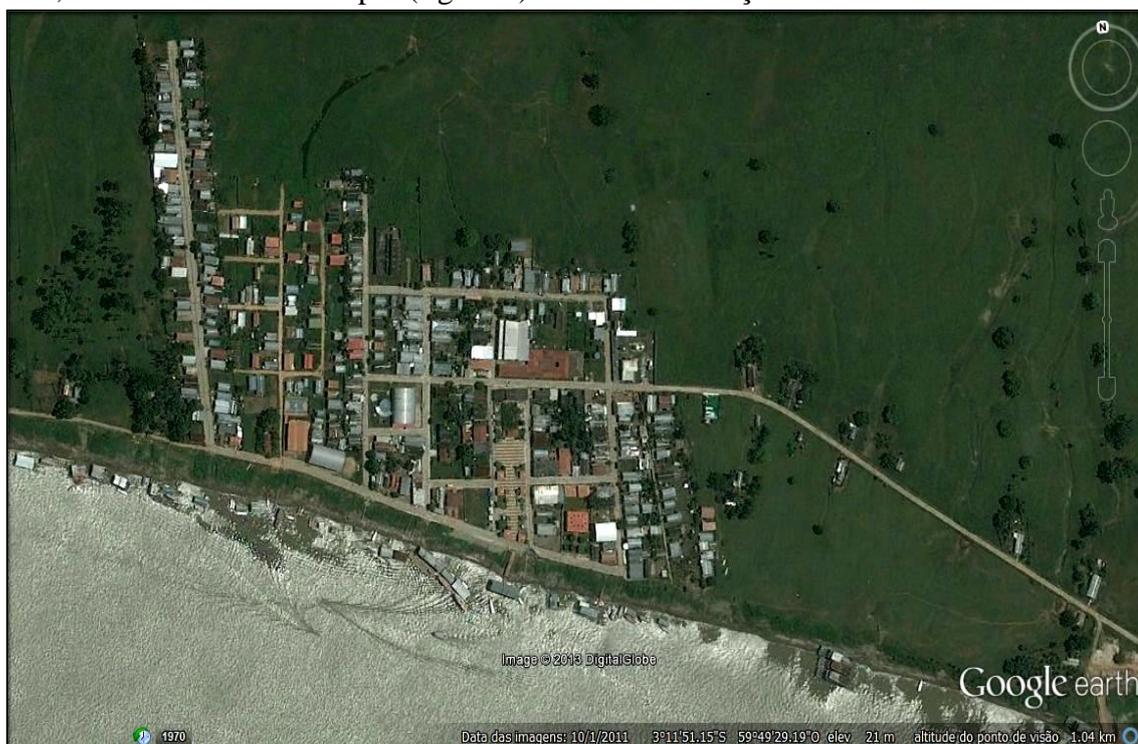


Figura 2. Sede do município de Careiro da Várzea (Vila do Careiro).
Autor: MATOS, J.A. (2013). Fonte: Google Earth.

Sternberg (1998) em seu estudo sobre “A água e o homem na várzea do Careiro” chama atenção para a dependência entre as populações ribeirinhas e os cursos d’água. Sternberg investigou também as consequências dessa relação para os rios, que se tornam graves quando o desmatamento aumenta o fluxo de água e reduz a calha dos rios por acúmulo de sedimentos, causando enchentes que afetam as comunidades que vivem às suas margens. Sternberg (1998) enfatiza ainda que para entender melhor a questão de povoamento na Várzea do Careiro, é preciso saber que foi habitado por sociedades diversas, que cada uma a seu tempo, deixando vestígios de sua passagem. Sternberg faz uma relação ao senhor Marcolino Carneiro da Rocha, o “Velho Lino”, que saiu do Ceará em princípios de 1889, indo residir no Paraná do Cambixe. Faleceu a 22 de maio de 1951, aos 86 anos de idade.

Quando Sternberg (1998) afirma que desde 1774 a região já era conhecida e chamada pelos seus primitivos habitantes de Uaquiri, ele menciona uma população nativa que habitava o lugar, e que posteriormente foram desterritorializados por meio da ocupação do chamado “homem branco”. Extensas áreas foram ocupadas em diversas localidades, uma das primeiras

foi o Cambixe, que deu origem a colônia 13 de maio. De acordo com Sternberg (1998) a estrada Careiro-Cambixe é acompanhada pela margem esquerda do braço de rio, derivado do Paraná do Careiro, que foi construída sem oposição dos habitantes, em uma faixa de terra mais elevada e com boa qualidade. Segundo Diniz (2000) apud Maciel (2008, p.71) “a estrada do Cambixe foi projetada para, na seca, ser uma via normal destinada ao transporte de pessoas, animais, leite, verduras e toda a produção local [...]”. Entretanto, durante a enchente, tornava-se uma área de marombas coletivas, capaz de abrigar, nos seus 23 km e 860m, todo o rebanho bovino do Cambixe, realidade que hoje é diferente devido à aquisição de terrenos na “terra-firme”, sendo assim, o rebanho é conduzido para esses terrenos em épocas de cheia.

Esta estrada alaga em meados de abril para maio até meados de agosto, variando de acordo com a antecipação ou não do período da cheia, vale lembrar que o período da cheia pode ser prolongado ou não. Só existe essa estrada no local, interligando o Cambixe até a sede chegando ao porto do município (figura 3) que dá acesso à Manaus via fluvial. Para os moradores os benefícios desta estrada estão relacionados ao acesso dos produtores rurais à sede do município e à área de embarque e desembarque fluvial, além da função econômica existente no local, tais como o transporte de estudantes pela estrada bem como o transporte de aposentados no dia de pagamento.



Figura 3. Porto do Careiro da Várzea. Autor: MATOS, J.A. (Agosto de 2013).

As condições naturais do Careiro da Várzea e suas características de relevo conferem um modo de vida peculiar, pois a população que habita nesse município vivenciam as

limitações e potencialidades desse ambiente de várzea e se mantém no lugar observando a dinâmica existente e desenvolvendo mecanismos a partir da percepção para o desenvolvimento de suas atividades tanto no período das águas baixas ou durante a cheia. Essas características, com predominância de planícies de inundação, estabelecem uma dinâmica que com frequência muda os hábitos dos moradores das comunidades por um período que varia de 2 até 4 meses, compreendendo o período da enchente. Durante esse período, os moradores da comunidade estão sujeitos ao regime das águas, todavia essa relação demonstra que o morador tem relações com o lugar que os fortalecem, apesar das mudanças periódicas que essa dinâmica promove no ambiente durante a cheia e depois da mesma.

Essas mudanças ocasionam alterações no cotidiano dos moradores do município, que precisam construir pontes para possibilitar o acesso aos domicílios e o deslocamento das pessoas na área urbana do município e também na área rural nas comunidades. É comum para as pessoas o deslocamento em canoas, todavia, no período de inundação fluvial, as canoas se tornam indispensáveis na manutenção do cotidiano das pessoas e principalmente, as relações sociais dos moradores e o desenvolvimento das atividades econômicas, embora esta seja afetada de forma significativa, reduzindo o rendimento dos comerciantes e concomitante a geração de renda dos moradores nas comunidades, pois nesse período o cultivo reduz em 80%. O abastecimento de água durante a vazante e durante a cheia bem como o deslocamento via terrestre e o desenvolvimento de outras atividades também é comprometido, um exemplo disso são as aulas que são suspensas em todo o município e posteriormente são retomadas com calendário especial após o período de cheia, dessa forma evita-se a exposição dos alunos a riscos, pois os mesmos se deslocam de comunidades próximas e só chegam em suas casas no período da noite.

De acordo com a entrevista com a diretora da Escola Estadual Coronel Fiúza (fig.4) em 2012 foram registrados pequenos incidentes envolvendo alunos da escola, tais como: pontes que caíam com alunos, canoas que alagavam no trajeto de casa até o porto para aguardar a condução do barco escolar. Em 2013 a escola adotou medidas preventivas para evitar acidentes, os alunos eram liberados mais cedo, pois a área do município estava totalmente inundada, e na sede municipal foi necessária a construção de pontes (fig.5) para o deslocamento das pessoas, pois a situação do município do Careiro da Várzea era crítica, a sede do município (fig.6) estava completamente inundada. Conforme Nogueira (2001, p.13) “é interessante ver primeiramente os lugares com olhar de quem nele habita e a partir daí olhar o mundo, que é construído cotidianamente nesta relação com os lugares”. Por isso compreender essa relação do morador com o lugar é fundamental nas descrições das

realidades vividas pelos moradores, que possuem laços de afetividades com esse ambiente mesmo em momentos de dificuldades, como é mostrado nas fotos abaixo, mesmo sofrendo com as inundações, os moradores interagem com as manifestações da natureza e dela extraem um aprendizado e conseguem conviver com os fenômenos da natureza.



Figura 4: Ponte ao lado da Escola Estadual Coronel Fiúza. Autor: MATOS, J.A. (Junho de 2013).



Figura 5: A sede do município completamente inundada. Autor: Chico Batata (Junho de 2013).



Figura 6: Praça da Matriz em Careiro da Várzea. Autor: MATOS, J.A. (Junho de 2013).

Essas informações obtidas nos dão mais clareza para compreendermos as relações das pessoas que moram no Careiro e nas diversas comunidades existentes nas faixas marginais. A comunidade que iremos trabalhar é a comunidade Miracauera, onde trabalhamos a questão do lugar enquanto “essência do ser e fenômeno da experiência” como destaca Relph (2012, p.19), interpretando as relações a partir da experiência construída na relação entre sujeito e lugar. Por isso consideramos a comunidade Miracauera como o lugar vivido, construído na inserção do homem nesse lugar, que é condição fundamental para a reprodução da vida.

1.3. Miracauera: o lugar vivido.

O lugar onde a pesquisa foi realizada é a comunidade Miracauera, uma comunidade ribeirinha localizada no Paraná do Careiro, no município de Careiro da Várzea, a comunidade situa-se na porção sul da ilha do Careiro (figura 7) na margem direita do rio. No Amazonas é comum ser utilizado o termo localidade para destacar uma área, o termo é utilizado para designar a abrangência de um lugar onde se encontram várias comunidades.

Muitas comunidades são formadas a partir do aspecto religioso onde as comunidades recebem os nomes relacionados aos santos da igreja católica ou nomes bíblicos no caso das

comunidades com predominância evangélica, demonstrando assim o caráter religioso na formação das comunidades.

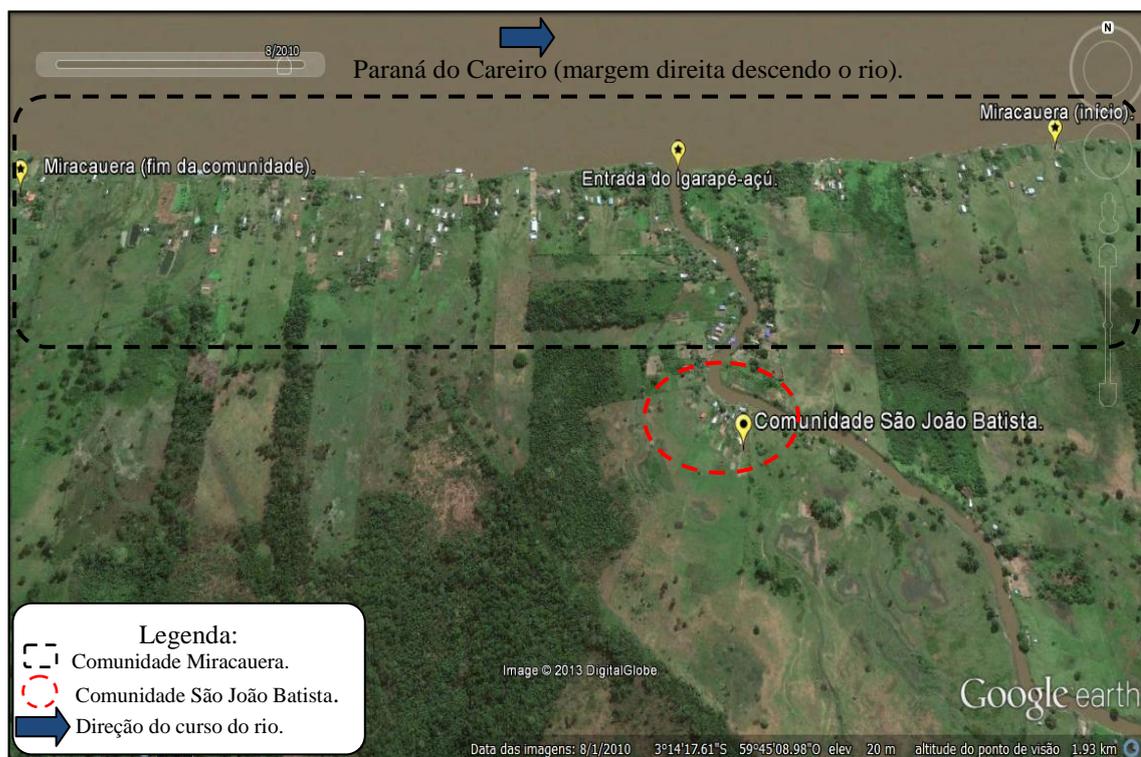


Figura 7: Área core da comunidade Miracauera. Org.: MATOS, J.A. Fonte: Google Earth.

Para Souza as comunidades

“sempre se identificam com os espaços de moradias das populações [...]. Na origem as suas características e justificativas apontam o rural como espaço próprio dessa prática; atualmente, a sua dominância é o urbano. Um e outro, no entanto, são espaços privilegiados por ela através de elementos comuns aí presentes produzem condições propícias aos mais diversos processos sociais. Entre estes processos se encontram as ações comunitárias, cuja força ou significação maior está no que se produz como organização social da população” (SOUZA, 2004, p. 13-18, 66).

Quando se refere ao termo comunidade Wagley diz que:

“Uma comunidade isolada nunca é típica de uma região ou uma nação. Cada qual tem suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional. A cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma organização muito maior do que a simples soma das comunidades que a integram. Existem instituições e poderes sociais de âmbito regional, nacional e até mesmo internacional, que determinam a tendência de vida de cada pequena comunidade. A igreja, as instituições políticas, o sistema de educação convencional, o sistema comercial e muitos outros aspectos de uma cultura, são muito mais difundidos e mais complexos em sua organização do que parecem quando observados em uma comunidade” (WAGLEY, 1988, p.43).

Vale ressaltar que utilizaremos o termo comunidade para fazer referência ao Miracauera e não localidade. Na comunidade Miracauera durante os trabalhos de campo identificamos 53 famílias, sendo que a comunidade é dividida por um furo conhecido como Igarapé-açú que dá acesso ao Autaz-Mirim no período de águas mais elevadas.

Os moradores da comunidade Miracauera desenvolvem suas atividades econômicas voltadas para a prática da agricultura, criação de rebanho bovino e pequenos animais, que são comercializados periodicamente. Essa produção na várzea gera a renda familiar para os moradores da comunidade, que é afetada com a cheia anual, representando impactos significativos para os moradores, pois na cheia não podem cultivar hortaliças.

São poucos os comércios existentes na comunidade, identificamos 4. Dois deles funcionam em terra, outro no porto da igreja evangélica e o outro em um flutuante no porto da Escola Municipal, este é mais estruturado em relação aos outros. Apesar da quantidade de comerciantes, abastecem a comunidade com produtos diversos que são comprados em Manaus e levados para a comunidade no barco do chamado atravessador. Esse agente de comercialização realiza viagens para vender as hortaliças e realiza o transporte de mercadorias e cobra um valor pelo frete. Percebe-se uma relação denominada por Nogueira (2001) de compadrio entre os moradores e os proprietários de embarcações.

Destacamos que nesse furo conhecido como Igarapé-açú nem todas as famílias pertencem à comunidade Miracauera, identificou-se durante as observações de campo que há outra comunidade, chamada de São João Batista, localizada dentro do Igarapé-açú.

Durante os trabalhos de campo foi realizada uma entrevista com o presidente da comunidade São João Batista, criada em agosto de 2006. Segundo ele a comunidade foi criada pela necessidade de

“uma melhor assistência, nós temos um pensamento muito bom, de levar a comunidade pra frente, conseguir algumas coisas que a gente precisa né, realmente aqui tem muitos agricultores que trabalham com agricultura e não tem assim, uma máquina prá ajudar a construir, um incentivo né, então isso nós não temos. Então isso precisamos de incentivo né. Então para isso é preciso que alguém faça alguma coisa pela gente, né, então pra mim, pra isso acontecer, isso venha a acontecer, é preciso que alguém leve esse problemas pras autoridades competentes pra olhar pela gente”. Da criação da comunidade até agora praticamente todo esse tempo a gente não conseguiu praticamente nada, estamos lutando pra isso, mas nossos representantes não acompanham nossas dificuldades” (Líder da comunidade São João Batista, 2013).

Esse é o relato do presidente da comunidade, que mostra ter um conhecimento das necessidades e dificuldades que os comunitários enfrentam, principalmente nesse local, um

furo (figura 8) que durante o verão impossibilita a navegação fluvial das pessoas dessa comunidade.

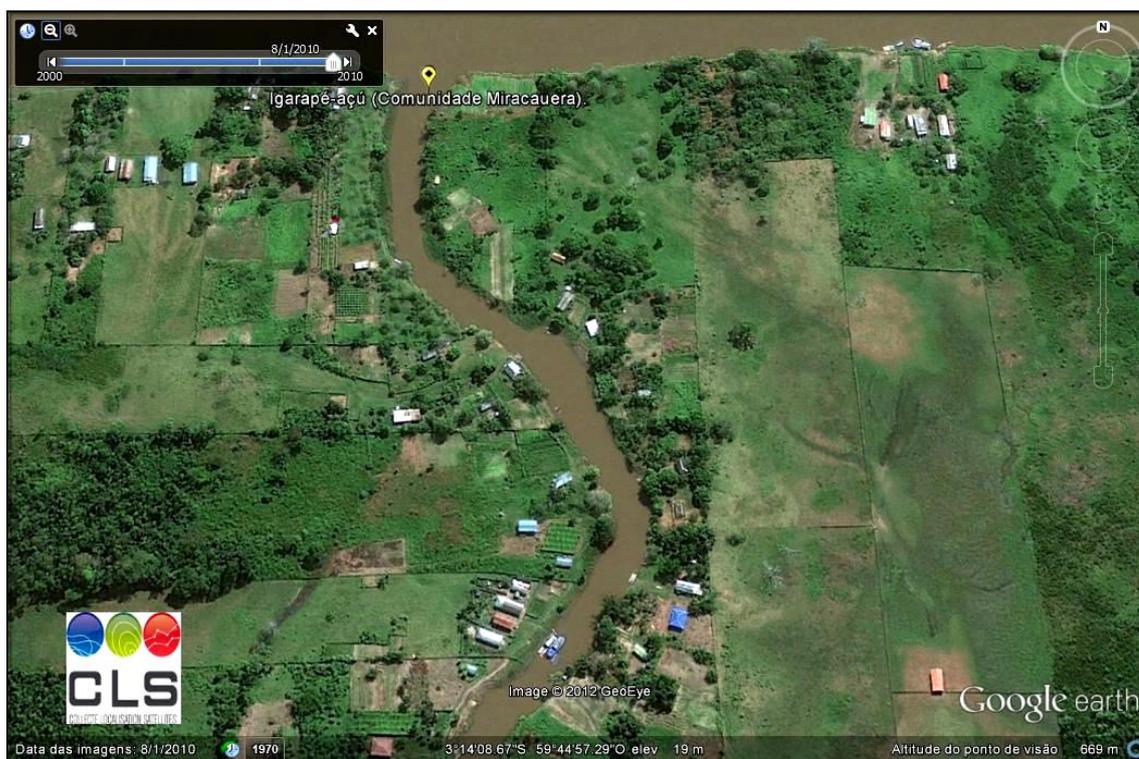


Figura 8: Furo do Igarapé-açu. Autor: MATOS, J.A (2013). Fonte: Google Earth.

Esse canal fluvial do mês de outubro até o mês de janeiro não permite a “passagem” de canoas para fora do furo devido ao baixo nível que a água alcança. Quando a vazante atinge um nível que não dá mais “passagem” os moradores dessa comunidade improvisam uma barragem para evitar que a água escoe completamente para o rio, dessa maneira os moradores do Igarapé-açu irrigam seus cultivos e conseguem água para suas atividades diárias. Essa construção resulta da percepção e da experiência dos moradores do lugar ao utilizarem a técnica de represamento da água, e apesar dessa construção, não há danos significativos à natureza.

“Nessa época agora que tá secando aqui o igarapé aqui, porque isso aqui é um rio né, um igarapé né, então daqui mais uns dias isso aqui vai ficar seco, realmente os moradores daqui vão sofrer dificuldades pra chegar com os produtos lá fora, né, então eu espero que daqui pra frente as coisas mude né, que as autoridades olhem por nós, que realmente nessa época aqui agora que tá secando nós vamos passar dificuldades. Aqui tem pra mais de dez famílias que participa das nossas atividades” (Líder da comunidade São João Batista, 2013).

Essa relação revela “um conhecimento sobre o lugar” como destaca Nogueira (2005, p.8) nesse sentido são construídas relações simbólicas em que os saberes e conhecimentos sobre a realidade do lugar são fundamentais para o desenvolvimento de mecanismos que

possibilitam o desenvolvimento das atividades dos moradores desse local. Pudemos perceber isso quando ouvimos os relatos da liderança da comunidade São João Batista que disse que

“O abastecimento de água é muito sério, agora quando tá secando é um problema, quando vem enchendo é outro, nós ficamos sem plantar durante muito tempo, todo ano tá alagando né, então isso aí é um problema muito sério, não tem como sustentar nossas famílias nessa época devido não ter como plantar. Isso aí o povo do igarapé sofre muito, a questão da água, pra gente ter uma água mais ou menos assim decente, limpa, que não venha prejudicar os nossos filhos, e até mesmos as pessoas idosas, nós trabalhamos com cacimbas, fazemos cacimbas na beira do barranco, é onde tem uma água mais preservada né, que a gente acha que é preservada, porque vem debaixo da terra, a gente faz lá aquele buraco e a água desce lá, aí realmente sai uma água bem limpa mermo, agora a gente não sabe se é uma água filtrada né, se é saudável pra nossa saúde, mas eu sei que é muito melhor que pegar lá no Careiro, porque pra pegar no Careiro a distância que é sacrificoso pra chegar lá” (Lider da comunidade São João Batista , 2013).

Isso provém da percepção e das experiências adquiridas ao longo da vivência na comunidade, portanto, essa forma de relação com o ambiente é fruto da percepção dos moradores e resulta das experiências vividas, nesse sentido os moradores perceberam essa dinâmica e se reúnem para a construção dessa barragem, dessa forma é necessário entender o lugar a partir do homem, pois o mesmo possui “uma experiência própria, uma experiência de vida” (NOGUEIRA, 2005, p.9).

Essa relação é resultado da Geograficidade que existe entre os moradores e o lugar, Geograficidade no sentido que Dardel (2011) se refere “às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas suas formas, refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem para os quais há uma fixação existencial”.

É a partir dessa Geograficidade dos moradores que eles vão estabelecer suas relações com esse ambiente, que vai sendo transformado anualmente a partir de cada período de enchente do rio ou das vazantes periódicas, principalmente os moradores do Igarapé-açú, pois as famílias desse furo dependem dessa água para irrigar seus cultivos, realizar suas atividades, fazer o deslocamento dos filhos para a escola, e nessa relação, percebe-se que existe uma relação de apego ao lugar, pois as mesmas, apesar das dificuldades não pensam em mudar de lugar, preferem continuar, pois seus parentes moram próximos, isso fortalece o vínculo com o lugar.

“Aqui a gente vive um pouco bem sim, tem o problema da cheia que vem aumentando todo ano, antes não tinha essas cheia como tem acontecido essas. Eu gosto daqui, não penso em ir embora não, aqui tem o que eu preciso, se quero pescar vou pro lago, ou pro rio, aqui tem fartura de tudo. Se eu for mudar pra outro lugar vou ter que começar tudo, aqui tenho meu terreno pra plantar, agora tem luz pra gente, melhorou nossa vida agora, antes eu comprava gelo todo fim de semana,

agora tenho geladeira, aqui. Meus filhos foram pra Manaus, ficou uns por aqui, mas eu vou continuar aqui, tem meus parentes perto, a gente precisa, a gente se ajuda. (Entrevistado n°2, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

Os moradores da comunidade Miracauera se reúnem em forma de mutirão para que seja construída a barragem (figura 9) que beneficia a todos os moradores da Igarapé-açu e também as pessoas que moram na parte externa do furo do Igarapé-açu. Os moradores começam uma articulação com as outras pessoas e combinam um dia e horário para que todos os que estiverem disponíveis possam colaborar com o trabalho de construção da barragem, dessa forma cada um leva seu material para escavar o solo e aos poucos jogar no fundo da calha do furo, amontoando e formando a elevação que permite o trânsito das pessoas para o outro lado do igarapé. O trabalho é intenso, porém os moradores que estão trabalhando no mutirão só vão embora quando terminam o serviço de construção da barragem.



Figura 9: Barragem na entrada do Igarapé-açu na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Outubro de 2012, durante a descida das águas.).

“Essa barragem impede que a água do Igarapé-açu seja escoada toda pro rio. Acho importante sim o trabalho do mutirão porque as pessoas se reúne pra fazer uma coisa que é de serventia pra toda comunidade, sem ela nessa época fica difícil trazer as verduras pra fora pra levar pro comprador e carregar as mercadorias também. É bom pro pessoal de baixo também pra atravessar, aqui quando tá cheio só atravessa de canoa, agora não, dá pra andar sem problema, o pessoal anda a pé mesmo agora, quando o rio encher e a barragem romper só passa de canoa.” (Entrevistado n°3, morador do Igarapé-açu, informação oral, 2013).

O deslocamento para os estudantes durante esse período também fica comprometido, pois o barco escolar não pode entrar no furo. Percebendo uma necessidade de deslocamento, um morador (seu Beja) improvisou uma ponte próxima ao seu terreno para atravessar para o outro lado do igarapé, dessa maneira as pessoas tem a possibilidade de se deslocar até a parte de fora do igarapé, favorecendo assim os moradores desse trecho da comunidade.

“Essa época agora, nesse período que tem água aqui, agora tá tudo bem, mas daqui uns 15 dias já não vai mais ter transporte pra levar os alunos lá fora até chegar lá no colégio, porque vai secar e tem a barragem lá que não passa mais, e aí a gente vai deixar até na barragem e de lá os alunos já vão a pé até chegar no colégio” (Líder da comunidade Miracauera, informação oral, 2013).

Percebendo a necessidade de transportar sua produção e permitir o acesso a parte externa do Igarapé-açu, um dos moradores da comunidade resolveu improvisar perto de sua casa uma ponte pra atravessar o Igarapé-açu. O Seu Beja tinha dificuldades de se deslocar no período da vazante dentro do igarapé, e observando que havia a possibilidade de atravessar na frente do seu terreno, ele resolveu elaborar uma estratégia para superar essa limitação. Foi quando idealizou a construção da ponte sobre o igarapé (figura 10) permitindo que não somente ele e sua família, mas as outras pessoas da comunidade também desfrutassem dessa ponte, que possui apenas uma tábua, exigindo atenção e bastante equilíbrio na hora de atravessar. A ponte recebe o nome “a ponte do Beja”, relacionando o nome do construtor da mesma.

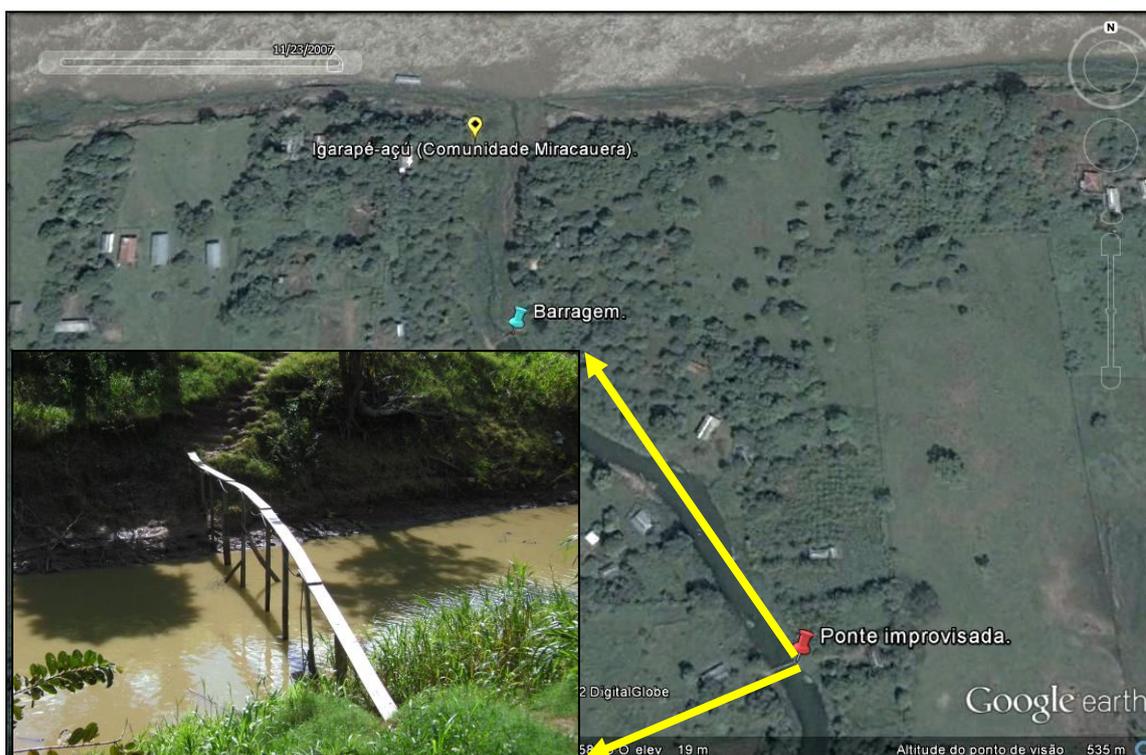


Figura 10: Barragem e ponte improvisada no Igarapé-açu.
 Autor: MATOS, J.A (2013). Fonte: Google Earth.

Percebendo essas mudanças que transformam o ambiente, os moradores desenvolveram suas atividades a partir da dinâmica do lugar evidenciando um modo de vida de acordo com as mudanças na natureza associadas à observação e percepção dessas mudanças, que ocorrem em dois períodos, cheia e vazante.

Nesse ambiente onde predomina a planície de inundação, os moradores estabelecem suas relações sociais tomando com referência a ligação afetiva com o lugar e a criação de uma identidade construída através da convivência com a dinâmica das águas onde os homens percebem sua dinâmica e procuram modelar o lugar para responder às suas necessidades. Isso é percebido nas técnicas que os moradores utilizam para a prática da agricultura, que será abordada no terceiro capítulo.

Temos nesse sentido o destaque para uma relação profunda e afetiva que o homem mantém com a natureza, com o lugar onde convive, demonstrando uma relação existencial que muitas vezes se apresenta de forma simbólica resultado de um “conhecimento concreto do lugar, reconhecendo ser este, fruto de uma experiência de seus habitantes” como destaca Nogueira et al (2006, p.2), por isso nossas descrições neste trabalho não são apenas dos moradores do lugar, mas daquela de quem vive e experiencia o fenômeno.

Buscamos então compreender essa relação com o lugar como “mais um lugar de vida, onde os homens o produzem cotidianamente” (NOGUEIRA et al, 2006, p.1) adquirindo a partir das relações diárias o conhecimento da dinâmica do lugar, isso está ligado às origens e significados da experiência nessa relação existencial que liga o homem ao lugar onde ele habita.

Pensamos dessa forma, como afirma Nogueira (2001, p.13) “mostrar a relevância que tem o conhecimento dos lugares, adquiridos pelos homens que nele vivem e o experienciam” para fazer inferências de acordo com a realidade vivenciada no lugar, demonstrando uma forma de reprodução de um modo de vida nesse ambiente sazonal.

Sobre essa reprodução da vida nas águas uma das leituras consultadas (CARDOSO & NOGUEIRA, 2005) descreve a respeito da relação dos moradores com esse ambiente que sofre a sazonalidade das águas, propondo algumas reflexões a respeito da reprodução da vida nas águas, o que também se pretende fazer neste trabalho enfatizando a comunidade Miracauera, compreendendo a forma de organização social tendo em vista o fenômeno da cheia e vazante que atinge a comunidade anualmente.

Para a realização desta pesquisa entendemos que se faz necessário ouvir alguns moradores da comunidade Miracauera a respeito de suas técnicas para o uso agrícola da várzea, técnicas de moradias, bem como investigar sobre a importância do regime fluvial na

vida desses moradores. Daí estarmos dando destaque para as narrativas e informações obtidas que os moradores têm do lugar e das transformações das paisagens que constituem seu mundo vivido, incluindo concomitante as referências bibliográficas que foram levantadas anteriormente para fundamentar a pesquisa.

Destacamos na construção desse lugar vivido (o Miracauera) a experiência do morador na produção cotidiana do lugar, conceito fundamental para o estudo da Geografia, carregado de representações simbólicas das emoções humanas, essa relação “transforma-se em “questão cultural”, carregada que está de simbolismos na construção de uma identidade (...) local” (HAESBAERT, 1999, p.181) marcada pela relação de apego ao lugar, “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar” denominado de topofilía (TUAN, 2012, p.19) explicada na Geografia do sentimento.

O simbolismo do lugar e a maneira como o morador local se apropria dos recursos promovem uma relação de reprodução de uma sociedade local baseada nos recursos ali encontrados e a percepção dos fenômenos existentes na natureza onde há uma reconstrução constante da paisagem, nesse sentido buscamos compreender o processo de formação sócio-espacial da comunidade.

Nossas investigações sobre a comunidade Miracauera buscaram fontes históricas, que são poucas, e como o trabalho está fundamentado na abordagem fenomenológica, priorizamos o mundo vivido, onde os elementos que o constituem são percebidos de diversas formas pelos seus moradores e interpretados por esses sujeitos que dele têm experiências particulares, a fenomenologia “nos dá sustentação para isso, pois é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é” (NOGUEIRA, 2005, p.13).

Na concepção de Nogueira (2005, p.13) “a fenomenologia busca estudar o mundo vivido valorizando todas as experiências concretas dos homens com este mundo”, onde as experiências vividas resultam do envolvimento do ser com o mundo, nesse caso, o lugar, o mundo vivido, conforme Nogueira (2005, p.23) “o mundo é aquilo que eu experiencio e que é experienciado pelo outro”. O mundo vivido será entendido como o lugar vivido, ou seja, a comunidade Miracauera como lugar de existência e experiências do lugar, como destaca Nogueira (2005, p.24) “lugar vivido, lugar de vida, lugar de existência”, lugar enquanto base de sua existência e como fruto de suas experiências concretas, a partir da experiência que cada um tem.

Por isso procurou-se investigar como se deu o processo de formação dessa comunidade, procuramos os moradores que moram há mais tempo para que os mesmos

compartilhassem suas experiências por meio dos seus relatos via entrevista, isso tornou possível a construção do contexto histórico da comunidade.

São essas experiências que vão contribuir para essa contextualização sobre a origem da comunidade Miracauera, como destaca Nogueira (2005, p.25) “se nós temos a pretensão de compreender e interpretar o ordenamento espacial que as sociedades dão ao mundo, é preciso percorrer a “intimidade” dessas sociedades, através da compreensão que cada indivíduo particular e coletivamente dará ao lugar em que vive cotidianamente”.

Essa percepção é resultado da experiência desse ribeirinho, que conhece e identifica os movimentos da natureza, apesar disso, vivem de forma integrada ao meio, estabelecendo seus costumes e valores culturais. Esse modo de vida muitas vezes está baseado na integração da agricultura e extrativismo, onde muitas famílias vivem em função dos produtos provenientes da floresta, revelando um dos aspectos da relação homem e natureza.

Esse modo de vida nessa relação com o lugar deixa clara a dinâmica da reprodução social nesse ambiente, tendo em vista que os moradores da comunidade mantêm uma relação de trocas materiais e simbólicas. É necessário destacar que os moradores da comunidade Miracauera também mantêm relações com o espaço urbano, além disso, a produção da vida e o modo de vida dos moradores da comunidade são influenciados pelos fenômenos naturais de cheia e vazante que ocorrem na comunidade no âmbito da organização sociocultural.

Destaca-se aqui a relação que os moradores estabelecem com o ambiente de várzea, respeitando a natureza e retirando dela o que é necessário. Tendo em vista esse aspecto, a reprodução social do morador da várzea na Comunidade Miracauera depende da própria relação estabelecida com o ambiente, ressaltando o aspecto cultural que existe nessa relação homem e espaço. O morador do ambiente de várzea tem um modo diferenciado na reprodução do seu espaço geográfico considerando suas peculiaridades.

A realidade ribeirinha carrega em si especificidades encontradas somente naquele lugar, as condições ambientais influenciam na distribuição espacial e no modo de vida bem como na prática da agricultura, por isso o morador da comunidade constrói estratégias para o desenvolvimento das suas atividades considerando a realidade valorizando suas experiências concretas no lugar, onde nessa relação simbólica o ribeirinho constrói uma relação diária na reprodução social no ambiente de várzea, por isso contextualizaremos o processo de formação histórica da comunidade bem como um resgate da historicidade da mesma, dessa forma o entendimento das relações serão dados a partir das narrativas e da literatura para a construção do histórico e da formação sócio-espacial bem como a forma de organização da comunidade evidenciando o modo de vida presente na comunidade.

CAPÍTULO II.

O RITMO DAS ÁGUAS NA PRODUÇÃO DA VIDA NO MIRACAUERA.

2.1. A comunidade Miracauera: histórico de ocupação.

A formação do Miracauera tem origem indígena, em que essa terminologia significa, segundo Stradelli (1929), *mira* = gente, nação, povo; *cauera* = osso, ossada; *Mira-cuéra* = mortos; *Mira can-uéra* = osso de gente; *Mira can-uéra-tyua* = cemitério, lugar de ossos de gente.

Na etimologia tupy significa “onde tem osso de gente”, no caso um cemitério. Durante uma das viagens a campo durante o período da enchente foram encontrados fragmentos de cerâmicas (fig.11) na margem do rio. Durante o período da subida do nível da água do rio, estava ocorrendo solapamento na base do barranco, pouco tempo depois houve a ocorrência de processo erosivo no local onde havia fragmentos de cerâmica e com a presença das “terras-caídas” muitos fragmentos são levados pelo rio, no entanto, alguns fragmentos foram retirados do local antes do barranco erodir.



Figura 11: Fragmentos de cerâmica na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM.
Autor: MATOS, J.A. (Abril de 2012, durante a subida das águas).

Tendo em vista esse achado arqueológico, pode-se entender melhor a questão da toponímia do lugar, além dos relatos dos moradores de que ali habitavam indígenas da etnia

Mura. Porém, ainda existe a hipótese de que esses fragmentos podem ser resultado do transporte de sedimentos realizado pelo rio, levando a deduzir que esses fragmentos de cerâmica poderiam ter sido transportados do seu lugar de origem pela ação do rio, uma vez que o solo de várzea recebe constantemente depósitos de sedimentos, ou realmente indicar que os indígenas habitaram há muito tempo naquela área, conforme relataram os moradores. Connerton (1993) nos diz que “o conhecimento de todas as atividades humanas passadas só me possível através do conhecimento dos seus vestígios”, e estes vestígios foram encontrados no Miracauera.

Para os moradores, a hipótese de que naquela área habitavam indígenas é a mais popular, além de que essa é sustentada por algumas fontes históricas. E como podemos constatar pelos utensílios encontrados nas margens do rio como mostra a figura 12. Em relação a isso os entrevistados relataram e descreveram a expulsão dos Mura em que foram quase dizimados segundo informações dos moradores, embora os indígenas resistissem adentrando no interior das áreas de florestas.



Figura 12: Utensílio indígena às margens do rio na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM.
Autor: MATOS, J.A. (Agosto de 2013, durante a descida das águas).

“Seja lembrado que o nome Miracauera, que designa o pequeno paraná à ilhargá da direita do paraná do Careiro, representa provavelmente uma variante de Miracanguera, vocábulo indígena que se interpreta como significando “ossada de gente antiga” e é aplicado a grandes acumulações da primitiva indústria dos aborígenes na Amazônia. Também muito significativo é o topônimo “Igarapé do Caqueiro”, conferido, como vimos, a uma brecha de extravasão da margem esquerda do Cambixe” (STERNBERG, 1998, p.108).

Sternberg ressalta que verificaram “a presença, na região do Careiro, de numerosas manchas de solos pretos, de cor cinza escuro, cuja riqueza em cacos de cerâmica as aponta como sítios de antiga ocupação aborígene” (STERNBERG, 1998, p.107). Sternberg faz uma relação também aos vestígios que apontam para “os cacos de cerâmica, tão abundantes” (STERNBERG, 1998, p.108), fazendo uma alusão aos “artefatos indígenas coletados na região do Careiro” na década de 1950 (STERNBERG, 1998, p.108). Vale ressaltar que os achados foram encontrados em uma área inundável e sujeita à acumulação aluvial, portanto, não podemos afirmar com toda certeza que pertencem aos grupos indígenas que habitarem a área que compreende a comunidade.

Isso ficou evidenciado com a leitura de Sternberg (1998, p.126) ao afirmar que desde 1774 a região do Careiro era ocupada antes da chegada dos portugueses e chamada pelos seus habitantes primitivos de Uaquiri. Esses primeiros moradores foram expulsos quando da chegada dos portugueses, principalmente na Ilha do Careiro, que por muito tempo foi utilizada como pesqueiro real.

O Lago Grande, como é conhecido pelos moradores do Careiro da Várzea um dos lagos que fica na Ilha do Careiro, era o local onde os portugueses pescavam para abastecer a sede da Coroa Portuguesa localizada em Barcelos naquela época, por isso a denominação de Lago dos Reis. Em outro relato, Sternberg destaca que “um “espaçosíssimo canal” foi o que também encontrou o Ouvidor Intendente Geral Ribeiro Sampaio, ao percorrer em plena vazante de 1774 (2 e 3 de outubro), o Paraná do Careiro, àquela época chamado de Uaquiri (STERNBERG, 1998, p.104).

Os moradores têm razão ao afirmar que esse lugar já era ocupado antes mesmo de ser reconhecido como uma comunidade, conforme afirmou Sternberg (1998) sobre a região do Careiro, que já era ocupada. Resgatando trabalhos históricos, temos no trabalho de Sternberg (1998, p.72) uma alusão ao histórico que a Ilha do Careiro já era conhecida e na área que corresponde à comunidade Miracauera havia uma propriedade alemã com plantação de cacau, o sítio pertencia ao Senhor Adam, no Paraná do Miracauera.

Os achados arqueológicos de fragmentos de cerâmica indígena na comunidade Miracauera podem revelar a história de um povo e concomitante, possibilitar o levantamento histórico sobre a formação e ocupação espacial da comunidade, uma vez que não há base de dados que relacionem esse contexto.

Ainda há poucos registros documentados e referenciais que abordem com profundidade esse tema, por isso, partimos para as narrativas dos moradores que muito

colaboram com esta pesquisa, pois carregam muitas histórias e lembranças que ainda não haviam sido transcritas.

Nesse sentido o presuposto fenomenológico de vivenciar o fenômeno nos forneceu a base para a compreensão das narrativas dos moradores. Assim a experiência vivida dos moradores nos dá suporte para traçarmos uma trajetória histórica associada à base fenomenológica para compreender a importância da representação do lugar para os moradores, construída ao longo do tempo.

E foi para essas pessoas que nós voltamos o olhar, para que pudessem compartilhar também suas experiências que as mesmas possuem do lugar. A ocupação espacial mais intensa da comunidade Miracauera coincide, de acordo com relatos orais de moradores mais antigos na comunidade

“Com a chegada dos missionários que iniciaram seus trabalhos na comunidade, a igreja evangélica se estabeleceu nesse lugar, isso aqui já era ocupado, mas a igreja influenciou um pouco sim pra formar a comunidade, muitas pessoas vieram pra cá, outras foram embora quando as terras começaram a cair. Aqui na frente tinha uma ilha, bem na frente da comunidade (figura 13), mas ela foi sumindo com a caiação de terra que foi levando terrenos” (Entrevistado nº4, morador do Miracauera, informação oral, 2012).



Figura 13: Ilha no Paraná do Miracauera, Careiro da Várzea-AM. Fonte: Adaptado de Sternberg (1998).

Contudo, um dos relatos feito pelo morador seu Santos descreve a respeito da chegada de sua avó na região do Careiro em 1875 antes mesmo da presença da igreja, todavia esta não foi o único fator do surgimento da comunidade, pois já havia moradores na comunidade,

mesmo que em pequena quantidade, aos poucos a área foi sendo povoada. Quando a denominação evangélica se estabeleceu no Miracauera já havia algumas famílias no lugar conforme o relato do seu Santos:

“Minha avó tinha apenas 5 anos e seus pais foram morar nas proximidades do Paraná do Miracauera, onde morava nas proximidades um comerciante que vendia queijo, leite e demais produtos, nessa taberna ele vendia tudo muito caro. Todos os viajantes tinham que passar por essa taberna, pois ela se encontrava em um local muito bem localizado, por isso todos tinham que passar lá para comprar alimentos” (Seu Santos, morador do Miracauera).

Por esse motivo o lugar passou a ser chamado de Paraná do Careiro, era um canal estreito e quando o rio secava as pessoas colocavam tábuas para atravessar para a outra margem do canal, além da presença de uma ilha na frente do Miracauera. Isso aconteceu há algum tempo, não muito recente, onde as relações sociais aconteciam de forma diferente tendo em vista os processos que culminaram em transformações a partir do desaparecimento da ilha. Os relatos do seu Santos dão conta que a área

“era pouco habitada, anos mais tarde os portugueses começaram a demarcar terrenos e tirar lotes de terras para ocupação, o Cambixe foi o primeiro a ser ocupado, e foi formada a colônia 13 de maio, com muitas fazendas de gado, meu pai veio morar no paraná do Miracauera, e também tirou seu terreno” (Seu Santos, morador do Miracauera, informação oral, 2012).

Dessa forma essa ocupação foi constituindo uma das bacias leiteiras mais importantes de região, a área que compreende o Cambixe. Nesse relato do senhor Edson Alencar, conhecido como seu Santos, ele conduz o diálogo ressaltando que essas informações foram transmitidas oralmente pelos familiares antigos. Segundo ele, em 1885, com apenas 14 anos de idade a dona Maria Izabel do Espírito Santo, avó do seu Santos, casou. Essa prática era bem comum nas comunidades do interior, ainda existe, mas com pouca frequência.

Seu primeiro filho nasceu em 1890, seu nome era Otília, esta veio a ser a mãe do seu Santos. Outros filhos vieram. Em 1904 a dona Otília casou, porém ficou viúva cuidando sozinha de suas duas filhas, porém, casou novamente, com o senhor Alexandrino, um português que morava no Miracauera e também era viúvo e tinha duas filhas.

“Depois de casados eles foram morar no Miracauera e levaram a dona Maria Izabel devido à idade dela já ser avançada, para não morar só, pois era viúva. Duas irmãs minhas casaram com dois irmãos e outra família, juntando as famílias Alencar e Renovato. Do casamento da mamãe com o papai (seu Alexandrino) nasceram 8 filhos, 4 homens e 4 mulheres, o mais novo deles sou eu, nasci em 1934” (Seu Santos, morador do Miracauera, 79 anos em 2013).

Contando de suas lembranças ele afirma que

“Durante o período de infância tinha embarcações, as pessoas andavam em canoas movidas a remo construídas a mão. As canoas tinham 6 remadores que levavam os doentes para Manaus, tinha dificuldades demais, por isso os moradores fizeram um abaixo assinado para pedir uma embarcação, e foram atendidos pelo governo, que mandou colocar um navio denominado de Industrial” (Seu Santos, morador do Miracauera, informação oral em 2013).

O senhor Alexandrino, pai do seu Santos, vendia queijo em Manaus uma vez por semana, falecendo quando seu Santos tinha 8 anos, fazendo muita falta para a família, pois era o provedor para os filhos. O seu Santos acrescentou no diálogo que

“As casas na comunidade eram humildes, com as paredes e cobertura feitas de palhas, com o passar dos anos as pessoas conseguiram melhorar sua condição de vida. Eles chamavam de barracão pra esse tipo de casa” (Seu Santos, morador do Miracauera, informação oral em 2013).

Nas entrevistas os moradores apontaram como referencial para o início da formação da comunidade a chegada da denominação evangélica Assembléia de Deus em 1925, quando foi enviado para a comunidade o pastor José de Moraes, que estabeleceu desde então a denominação na comunidade, passando por vários momentos de transformações, principalmente no aspecto cultural.

“Este pastor morava em Manaus, mas foi enviado para a comunidade para dar início às obras missionárias na comunidade. O pastor ficou hospedado na casa de um morador chamado Antônio Renovato, que lhe concedeu abrigo durante algum tempo e autorizou a realização de uma reunião em sua casa, esse foi o primeiro culto evangélico realizado no dia 25 de março de 1925 em Miracauera, marcando assim o início das atividades eclesiais dessa denominação” (Secretaria da IEADAM, 2012).

A igreja da Assembléia de Deus teve fundamental importância na organização espacial da comunidade, que é predominantemente evangélica, sendo o centro da comunidade, observamos uma característica que difere das comunidades católicas, as casas não são ao redor da igreja, são distribuídas a leste e oeste da igreja. Todavia antes da chegada da denominação evangélica a comunidade já era ocupada, conforme o relato:

“Aqui já tinha gente morando, depois que os índios foram embora com a chegada dos portugueses muita gente foi chegando, desmatando e abrindo lugar pra fazer casas e colocando cerca pra tirar seu terreno, começô no Cambixe, dispo os pessoal foram chegando pra cá e trabalhando na ilha que tinha na frente do paraná do Miracauera. Também chegou depois a igreja que é bem antiga aqui no pedaço” (Entrevistado nº4, morador do Miracauera, informação oral, 2012).

De acordo com informações obtidas na secretaria da igreja evangélica os primeiros membros foram o senhor Jesus Tomás P. da Silva e Geraldina Tomázia da Silva. O trabalho prosseguiu agora sendo realizadas as reuniões nas casas dos novos membros.

“Dois anos depois a denominação já tinha 12 membros, recebendo um novo pastor por nome Joaquim dos Santos para substituir o pastor José de Moraes e continuar a obra missionária da igreja, essa alternância de pastores ocorria devido aos custos com passagens, pois muitos desses pastores moravam em Manaus, ainda não havia um pastor que pudesse permanecer na comunidade” (Secretaria da IEADAM, 2012).

No período do pastorado de José de Moraes em Manaus, estabeleceu-se vários trabalhos no interior, o primeiro deles foi em Autaz-Mirim. Durante uma das visitas ao interior para realizar missões, uma delas na comunidade Miracauera em 1925, fundou a Assembléia de Deus no local. O primeiro culto foi realizado na residência do casal Tomás e Geraldina, os quais se tornaram membros dessa denominação (ALMEIDA, 1982, p.105).
Conforme Almeida

“O primeiro templo foi construído, em 1930, pelo então dirigente Sérgio. O segundo templo foi construído por Antônio Tibúrcio, que foi o primeiro pastor da igreja. A inauguração foi em 16 de março de 1951 e a solenidade presidida pelo pastor Alcebíades Pereira de Vasconcelos que se fazia acompanhar dos presbíteros José Guedes dos Santos e José Rodrigues Muniz, e por alguns membros da AD em Manaus” (ALMEIDA, 1982, p.105).

A Assembléia de Deus é considerada pioneira nos trabalhos evangelísticos no interior do Amazonas, sem recursos e sem transportes desafiaram as limitações e chegaram ao interior do Amazonas. De acordo com Almeida (1982, p.105) “no ano de 1925 o evangelho já havia chegado a Autaz-Mirim” sob a iniciativa de Antônio Matias Fernandes, este foi o primeiro missionário a chegar nessa localidade, escrevendo logo em seguida para o pastor José de Moraes solicitando uma visita, e sendo atendido fundaram oficialmente o trabalho em 1925 sob a direção do pastor solicitante. O primeiro pastor em Autaz-Mirim foi Antônio Tibúrcio Filho (1930-1935). Nessa época os pastores residiam em Manaus, pois até então não havia sido construído um templo e a igreja não possuía terreno próprio. Em 1930 foi designado para o Miracauera o pastor Tibúrcio de Almeida, o qual juntamente com os membros da igreja construíram a primeira casa de oração e a casa pastoral que foram inauguradas em 1951 para abrigar o pastor responsável pelo campo e sua família.

“Em 1940 o pastor Tibúrcio foi substituído pelo pastor Ozório, que no seu pastorado ampliou as atividades da igreja na comunidade. Este também fora substituído com a chegada dos evangelistas Valdir e João Francisco no ano de 1945, no mesmo ano pastoreou a referida igreja o pastor Tertuliano Valentim, o qual

renovou a casa de oração devido às terras dos barrancos que eram intensas, o mesmo foi substituído pelo evangelista Moisésinho em 1950” (Secretaria da IEADAM, 2012).

No ano de 1951 assumiu o pastor Raimundo Gomes, que trabalhando na direção da igreja, em 1953 chega à comunidade o pastor Tuniquinho, dando continuidade às atividades da igreja. Em 1960 assumiu o pastorado da igreja o pastor Francisco Balbino, o qual construiu outra casa pastoral para fugir das quedas de barrancos que eram constantes. Nota-se a presença constante desse fenômeno mudando a paisagem da comunidade, e consequentemente uma mudança de hábitos a partir das constantes quedas de barrancos. A presença das “terras-caídas” alterou a configuração da comunidade e principalmente os terrenos que foram levados obrigando os moradores no recuo de suas casas.

“A igreja crescia em número de membros, porém, as constantes quedas de barrancos traziam consigo a necessidade de construção de nova casa de oração, que eram de madeira e algumas cobertas de palha (figura 14), sendo as mesmas removidas e construídas em lugares seguros, mesmo assim as “terras-caídas” eram intensas” (Secretaria da IEADAM, 2012).

As constantes quedas de barranco foram aos poucos mudando a configuração da paisagem local e deslocando as casas dos moradores para os fundos do terreno. Isso indica a percepção do fenômeno e a necessidade de procurar um lugar seguro para realizar suas reuniões e principalmente, a construção de suas moradias.



Figura 14: Casa de oração da Assembléia de Deus.
Fonte: Acervo particular de Edson de Alencar (Seu Santos).

Em 1965 chega à comunidade o pastor Manoel Pachêco, vindo de Belém do Pará, trazendo em sua bagagem muita experiência da chamada “igreja-mãe”, como assim é denominada a igreja em Belém-PA. O mesmo esteve no comando da igreja de Miracauera e áreas adjacentes juntamente com os membros da igreja que enfrentavam naquele momento a escassez de recursos e a atividade do rio no modelamento do relevo na comunidade promovendo a ação das “terras-caídas”, que foi aos poucos alterando as características das propriedades dos moradores diminuindo o tamanho dos terrenos, sendo, portanto levados pelo rio.

“Construíram um novo templo, maior que os anteriores, isso devido ao crescente número de membros agregados que colaboraram com seus donativos. Chega à igreja o pastor Nemésio, enviado pela Convenção Geral de Manaus, que é responsável pela indicação, substituição e deslocamento de pastores. Nemésio foi outro pastor que conduziu a atividade na comunidade alcançando o respeito e admiração dos membros da igreja, em seguida substituído pelo pastor Luíz Firmino, quando prosseguiu na direção da igreja na comunidade” (Secretaria da IEADAM, 2012).

Em 1973, foi designado pela convenção pastor Benjamim Matias Fernandes, o qual reformou o templo, presidindo à direção da igreja durante 8 anos. Em 1981, assumiu o pastor Antimary Guedes Monteiro, designado pela convenção estadual da denominação evangélica Assembléia de Deus. Antimary foi o pastor efetivo do Careiro, incluindo as localidades do Rebojo e Terra-nova. Nesse campo existiam 18 congregações, havendo necessidade de desmembrar a área (como eles falam, dividir o campo) do Miracauera em três novos campos de trabalho eclesiástico, com a finalidade de atender melhor os membros da igreja.

“Em dezembro de 1989, foi empossado para conduzir o trabalho da igreja o referido pastor João Coelho Santa Brígida, o qual passou a residir na comunidade Miracauera, juntamente com sua família, abrindo novas frentes de trabalhos nas localidades Lago do Pacova, Lago Preto e Curarí, onde muitas pessoas foram agregadas à denominação evangélica. Para abrigar os novos membros foi erguida uma casa de oração às margens do Lago Preto. Muitas vezes o trajeto era realizado a remo ou a reboque, pois não havia condução à disposição para os membros da igreja” (Histórico da IEADAM, fonte: secretaria da igreja, 2012).

A narrativa sobre os reboques (figura 15) nos lembra do relato de Sternberg (1998, p.17) sobre o transporte naquele período. O pastor juntamente com os membros da igreja deu início à construção do templo da igreja em Miracauera, sendo substituído pelos pastores Raimundo Nonato e também o pastor José de Oliveira Senna, que juntos deram continuidade aos trabalhos evangélicos na comunidade. Em 25 de maio de 1996 assumiu a presidência da

igreja o pastor Emaoel Amador Reis com sua esposa Lucila Reis, que concluíram a construção do templo que foi inaugurado (figura 16) no dia 25 de março de 2001.



Figura 15: Rebocador “Central do Brasil” na travessia-Careiro da Várzea, Manaus/AM (postal). Proprietário: Sandro Loureiro, 1960.



Figura 16: Templo atual da Assembléia de Deus na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM. Autor: MATOS, J.A. (Setembro de 2012).

Nesta análise partimos para a compreensão da realidade vivida e experienciada pelos moradores da comunidade, ouvindo suas narrativas a respeito do processo histórico da reprodução social no lugar. Contrariando os métodos científicos de análise positivista, colocamos os moradores com atores principais e não apenas como uma fonte de informações, dessa forma, a interpretação e leitura de mundo foram feitas a partir de quem vivencia o fenômeno.

A importância disso se dá na fidelidade na transcrição, pois as descrições se dão a partir de experiências no lugar. Conforme lembra Nogueira (2004)

“O homem com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis dele, foi pensado pela Geografia, mas logo sufocado pelas críticas de que seria uma análise subjetiva e individual do mundo, e à ciência não interessaria. Retornou-se, então, a discussão mais racional, onde o homem foi tratado enquanto população, povo, classe, recursos humanos” (NOGUEIRA, 2004, p.210).

Dessa maneira valorizamos as experiências pessoais de cada morador, que contribuíram com a pesquisa passando as informações necessárias para a construção da descrição de suas relações com o lugar enquanto palco de suas relações sociais e construção de uma identidade coletiva, atribuindo significado nas representações simbólicas que cada elemento possui.

Buscamos ouvir os moradores do lugar que prontamente atenderam, e entenderam que sua participação revelaria a sua própria história e relações com o lugar. Foram conversas proveitosas, como eles dizem “*uma boa prosa*”, onde eles não ficaram presos a um questionário fechado, mas ficaram livres para descrever suas relações com o lugar.

Por isso “pensamos, assim, mostrar a relevância que tem o conhecimento dos lugares, adquiridos pelos homens que nele vivem e o experienciam” (NOGUEIRA, 2001. p. 13) sendo necessário ouvi-los a partir de suas experiências vividas, dessa forma foi possível fazer um levantamento histórico sobre as origens da comunidade a partir dos vestígios encontrados em campo e também a partir de fontes históricas, que corroboram com os fatos narrados pelos moradores.

Conforme Nogueira (2001, p.13) “é interessante ver primeiramente os lugares com olhar de quem nele habita e a partir daí olhar o mundo, que é construído cotidianamente nesta relação com os lugares”. Essas narrativas que foram descritas demonstram que há uma percepção construída numa relação com as mudanças no lugar e os eventos que foram

acontecendo ao longo do tempo, essas interpretações de quem vive no lugar evidenciam a realidade local tal qual como ela é.

É importante destacar que quem vive na comunidade tem uma relação estabelecida nesse espaço vivido, por isso precisamos olhar o lugar a partir das relações dos moradores com o lugar, e não por suposições que não descrevem a realidade do lugar, sendo necessário partir da realidade de quem vive o lugar e o compreende melhor, como salientou Husserl, não convém que a impulsão filosófica surja dos filósofos, mas das coisas e dos problemas. É importante, portanto, darmos ouvidos a eles, pois “[...] o homem enquanto indivíduo, enquanto sujeito que está no mundo, portanto, tem dele uma relação própria, uma experiência de vida” (NOGUEIRA, 2001. p. 18).

Nesse sentido procuramos as pessoas que possuem experiências do lugar e o conhecem muito bem, todavia, suas relações com o lugar onde se estabeleceram tem muito a contribuir, haja vista a importância do mesmo na construção de identidade, que foi aos poucos sendo estabelecida essa convivência com a natureza, apesar das mudanças provocadas pelos processos erosivos presente na comunidade.

A Amazônia é composta por dois ecossistemas que apresentam características peculiares e distinguem-se uma da outra de forma significativa, conforme Cruz (2009, p.143) ambas “são complementares: a várzea e a terra firme”. Nesses ambientes os moradores estabelecem suas formas de ocupação e construção de moradias, bem como as formas de relações que são estabelecidas obedecendo à dinâmica de subida e descida das águas.

Buscamos compreender essas relações a partir da percepção dos moradores e do conhecimento que os moradores possuem particularmente as experiências que foram vividas ao longo dos anos e compreender a partir das suas descrições as mudanças que foram observadas por eles ao longo do tempo, por isso destacaremos a seguir a ação das “terras-caídas” e as principais mudanças na paisagem da comunidade Miracauera a partir do olhar das pessoas que vivenciaram essas mudanças e relatam de que forma eles foram afetados com essas mudanças e quais os impactos que eles destacam em relação a esse fenômeno natural.

Essas transformações na paisagem do lugar são percebidas e consideradas pelos mais antigos como uma ação natural, seus relatos e experiências são transmitidas ao longo do tempo. Estes relatos só foram possíveis porque as experiências foram transmitidas para filhos e netos, por isso essas informações são importantes na compreensão da sociedade local, já que não há registros documentados, a oralidade reafirma a identidade com o lugar.

2.2. As “terras-caídas” e as mudanças na paisagem da comunidade Miracauera.

O município de Careiro da Várzea apresenta anualmente duas unidades paisagísticas distintas resultantes dos efeitos da dinâmica fluvial: a paisagem da cheia e a paisagem da vazante. Durante a enchente são observados dois processos além do processo erosivo; a deposição sedimentar e a fertilização do solo em decorrência dessa deposição tornando o ambiente de várzea propício à produção agrícola devido à formação de restingas fluviais.

De acordo com Sternberg (1998, p.1) “a planície amazônica contém duas ordens de paisagens inteiramente diferentes: as várzeas e as terras-firmes”. Na várzea amazônica nos deparamos com mudanças no modo de vida das comunidades que habitam no ambiente de várzea, que apresenta anualmente mudanças na configuração de sua paisagem.

Nesse sentido o seu Santos enfatizou que a propriedade herdada dos seus pais foi perdendo terras devido à erosão, dessa forma muitas terras de seu terreno foram levadas embora como ele afirma:

“Aqui não somos donos de nada, o rio sai levando tudo, as terras começaram a cair levando nossa propriedade. Já perdemos sim, muita terra, o barracão ficava lá na frente, uns 300 metros, mas caiu a terra, agora começou de novo desse lado a caição de terras.” (Seu Santos, morador do Miracauera, informação oral em 2013).

Durante um dos relatos sobre a comunidade o seu Santos destacou que em 1875 conforme as descrições que ouvira dos parentes mais idosos o Paraná do Careiro era estreito naquela época, e agora tem essa dimensão atual. Em relação a esse fenômeno Cunha & Guerra (2011, p.361-362) afirmam que “o rio, com seu talvegue, controla os processos de formação do vale, embora sua influência direta seja restrita à calha e à planície de inundação”, dessa forma o canal fluvial possui uma dinâmica constante em busca de um equilibrado balanço entre erosão, transporte e deposição de sedimentos.

De acordo com Cunha & Guerra (2011, p. 363) “uma das formas que o rio encontra para retornar ao equilíbrio anterior refere-se à intensa erosão das margens, assim como a mudança de topografia do fundo do leito”. Dessa forma, uma das consequências desse processo é o aumento de sedimentos no fundo da calha fluvial, assim ocorre “um decréscimo da profundidade e a maneira encontrada pelo rio, para ajustar seu equilíbrio, foi aumentar a largura do canal através da erosão das margens” (CUNHA & GUERRA, 2011, p.355). A busca do equilíbrio ocorre por meio da erosão, transporte e deposição de sedimentos.

É no ambiente de várzea que vamos inferir as mudanças que ocorrem nesse ambiente em relação à organização da comunidade diante dessas mudanças. Todavia, é importante saber como ocorre a organização sociocultural da comunidade estudada tendo em vista as mudanças que ocorrem com frequência e atingem a comunidade, dessa forma, entendemos que o ribeirinho garante seu sustento com o desenvolvimento de atividades agrícolas na várzea utilizando as terras de acordo com o nível da água do rio.

Nesse contexto os moradores utilizam as terras na várzea cultivando as culturas de ciclo curto devido às inundações periódicas que estão ocorrendo com mais frequência e intensidade, de acordo com os moradores isso os impressiona de tal forma, pois antes não havia a ocorrência de cheias tão grandes como as que estão ocorrendo ultimamente.

“Na época que eu era mais novo não tinha cheia tão grande como as que tamo vendo hoje. Eu lembro que enchia mas o rio secava logo, não ficava cheio por muito tempo, agora a gente vê que o rio enche mais rápido e isso traz prejuízos pra nossa plantação, a gente tem que construir canteiro pra vê se consegue pelo menos garantir que a gente tenha o que plantar quando o rio começar descer de novo. É difícil viver com isso o tempo todo, eu gosto daqui, mas tá ficando dificultoso criar gado e plantar verduras” (Entrevistado nº5, morador do Miracauera, informação oral, 2012).

Na vazante, quando o nível de flutuação da água recua, tornam-se visíveis as áreas com depósitos de sedimentos conhecidas como *restingas*⁴, áreas com cotas altimétricas mais elevadas, onde o agricultor desempenha suas atividades aproveitando essas áreas fertilizadas pelos sedimentos depositados durante a enchente, o ribeirinho percebeu essa dinâmica e mediante as transformações no ambiente procurou o aproveitamento das novas terras depositadas em sua propriedade.

De acordo com Cruz (2009, p.149) “esse ambiente novo tem sido aproveitado [...] para a realização do plantio de diversas culturas”, principalmente as de ciclo curto dentro de cercados (fig.17) para evitar que o gado danifique o cultivo. Quando os ribeirinhos

“Na várzea da Amazônia [...] tornam-se criadores de gado bovino, o aparecimento de cercas é inevitável. Isso ocorre para evitar que os animais entrem na propriedade dos vizinhos e destruam os roçados e/ou pressionem os sítios [...]. Esse processo, portanto, é que caracteriza a forma de apropriação e uso individual/familiar, pautado no pasto plantado, resultado das derrubadas de parte da floresta de várzea, atrás da casa de moradia” (CRUZ, 2009, p.136).

⁴ Áreas com cotas altimétricas mais elevadas, resultantes de sucessivas deposições sedimentares.



Figura 17: Cultivo de cheiro-verde no cercado na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2013, durante a descida das águas).

Os moradores observam que durante as enchentes, alguns locais no seu terreno adquirem um acúmulo, que eles denominam de aterros, partindo disso, eles perceberam que esses acúmulos de sedimentos (figura 18) eram propícios para a prática da agricultura e notaram que eram férteis para o cultivo de hortaliças.



Figura 18: Formação de acúmulo de sedimentos na restinga fluvial (comunidade Miracauera).
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2012, durante a descida das águas).

Essa relação de aproveitamento dessas novas terras conforme Cruz (2009, p.147) resulta das “diferentes estratégias que os moradores desenvolvem para sua permanência nesse ambiente em decorrência desse processo”. Neste lugar a população estabeleceu laços culturais nesse espaço que é transformado pela dinâmica das águas no qual existe também uma questão simbólica nessa relação de apropriação dos novos espaços construídos (figura 19) pela dinâmica fluvial, onde o ribeirão percebe essas mudanças e aproveita os novos espaços produzidos para os cultivos. Nesse sentido, Sternberg (1998, p.14) sustentava a proposição que “a água constitui o elemento da paisagem, através da qual se mais agudamente se sentem as vinculações do homem com o meio”, sendo dessa forma elemento essencial para a ocupação e permanência humana na várzea do Careiro.



Figura 19: Acúmulo de sedimentos na frente do terreno (comunidade Miracauera).
Autor: MATOS, J.A. (Junho de 2012, início da vazante, durante a descida das águas).

Segundo o Novo Dicionário geológico-geomorfológico (GUERRA&GUERRA, 2011, p.633) as várzeas são “terrenos baixos e mais ou menos planos que se encontram juntos às margens dos rios”. Na linguagem geomorfológica é o leito maior dos rios, e recebe constantemente depósitos sedimentares, portanto, sendo utilizados para a agricultura em razão da fertilidade do solo de várzea e teores elevados de matéria orgânica que acompanha os sedimentos. Para Canto (2007, p.29) “é a denominação usual para designar as [...] faixas marginais”. Essa formação geomorfológica é comum nos rios que margeiam o Rio Solimões, dessa forma constituindo uma das maiores porções de terras férteis na região Amazônica,

favorecendo o uso e ocupação do solo e o desenvolvimento de formas de vida e modos de vida particulares à região. Dessa forma, a planície de inundação fluvial de deposição Holocênica que margeia os rios de águas brancas da Amazônia e que está sujeita a inundações periódicas é regionalmente denominada de várzea (fig.20) por se tratar de uma faixa marginal sujeita às inundações fluviais periódicas.



Figura 20: Paisagem da várzea na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Abril de 2012, início do período da cheia, durante a subida das águas).

De acordo com Ferreira et al (1999, p.277) “as várzeas são fertilizadas pelo sedimento em suspensão que é depositado, tornando essas áreas as mais férteis da Região Amazônica”, possibilitando a prática da agricultura de várzea assegurando a permanência dos grupos humanos que se estabeleceram na várzea, desenvolvendo assim uma relação com o meio de apropriação dos novos espaços produzidos devido à dinâmica predominante na várzea.

O ambiente de várzea é resultado do acúmulo de aluviões holocênicos recentemente depositados, constituindo a formação de novas terras mudando a configuração da paisagem de várzea, conforme Palmieri & Larach (2011, p.109) “estas paisagens compreendem extensos domínios das planícies fluviais e fluviolacustres e distribuem-se por todo o Brasil, [...], a vegetação natural pode ser constituída por florestas e/ou campos de várzea com espécies tolerantes a excesso de água”.

Devido aos períodos constantes de inundações fluviais no ambiente de várzea, os sedimentos em suspensão que são depositados tornam o ambiente de várzea propício ao

cultivo de hortaliças, nesse sentido os moradores observaram que a várzea é fertilizada e renovada, onde os mesmos desempenham suas atividades produtivas a partir das mudanças no ambiente em que vivem. Conforme Pereira (1995, p.3) “estas inundações periódicas fazem da várzea uma paisagem *anfíbia*” devido à sazonalidade do nível da água que oscila frequentemente. Entretanto, essas oscilações no nível de flutuação da água tornam esse ambiente sazonal, dessa forma o ribeirão da várzea desenvolve mecanismos que possibilitam o desenvolvimento de suas atividades produtivas nesse ambiente a partir da percepção que eles têm das mudanças na paisagem de várzea.

Pereira (2002; 2007, p.23) afirma que os processos erosivos se formam “na margem côncava do canal principal ou Paraná”, em forma de “barranco” (margem instável). Durante o contato da água com um terraço fluvial mais elevado, a correnteza mais forte do rio erode a margem, causando o fenômeno denominado regionalmente de “terras caídas” (erosão fluvial) devido às características do solo de várzea. Esse fenômeno causa consequências para os ribeirinhos, conforme enumera Carvalho (2006, p.128-131) perda da propriedade, mudança da residência, risco de morte. Segundo Sternberg (1998, p.62) esse “fenômeno arrebatam boas terras marginais tragando [...] pastagens, ameaçando as moradias e engolindo-as, quando os proprietários não as recuam a tempo”.

O ambiente de várzea passa por processos de transformações na paisagem, estando relacionadas à ação erosiva que ocorre com frequência na comunidade Miracauera, mesmo sendo em pequenas proporções, até mesmo quase imperceptíveis e também visualmente mais notáveis. Essas transformações são evidentes no processo de sedimentação que ocorre no ambiente de várzea de acordo com o período do ano, na cheia dos rios o processo de sedimentação acontece devido à inundação fluvial, dessa forma temos nesse processo a fertilização natural dos terrenos, estes, posteriormente são aproveitados pelos moradores.

Durante a vazante os moradores mencionam o processo inverso, pois com a migração das laterais a margem côncava perde sedimentos, onde os mesmos são removidos e transportados pela ação da dinâmica do rio, que modela constantemente a configuração da paisagem. Esses sedimentos removidos são depositados na margem oposta do canal fluvial, formando áreas com acréscimos de terras no outro lado do rio, onde a correnteza é menor devido à configuração da margem, que é convexa.

Esse fenômeno retira os sedimentos de uma margem e transporta para outras áreas durante a vazante, e no período da enchente promove a deposição dos sedimentos em suspensão, favorecendo o surgimento de terras onde o morador observou que era propícia ao

cultivo de hortaliças, dessa forma gerando o sustento das famílias que moram na comunidade Miracauera com essa produção.

Sternberg (1998, p.62) ainda destaca que “o terreno hoje depositado, amanhã poderá ser removido” devido aos retoques causados pela água às margens. Esse dinamismo é denominado de movimento de migração das laterais (fig.21) na margem côncava e são depositados na margem convexa do canal onde predominam os processos denominados construtivos. Essa margem instável recebe a “agressão” do fluxo da correnteza que vem da montante, essa lateral recebe toda essa correnteza e muda no curso do rio à jusante no momento do contato da água com a margem, que sofre constantes retoques removendo sedimentos inconsolidados e transportando para outra margem onde o fluxo da correnteza é menor, possibilitando as deposições sedimentares.



Figura 21: Margem (côncava) de desagregação (comunidade Miracauera).
Autor: MATOS, J. A. (Outubro de 2010, durante a vazante).

Esses depósitos do Quaternário são portadores de nutrientes que possibilitam a fertilidade do solo por depositar sedimentos carregados pelos rios. Portanto, a várzea Amazônica se caracteriza pela presença de aluviões holocênicos dando ao solo fertilidade, dessa forma fornecendo condições produtivas. Na margem côncava também se observa um processo semelhante, pois algumas formações na paisagem possibilitam o cultivo mais próximo ao rio na faixa que surge durante a vazante. Devido à proximidade com o rio, os

agricultores utilizam esse terreno temporário para plantar seus cultivos (figura 22), quando o rio voltar a subir o seu nível, é o momento de voltar a cultivar na restinga.



Figura 22: Cultivo próximo ao rio durante a vazante na comunidade São Sebastião, Paraná do Careiro. Autor: MATOS, J.A. (Outubro de 2012, durante a descida das águas).

As áreas próximas do rio são aproveitadas pelo morador da comunidade Miracauera para plantar suas hortaliças de ciclo curto e construir suas moradias devido às cotas elevadas existentes nessa parte dos terrenos, protegendo as residências das cheias extremas. De acordo com Sternberg (1998, p.44) “a importância das águas não se resume apenas no fato de cobrirem e descobrirem periodicamente as terras, nem se mede pela espessura maior ou menor da lâmina líquida que sobre estas se estende”.

“As águas correntes são reconhecidas pelos estudiosos como o agente geomórfico fundamental, haja visto o uso da expressão “modelado de erosão *normal*”, para significar as formas de relevo em cujo afeiçoamento elas tiveram o papel principal. Em áreas como a várzea do Careiro, entretanto, elas não apenas esculpem as formas do relevo, cinzelando e removendo o material da litosfera, mas são responsáveis pela própria criação do terreno, o qual submetem a constantes retoques” (STERNBERG, 1998, p.14-15).

Conforme Matos & Cursino (2012, p.516) “essas mudanças estão presentes no cotidiano do ribeirinho, que veem suas terras ser levadas pelos processos erosivos perdendo suas terras e plantações”. Fernandes & Amaral (2011, p.157) destacam que “a morfologia de uma encosta [...] pode condicionar tanto de forma direta quanto indireta, a geração de

movimentos de massa”. Sendo uma das características das vertentes na várzea o grau de inclinação, isso possibilita a potencialização do processo erosivo (figura 23) pela ação gravitacional associada ao hidromorfismo nesse tipo de solo provocando o encharcamento do mesmo resultando nas “terras-caídas” modificando a paisagem no Miracauera (figura 24).



Figura 23: “Terras-caídas” na margem côncava (comunidade Miracauera).
Autor: MATOS, J.A. (Fevereiro de 2011, durante a subida das águas).



Figura 24: A “terras-caídas” causando mudanças na paisagem da comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Outubro de 2011, durante a descida das águas).

Conforme Sternberg:

“Há que se considerar a atividade geológica do rio. E o resultado desse trabalho, além de estar subordinado à natureza dos terrenos nos quais a água atua, depende das propriedades desta, dos materiais que conduz em seu seio [...]. Ora, os rios que fluem através de planícies aluviais têm a peculiaridade de estabelecerem, eles próprios, as superfícies de descontinuidade que os limitam e os definem. No caso em apreço, portanto, é na água, e só na água que temos de buscar a chave da geomorfologia planiciária. E diríamos mais: que, por estarem contidos na água os solos agrícolas, nela também se encontra o de que se precisa para a compreensão dos valores edáficos da região. Em verdade, a alta fertilidade ostentada por alguns solos no Careiro já existe em estado virtual nas substâncias conduzidas pelas correntes” (STERNBERG, 1998, p.44).

A terminologia atribuída ao fenômeno da erosão fluvial é típica da região Amazônica, onde os ribeirinhos convivem há muito tempo com esse fenômeno. Alguns autores trabalham com essa terminologia de forma particular. O termo regional “terras-caídas” segundo Guerra (1993) é uma “denominação dada na Região Amazônica ao escavamento produzido pelas águas dos rios, fazendo com que os barrancos sejam solapados intensamente, assumindo por vezes aspecto assustador”. Acrescenta ainda que em alguns casos, podem-se ver pedaços grandes (figura 25) de terra sofrerem deslocamentos como se fossem ilhas flutuantes.



Figura 25: Extensão do escorregamento (“terras-caídas”) na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Outubro de 2011, durante a descida das águas).

Essa terminologia está inserida no cotidiano dos ribeirinhos, conforme destaca Carvalho (2006, p.55):

“Terras caídas é um termo regional amazônico usado principalmente para designar erosão fluvial acelerada que envolve desde os processos mais simples a altamente complexos, englobando indiferenciadamente escorregamento, deslizamento, desmoronamento e desabamento que acontece às vezes em escala quase que imperceptível, pontual, recorrente e não raro, catastrófico, afetando em muitos casos distâncias quilométricas. É um fenômeno predominantemente complexo, inter-relacionado causado por fatores hidrodinâmico, hidrostático, litológico, climático, neotectônico e ainda que em pequena escala antropogênico” (CARVALHO, 2006, p.55).

Conforme Magalhães & Albuquerque (2010, p.8) esse termo “não explica de forma conceitual um processo erosivo, caracteriza-se por ser uma visão empírica dos moradores das margens de rios ao se depararem com diversas feições erosivas fluviais”, dessa forma, excluindo o saber do homem sobre o lugar e suas experiências, deixa de lado a visão que mais interessa que é a percepção de quem vive no lugar e o conhece bem, com toda essa dinâmica.

Sternberg (1998, p. 62), no entanto faz um apontamento para o entendimento dos ribeirinhos sobre o fenômeno, enfatizando que “atribui-se a terra caída ao embate direto da correnteza [...]. Alguns explicam a terra caída como uma consequência do desmatamento, ou melhor, da remoção das raízes que seguram o solo”. Todavia, vários são os fatores já citados em trabalhos no que tange a erosão de margem (“terras-caídas”) que foram visualizados em campo na comunidade de estudo tais como, o trabalho de Souza (2004) em que afirma que os processos erosivos das margens do rio

“são do tipo desmoronamento, por meio da corrosão ou abrasão e fatores preponderantes como: composição das margens (granulometria, estrutura de sedimentos e propriedades mecânicas do material); características hidrodinâmicas do fluxo (vazão, transbordamento e oscilação do nível do rio); morfologia da margem (altura, tipo de margem, densidade aparente e teor de matéria orgânica); e características ambientais (cobertura vegetal, geologia, geomorfologia, declividade, precipitação e uso do solo)” (SOUZA, 2004, apud MAGALHÃES & ALBUQUERQUE, 2010, p.6).

Na concepção de Carvalho (2006, p.55) estão incluídos outros fatores que envolvem “desde os processos mais simples a altamente complexos” abrangendo também outros fatores tais como a pressão da hidrodinâmica, a velocidade da descarga fluvial, o impacto da força da água nas margens do rio e as características do solo de várzea, como o hidromorfismo e classifica o processo erosivo em quatro categorias; escorregamento, deslizamento, desmoronamento e desabamento.

O fenômeno das “terras-caídas” já era descrito nos relatos dos naturalistas e viajantes que ficavam impressionados pelo rápido desmoronamento de grandes porções de terras às margens do rio Amazonas e pela intensidade que se dava sua ocorrência. De acordo com Carvalho (2006, p. 60) “a preocupação com o fenômeno das terras caídas, devido aos riscos que oferecia à navegação próxima das margens, aparece em quase todos os relatos de cronistas, naturalistas e viajantes que navegavam no rio Amazonas, notadamente quando subiam o rio”.

A força da correnteza do rio Amazonas fazia com que os navegantes se deslocassem muito próximo das margens, dessa forma expondo aos riscos de naufrágio por quedas de barrancos e tombamento de grandes árvores localizadas nas margens dos rios, pois as mesmas permaneciam submersas, nesse sentido Carvalho (2006, p.60) destaca que “as árvores descem em prumo e permanecem em pé por muito tempo, dificultando e colocando em risco a navegação”.

Carvalho (2006, p.60) enfatiza a narrativa do naturalista inglês Hanry Bates ao subir o Solimões em 1850, ao presenciar os efeitos das terras caídas nas margens do Solimões. Bates fez um registro histórico e dramático de uma experiência vivida em uma madrugada quando dormiam todos em uma canoa ancorada na margem do rio quando foram acordados por uma sequencia estrondosa que para eles pareciam trovoadas, e na sequencia de estrondos a canoa fora atingida por intensos banzeiros.

Conforme Carvalho (2006, p.61) relatos semelhantes foram registrados pelo padre Samuel Fritz, La Condamine, quando desceu o rio Amazonas entre os anos de 1735-1745, pelo Ouvidor Sampaio em viagem de inspeção pelo Solimões em setembro de 1774, Louiz Agassiz ao subir o rio Solimões até Tabatinga no ano de 1865 onde faz referência aos desmoronamentos das margens do referido rio, particularmente em São Paulo de Olivença, Euclides da Cunha em missão diplomática representando o governo brasileiro na solução da questão do Acre, subiu o rio Purús em 1905, o qual considerou aquele rio entre os mais interessantes “rios trabalhados”. Euclides da Cunha também testemunhou o fenômeno das terras caídas e fez uma descrição da paisagem das margens e do leito do rio Purús.

“Realmente nesse afonoso derruir de barrancas, para torcer-se em seus incontáveis meandros, o Purus entope-se com as raízes e troncos das árvores que o marginam. [...] Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatendo-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra. São, de fato, as “terras caídas” (EUCLIDES DA CUNHA, 2003, p. 69).

A ocorrência de “terras-caídas” é um fator natural provocado pela ação da água do rio em contato com as margens do rio, entretanto, essa dinâmica promove mudanças na paisagem que só são compreendidas por quem mora no lugar, pois as experiências que as pessoas têm do lugar as levam a ter um cuidado com possíveis riscos da natureza. As observações que as pessoas têm e a percepção do lugar “são resultados do envolvimento do homem com e no mundo” (NOGUEIRA, 2005, p.16), nesse sentido, o lugar é aprendido a partir da experiência que os homens têm dele, e muitas vezes não veem as “terras-caídas” como risco, mas como uma causa natural, algo da natureza ou força divina.

As feições geomorfológicas na comunidade Miracauera apresentam apenas uma unidade de relevo dividida em: terras de várzea inundáveis e as terras de várzea inundada nas faixas de planícies flúvio-lacustre. A várzea careirense apresenta uma paisagem “que varia frequentemente devido a Hidrodinâmica do rio Amazonas e de seus tributários de águas barrentas que transformam continuamente o ambiente de várzea pelo seu intenso dinamismo” (SIOLI, 1975, apud LIMA et al, 2007, p.36).

Esse dinamismo é evidenciado pelo fenômeno da cheia e vazante, que afetam diretamente a produção agrícola na comunidade e também o desenvolvimento de suas atividades diárias, pois a planície de inundação fluvial quando é transbordada impossibilita o cultivo de qualquer cultura permanecendo inundada durante dois até quatro meses, e as pessoas vivem certo isolamento social, pois quem não possui canoa não se locomove na comunidade, afetando as relações do cotidiano dos moradores.

Durante este período os produtores armazenam as sementes para plantarem novamente quando as águas baixarem, enquanto isso não acontece são construídos canteiros suspensos onde são cultivadas as sementes que serão posteriormente utilizadas. Nesse sentido, Fraxe (2000) tipifica o homem da várzea como *anfíbio*, pelas estratégias peculiares em um ambiente dinâmico e influenciado pela sazonalidade do nível de flutuação das águas. Essas estratégias consistem em técnicas que o morador do lugar criou para assegurar a sua permanência na várzea, além do aspecto cultural e do sentimento de apego que liga as pessoas ao lugar.

Por isso buscou-se um diálogo com os moradores para possibilitar a descrição das mudanças na paisagem na comunidade Miracauera a partir da percepção que eles têm das mudanças ao longo dos anos, como eles identificavam essas mudanças e se elas relatavam alguma interferência no seu modo de produção ou apenas uma influência, a qual faz com que haja uma mudança no cotidiano dos moradores tendo em vista que suas atividades diárias. Essas mudanças implicam no cotidiano do ribeirinho, todavia, o mesmo procurou uma forma

de superá-las, alguns consideram a cheia como um momento de mudanças, segundo eles o solo precisa ser renovado, por isso vem a enchente.

As formações que se originam na frente do terreno são por eles aproveitadas para o desenvolvimento de cultura de ciclo curto, pois

“eles perceberam que a utilização dessas novas terras para a agricultura não poderia ser feita como as terras já existentes (restingas antigas), onde geralmente predomina uma vegetação arbórea que, para instalação de cultivos deve obedecer a todo o processo de preparação do terreno: broca, derrubada, queimada e encoivramento” (CRUZ, 2009, p.150).

Essa percepção das mudanças facilitou ao morador na utilização dessas novas terras que são resultados da atuação dos processos de sedimentação que ocorrem na várzea, e são caracterizadas de acordo com o modo de formação, nesse caso, a natureza da formação desses depósitos são de acreção lateral. Esse tipo de acreção conforme Cruz (2009, p.149) “que é formado por processos deposicionais da carga de leito, resulta do aparecimento ou surgimento das barras de meandros [...] nas barras laterais, nas barras de canais e nas ilhas fluviais”.

Esses saberes em relação às práticas e habilidades em aproveitar essas novas áreas acrescidas nesse ambiente “estão ligados intimamente ao modo de agir, aos processos e às estratégias que cada um desenvolve” (CLAVAL, 2012, p.12). Nota-se, portanto uma apropriação desses novos espaços que vão surgindo na várzea, os quais constituem elemento essencial para a prática de cultivo dos agricultores (figura 26).



Figura 26: Área de depósito aluvial a ser usada para os cultivos no cercado (comunidade Miracauera). Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2013, durante a descida das águas).

Conforme afirma Claval (2010, p.12) “[...] estão ligados [...] às estratégias e esquemas de ação dos indivíduos e dos grupos”. Portanto, a dimensão geográfica dessas habilidades está relacionada ao emprego de técnicas utilizadas pelos moradores no uso do solo para o desenvolvimento de cultivos para o sustento das famílias.

2.3. Os moradores do Miracauera e suas relações com o lugar: as experiências vividas.

As relações sociais na comunidade Miracauera são construídas a partir da dinâmica do ambiente, tomando-se como referência a dinâmica do lugar. No período em que o rio está com o nível da água no processo subida ou descida, a comunidade possui uma relação específica em seu modo de vida e a produção econômica é voltada para cultivos de ciclo curto, marcando assim a relação com o espaço que é dinâmico e de maneira constante percebem-se mudanças causadas pela dinâmica fluvial.

De acordo com Claval (2010, p.17) “todos dependemos de nossas capacidades de observação e da memorização”, isso é fundamental para o desenvolvimento das relações no lugar, por isso os moradores do Miracauera desenvolvem essas relações de observação tendo em vista os fenômenos naturais que afetam suas atividades, sendo assim, os mesmos procuram desenvolver habilidades para se manter no lugar.

Os moradores da comunidade se organizam de acordo com as influências dessa dinâmica. As transformações que ocorrem no ambiente de várzea estão diretamente ligadas à dinâmica fluvial e as enchentes anuais bem como as vazantes. Esses processos periódicos provocam modificações não só no ambiente, mas também na questão social dos moradores.

Todavia essas transformações de alguma forma ajudam na formação de novas áreas cultiváveis, ou como os próprios moradores afirmam:

“A formação de aterros no terreno é importante porque fica mais alto o nosso terreno, na próxima alagação aqui acho que não vai mais pro fundo porque criou esse aterro de quase 2 palmos. Cada alagação que dá a gente fica preocupado porque cada ano a enchente parece que fica maior, quando a gente começa o plantio lá vem água de novo, a gente aproveita enquanto dá pra plantar aqui onde aterrô” (Entrevistado n°5, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

Nota-se também a relação mítica do morador e suas explicações para esses processos, como por exemplo, os movimentos da “cobra grande”, que faz espumar o rio provocando a queda dos barrancos de noite. “As terras caídas se manifestam também na cultura popular, onde o fenômeno aparece nas narrativas das populações ribeirinhas” (CARVALHO, 2006, p.56) as quais são associadas aos grandes animais moradores do fundo dos rios,

principalmente a cobra grande e outros seres que estão presentes nas representações e no imaginário dos moradores.

“É a cobra grande, quando ela se mexe faz a terra cair. Faz muito tempo que isso acontece por aqui, quando a gente era pequeno sempre acontecia, a mamãe dizia que era a cobra grande que mora no fundo do rio, quando ela ia atrás de comida fazia ondas bem grandes, o pessoal ficava assustado, mas hoje ninguém vê mais acontece não”(Entrevistado nº5, moradora do Miracauera, informação oral, 2013).

De acordo com Gonçalves (2001, p.18) “a Amazônia, longe de ser homogênea, é uma região extremamente complexa e diversificada”, apresentando ambientes naturais diferenciados e sua compreensão não é tão fácil, é complexa e deve ser analisada em suas particularidades, por isso o modo de vida das comunidades ribeirinhas deve ser estudado de forma mais detalhada evitando inferências equivocadas.

Compreendemos que os moradores da comunidade tem seu modo de vida influenciado pela flutuação do nível da água, regulando suas atividades econômicas, ajustando o calendário agrícola à subida e descida das águas, assim Tocantins (2000) afirma que “o rio comanda a vida”. Porém, nesse espaço vivido os moradores observaram a dinâmica natural na produção do lugar e procuraram uma relação com a natureza como destaca Dardel (2011, p.19) sobre a “importância [...] do domínio das águas”.

Conforme Dardel (2011, p.19) “as águas lacustres têm um papel preponderante”. Onde não existe água ele sugere que não há um espaço completo e “sugerem naturalmente a ideia de morte” (DARDEL, 2011, p.19). O rio, portanto, é vida, como chama a atenção Eric Dardel (2011, p.20) quando enfatiza que “a água corrente [...] é movimento e vida”. Ouvimos isto nas narrativas de um morador que afirma que:

“A gente procura sempre acompanhar as mudança que acontece na nossa área. Todo ano a gente vê uma alagação atrás da outra, aí a gente procura fazer a casa mais alta pra água não entrar quando enche muito. A gente escolhe a madeira que vai aguentar mais tempo, pra não gastar todo ano fazendo reparos na casa, assim gasta muito”(Entrevistado nº4, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

A forma de conviver com as mudanças na natureza fizeram os moradores elaborarem uma forma mais segura em relação aos períodos das enchentes, dessa forma convivendo em ambientes distintos em épocas diferentes do ano. Isso se reflete nas formas de construções que foram sendo desenvolvidas pelos próprios moradores, essa prática não é algo recente, mas aprenderam com as pessoas que possuem muita experiência.

2.4. Os moradores da comunidade Miracauera e as moradias.

A comunidade Miracauera localiza-se no Paraná do Careiro da Várzea, fica a poucos minutos da sede do município, chamada de vila do Careiro pelos moradores. Os moradores da comunidade Miracauera têm suas relações direcionadas pela dinâmica do lugar. A cheia e a vazante têm influência no modo de vida, produção dos cultivos, estilo e forma de construir suas moradias e meio de locomoção.

Abordaremos neste contexto essas características peculiares de acordo com as narrativas do ribeirão dessa comunidade onde o diálogo que foi estabelecido a partir das experiências constituiu a base para descrever a realidade de quem vive naquele lugar sem esquecer a relação dos homens na produção dos lugares.

Nesse ambiente sujeito às transformações que ocorrem devido à dinâmica do ambiente as famílias estão sujeitas às intempéries e aos ciclos da natureza. As soluções encontradas pelos moradores refletem também na construção das moradias, estas revelam o desenvolvimento de uma arquitetura e uma engenharia pelo ribeirão.

Cada povo tem a sua forma de morar, pode ser num *tapiri*⁵ para abrigo rápido durante a pesca ou uma casa sobre esteios para abrigar as famílias (as chamadas palafitas). Esse processo é denominado por Morán (1990) de adaptação reguladora, onde:

“[...] o ambiente é reconhecido pela percepção do indivíduo, mas somente parte dessa percepção entra na cognição devido às estruturas ecológicas que derivam da linguagem e às rotinas passadas do indivíduo na sociedade. Tais estruturas também servem para avaliar o que entrou no consciente. A partir daí se segue um processo de decisão no qual interagem avaliação com rotinas culturais baseadas em experiências anteriores. Daí surge a decisão de fazer ou não fazer alguma coisa que, por sua vez, será influenciada pelas condições externas que possam restringir a ação [...]”. (MORÁN, 1990).

Podemos encontrar ribeirinhos nas comunidades construindo e morando em casas feitas de alvenaria também, embora o solo de várzea não seja apropriado para esse tipo de estrutura, é comum observar a construção de casas com material de alvenaria (figura 27). São poucas as casas edificadas com esse material, devido à chegada da energia elétrica, os moradores agora querem absorver um estilo mais urbano, assimilando as formas de construção de moradias, embora a casa de alvenaria não seja apropriada para o ambiente de várzea, desperta o interesse de quem possui boas condições financeiras.

⁵ Abrigo improvisado por moradores da comunidade quando vão à pesca, geralmente construída próximo ao lago. Esse abrigo possui apenas cobertura e cercado por paredes de madeira, os utensílios para fazer comida são levados para alimentação no local.



Figura 27: Casa de alvenaria na várzea Careirense (comunidade Beira-rio).
Autor: MATOS, J.A. (Maio de 2012, durante a subida das águas).

As moradias (casas) na várzea do Careiro da Várzea possuem estilo arquitetônico peculiar. As casas são construídas em locais mais elevados na propriedade, sendo escolhidos por estarem mais protegidas das inundações fluviais. O ribeirinho da várzea convive com os períodos sazonais obtendo experiências do lugar, dessa forma o mesmo constrói sua casa suspensa sobre esteios (em forma de palafitas) oferecendo proteção para a família no período da cheia.

As casas são construídas bem elevadas acima do solo, para escapar da umidade e proteger dos insetos e animais peçonhentos, erguem-se as casas em altas palafitas, modalidade comum na Região Amazônica, que exigem assoalho durável e firme sustentado sobre esteios de madeira, que compõem a estrutura da casa do ribeirinho. Nem toda madeira é adequada para esse fim, mas as que são, dependem de instrumentos de corte, onde o morador foi desenvolvendo técnicas para superar essas limitações utilizando também o motosserra para agilizar no processo do corte da madeira.

As moradias em sua maioria são construídas com madeiras onde são escolhidas as que são mais resistentes à ação do tempo, dessa forma evita-se que em espaço de tempo muito curto seja necessário construir nova casa, pois é oneroso o trabalho, como a diária do carpinteiro e a aquisição de madeiras.

Os moradores da comunidade relataram que é praticamente impossível comprar madeira, pois a fiscalização por parte do IBAMA está muito intensa, impedindo que haja o corte de madeira ilegal. Para os moradores da comunidade isso prejudica, pois o valor da madeira é muito caro segundo eles.

As moradias são típicas de um ambiente de várzea, onde o regime fluvial influencia na configuração das casas, que são construídas sobre barrotes (esteios) que sustentam a casa. Essa armação suspensa é feita um pouco alta para evitar que a casa seja atingida durante a cheia, nesse sentido, as sucessivas enchentes são mentalizadas pelos ribeirinhos, que ao construir uma casa nova já fazem a casa de acordo com o nível máximo da enchente, essa percepção possibilita ao morador a criação de estratégias e mecanismos para fixação no lugar.

Essas moradias (figura 28) possuem um estilo muito peculiar da região Amazônica, entretanto, vale ressaltar que nessa imensidão da Amazônia, cada comunidade possui estilo característico conferido de acordo com o processo de ocupação espacial. As casas são feitas sobre esteios de madeira bem resistentes, são suspensas para evitar a invasão da água durante a cheia.



Figura 28: Moradia na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Maio de 2013, durante a subida das águas).

A comunidade Miracauera tem como característica principal o relevo relativamente plano (figura 29), sendo, portanto vulnerável às inundações periódicas, comuns em ambiente de várzea.



Figura 29: Planície de inundação na várzea do Careiro (comunidade Miracauera).
Autor: MATOS, J.A. (Março de 2012, durante a subida das águas).

Nesse tipo de ambiente a população ribeirinha da comunidade Miracauera constrói suas habitações de maneira que possam enfrentar esses períodos de cheias que ocorrem anualmente. Destacam-se as técnicas elaboradas pelos moradores para que possam passar o período da cheia em sua casa evitando dessa forma a mudança temporária para outro local, seja a casa de um familiar ou até mesmo a residência de um vizinho que cede um espaço na casa para abrigar um amigo.

“Aqui alaga todo ano porque o terreno é baixo, qualquer subida do rio a gente tem nossa terra alagada. Todo ano é assim aqui na comunidade, a gente tem sorte porque aqui alaga por último, a gente vê tudo ir pro fundo, mas aqui é mais alto do que nos outros terrenos, aqui a gente tem um pouco de sorte quando a enchente é pouca, mas quando o rio sobe demais alaga tudo, aí a gente perde plantação, perde coisas, o gado precisa ser tirado do terreno, a gente gasta demais quando alaga, aí tem que fazer cerca de novo, comprar arame farpado, prego, pagar os trabalhador, isso tudo a gente tira do bolso até o que não tem, é um pouco difícil sim, mas morar aqui pra mim é tudo” (Entrevistado nº5, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

Mesmo assim é muito comum na comunidade Miracauera os moradores elevarem o assoalho em vários momentos, isso ocorre quando a cheia supera os limites da altura da casa.

Algumas famílias residem em moradias flutuantes, alguns funcionam até como comércio (figura 30), é o caso do comércio flutuante que fica no porto da escola, local de intenso fluxo e movimento de pessoas. Durante a cheia quando acontece de a casa ser invadida, os moradores elevam o piso da residência (figura 31) para poder permanecer na casa, quando os moradores não têm para onde irem quando há a necessidade de abriga-se, a elevação do assoalho é necessária também para evitar danos aos bens que possuem.

“Foi preciso suspender o assoalho daqui de casa, a água invadiu tudo, nunca vi uma cheia tão grande como esse não. A gente não tinha pra onde ir, pra Manaus eu não queria ir, então foi o jeito levantar o assoalho de casa pra poder ficar nela. Perigoso é, de noite o jacaré fica perto de casa, procurando comer as galinhas, tem cobra também, aqui andou aparecendo, mas com cuidado a gente vai aguentando mais uma cheia” (Entrevistado nº6, morador do Miracauera, informação oral, 2012).



Figura 30: Comércio flutuante na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Outubro de 2012, durante a descida das águas).

“Todo ano quando vem enchente grande a gente sofre, toda vez precisamos levantar o assoalho da casa pra não molhar as nossas coisas, o guarda-roupa, a geladeira, tudo isso a gente precisa ter cuidado senão a gente vai perder. A gente tem que ter muita atenção com as crianças pra não cair nágua e morrer afogada, e também os jacaré se aproxima demais das casas, uns dias atrás o cachorro do vizinho sumiu, a gente acha que foi bicho que pegou ele” (Entrevistado nº6, morador do Miracauera, informação oral, 2012).



Figura 31: Assoalho suspenso pelo morador (comunidade São Sebastião, Paraná do Careiro).
Autor: MATOS, J.A. (Maio de 2012, durante a cheia).

Nas características do domicílio “um domicílio familiar ribeirinho aceita o princípio da acomodação da família em termos de teto, vedação e assoalho” (FRAXE, 2010, p.164-165). Os domicílios são divididos em sala, dois ou três quartos e a cozinha. Em caso excepcional, com as festas religiosas na comunidade, a sala é utilizada como local para dormir, acomodando os familiares que vem de Manaus. Quando ocorre o aumento no numero de membros, geralmente a casa ganha mais um quarto, ou quando um filho casa e ainda não construiu sua própria casa, por um determinado período de tempo ele e sua esposa residem com os pais.

As casas existentes na comunidade Miracauera apresentam geralmente uma sala, dois ou três quartos, uma cozinha ampla e uma sala de janta específica para a família realizar as refeições. A casa conta também em alguns casos varandas nas laterais ou cercando a casa, essa varanda é uma forma de descanso e também utilizada para recepcionar visitantes, pois o ambiente é ventilado, proporcionando uma sensação de bem estar. Conforme Monteiro (1998)

“os móveis e utensílios domésticos não são de ordem numerosas, aceitamos que a carência deles se deva, como dissemos, mais ao modo de vida do índio e do caboclo do que a uma propriamente impossibilidade financeira. Entretanto, isto nem sempre é admitido: hoje, principalmente, já se encontra numa casa de gente humilde uma arrumação melhor, tendência para o equipamento da sala-de-visitas pelo menos. Também é possível chegar-se a uma totalidade de trastes, a começar pela sala de visitas e terminando na cozinha [...]” (MONTEIRO, 1998, p.415).

São justamente esses aspectos que garantem a vida comunitária, construídos a partir das relações de vizinhança, as festas, a religião, os interesses econômicos, ou seja, a vida comum, que tendem a aproximar as pessoas e dar um sentido de identificação ao lugar e a unir as pessoas em torno de um bem comum, como ocorre na comunidade.

As moradias encontradas na comunidade Miracauera são simples, com padrão típico do interior amazônico, entretanto, observa-se que as moradias refletem a condição financeira de cada morador, que pode incluir um grau de sofisticação no momento da construção. Na construção das casas é utilizada de forma predominante a madeira em seus vários aspectos (tábua macheda), as palhas foram substituídas por cobertura em alumínio ou telhas, sendo adquiridas no comércio específico em Manaus.

Para Olic (2003) “nessas comunidades em que a economia se baseia quase exclusivamente em atividades do setor primário, a natureza tem um papel preponderante na configuração das paisagens” e de certa forma influencia nas formas arquitetônicas das moradias.

Influência que pode ser notada nas moradias identificadas na comunidade, já que elas são construídas de acordo com aquilo que ele encontra na natureza, como por exemplo, a madeira, que é extraída da própria floresta ou dos terrenos da terra-firme, ou ainda do seu terreno, ainda que novos elementos sejam acrescentados na construção de moradias, como os estilos de residências que são encontrados na comunidade, estando presente uma influência externa no aspecto cultural dos ribeirinhos.

Notou-se em campo que as casas que possuem estilos arquitetônicos mais sofisticados pertencem às pessoas que possuem um pouco mais de posses ou condição financeira mais favorável. Além da agricultura, alguns moradores vivem também em função do funcionalismo público municipal, são professores, gestores e demais cargos nesse setor, em razão disso muitas residências observadas em campo apresentam uma característica que as diferem das demais, a forma como foram construídas. São casas com estilos específicos, apresentando detalhes nas janelas e nas varandas, e a cobertura foi sendo pouco a pouco sendo substituída pela telha de amianto, embora seja mais quente que a cobertura com zinco, ainda predominante no telhado das casas.

Outro aspecto fundamental observado em campo é a questão dos dejetos e descarte do lixo, bem como a introdução na comunidade de produtos industrializados e descartáveis. Ressalta-se que na comunidade Miracauera e outras nas adjacências não possuem o sistema de coleta de lixo, ou quando há é ineficiente, sendo jogados no rio, no próprio terreno ou

queimados. Muitas residências utilizam as privadas cobertas, que geralmente ficam na parte externa da residência.

Atualmente os moradores vivenciam mudanças em alguns aspectos, como por exemplo, o banheiro que antes era no quintal afastado da casa e continha apenas um buraco escavado no solo protegido por uma cobertura e cercada nas laterais. Após a chegada da energia elétrica os moradores assimilaram novos hábitos, os banheiros estão sendo construídos dentro de casa com a aquisição do vaso sanitário e a escavação da fossa interligada ao banheiro abastecido pela caixa d'água utilizada para a cozinha e demais atividades domésticas.

Com a chegada da energia elétrica algumas coisas mudaram nesse aspecto, como a construção de banheiros no próprio domicílio com um sistema de fossa séptica que fica atrás da casa. O domicílio é abastecido pela bomba d'água elétrica onde a água é armazenada em um caixa d'água de 500 litros (figura 32), dessa forma, a água é utilizada nas tarefas domésticas como: a própria ingestão da água com tratamento utilizando o hipoclorito; a utilização para tomar banho, onde alguns ribeirinhos mudaram hábitos tais como tomar banho no rio, pois segundo eles, tendo um banheiro em casa melhorou muito pra eles, principalmente com a chegada da energia elétrica.



Figura 32: Caixa d'água para uso doméstico na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Novembro de 2013, durante a descida das águas).

Isso trouxe comodidade também para os moradores da comunidade Miracauera conforme o relato de um morador:

“Olha, a chegada da luz elétrica melhorou muita a vida da gente, antes a gente gastava gasolina com o motor de puxar água que era pesado, as vezes a gente passava a manhã inteira puxando água, e subia e descia o barranco, agora não, basta ligar a bomba elétrica e pronto. Compramos geladeira, televisão, tá tudo mais fácil aqui. Tem dificuldade sim, mas melhorô sim a vida da gente, se a gente quer ir em Manaus a gente vai e volta no mesmo dia, com essas lanchas agora é bem rápido” (Entrevistado nº5, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

Essa nova estrutura que está sendo elaborada na comunidade está relacionada aos meios de comunicações presentes no cotidiano do ribeirão da várzea, o mesmo se diz “ligado nas notícias de fora” (morador da comunidade Miracauera) e faz questão de melhorar sua condição de vida, que outrora era mais simples e não contava com essa modernidade que está se apresentando aos moradores.

Na comunidade Miracauera se percebe uma atenção quanto à questão da saúde e qualidade de vida, atentos aos noticiários estão informados dos fatos que ocorrem no dia a dia. Os moradores adquiriram eletrodomésticos e eletroeletrônicos, máquina de lavar e outros utensílios para a residência, tais como a mobília presente nas casas. Uns optaram por sofás, outro ainda permanecem utilizando cadeiras de madeira ou de plástico, isso é resultado daquilo que os moradores assistem na televisão, onde procuram assimilar uma cultura externa aos costumes da comunidade.

Para Laraia (1986) a cultura “é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”, portanto, homens de culturas diferentes, olhares diversos e lentes diversas. Todavia, observa-se então que os moradores da comunidade Miracauera vivenciam trocas materiais e simbólicas com a cidade de Manaus. Os comerciais atraem com suas facilidades de compra, muitos moradores possuem cartões em lojas facilitando o acesso às compras pagas em várias parcelas, pensando nesse público muitas lojas localizadas no centro de Manaus realizam as entregas na embarcação indicada pelo comprador que sai da comunidade em busca de produtos para sua comodidade.

No caso da máquina de lavar facilitou a vida das mulheres que antes desciam o barranco com bacias cheias para lavar as roupas no rio, essa condição foi substituída com a introdução da máquina de lavar, anteriormente a atividade doméstica estava subordinada ao processo de lavagem de roupa, por exemplo, o almoço só era preparado após a lavagem da roupa, hoje isso mudou, o almoço está sendo preparado e a roupa sendo lavada na máquina permitindo que as atividades domésticas sejam realizadas ao mesmo tempo possibilitando

também o desenvolvimento de outra atividade enquanto o almoço fica pronto e a roupa seja lavada e colocada para enxugar.

Nesse sentido os moradores da comunidade Miracauera estabelecem um modo de vida integrado às mudanças que ocorrem na várzea, aproveitando o movimento gerado pela natureza produzindo seus cultivos a partir da percepção do período que inicia a subida ou descida do nível da água. Tocantins (2000) afirma que

“as comunidades, as barracas, os barracões se desenvolvem à beira dos rios, junto aos barrancos, equilibrados nos esteios, prontos para locomoverem-se à ré se as terras caídas ameaçarem as palafitas, mas sempre junto da água, na atração máxima do caudal que é a vereda das energias vitais” (TOCANTINS, 2000, p.233).

Essa relação demonstra uma cultura de relação com o lugar a partir da dinâmica com a qual se apresenta ao conjunto de moradores da comunidade. Essa relação foi construída historicamente, dado o caráter simbólico na relação dos homens do lugar com o ambiente aquático e terrestre. As experiências humanas são feitas “de práticas e habilidades. Elas são carregadas de experiências e de subjetividade” (CLAVAL, 2010, p. 39).

Conforme Claval (2010, p.39) “as pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem”. Portanto, procurou-se neste trabalho dar ênfase à percepção dos moradores em relação às formas de organização no ambiente de várzea em relação aos seus cultivos, criação de rebanho, construção de suas moradias e reprodução social na comunidade.

Todavia, percebe-se a influência da água em todos os aspectos no cotidiano dos moradores, por isso abordaremos a forma como os moradores da comunidade mantém suas relações nesse ambiente dinâmico e quais as técnicas utilizadas pelos moradores durante os períodos da cheia e vazante bem como descrever sobre a percepção dos moradores da comunidade Miracauera e a influência da dinâmica fluvial no modo de vida.

CAPÍTULO III.

A PERCEPÇÃO E O MODO DE VIDA DOS MORADORES DA COMUNIDADE MIRACAUERA.

Foi observado em campo que os moradores da comunidade Miracauera desenvolvem suas atividades econômicas trabalhando com técnicas que possibilitam o desenvolvimento da agricultura nesse ambiente e sua vivência no lugar. Conforme Claval (2010, p.8) “a Geografia está presente nas práticas, nas habilidades, nos conhecimentos que todos sempre mobilizamos em nossa vida diária”, e isso foi observado em campo, pois os ribeirinhos do ambiente de várzea desenvolvem diversos cultivos nas áreas próximas dos rios para facilitar a captação de água para irrigação e consumo próprio bem como o descolamento via fluvial, evidenciando dessa forma um conhecimento sobre o lugar que “resulta da experiência que temos do mundo” (CLAVAL, 2010, p.8), sendo indispensáveis para a vida dos indivíduos e dos grupos.

Nesse sentido os moradores da comunidade Miracauera conhecem o ambiente e sua dinâmica, bem como as influências que os fenômenos de cheia e da vazante causam aos moradores da comunidade e também as formas de uso do solo no ambiente de várzea, destacando principalmente a forma de organização dos moradores que trabalham com a prática da agricultura nos períodos que são atingidos pela força da natureza, como eles dizem:

“Isso tudo é a força da natureza. Todo ano a cheia vem e alaga tudo, a gente não pode fazer nada, só se acostumar com isso porque é uma força maior que a nossa. A gente planta de acordo com o que a natureza permite, tudo isso é permissão de Deus. O que a gente pode fazer é construir a casa mais alta e guardar as sementes da plantação pra plantar de novo quando a água descer, por isso a gente acaba plantando pouco na enchente, não dá pra vender quase nada, fica difícil sim nos meses da cheia, não dá pra fazer nada de plantação”. (Entrevistado nº7, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

De acordo com Brandão et al (2009, p.14) “as moradias estão localizadas sempre próximas das margens ou na *frente* do terreno pela facilidade de acesso à água, deslocamentos fluviais e por serem áreas de cotas mais elevadas”. Estes locais são áreas denominadas por Pereira (2002) como *restingas* ou lombadas de terras, exatamente nesses lugares o homem da várzea se estabeleceu e convive com a dinâmica da várzea como salienta Nogueira (2001, p.11) “a cada paisagem que se forma eles atentamente reaprendem seus percursos, acrescentando as novas informações que aparecem” assimilando cada nova mudança no ambiente devido às sucessivas transformações que ocorrem na várzea, principalmente durante o período da enchente.

De acordo com Cardoso & Nogueira (2005, p.3) “a fertilização das várzeas, áreas que recebem bastantes nutrientes minerais no período da enchente, torna o solo extremamente aproveitável para a prática agrícola”, dessa forma o uso do solo em ambiente de várzea “é determinado pelo nível das águas” conforme Lima et al (2007), portanto no período da cheia ou da vazante o que vai determinar qual o tipo de plantação que será cultivada, envolvendo a seleção das culturas e práticas de cultivo que incluem o cultivo misto ou sítios agroflorestais conforme aponta Cruz (1999).

Paul Claval (1999) sustenta que “a extensão pela qual se interessam os geógrafos não é abstrata, mas é feita de meios de vida com a qual o grupo social estabelece as relações no espaço”. Partindo desse entendimento, observa-se uma relação forte entre os ribeirinhos com o ambiente de várzea e o rio, principal meio de locomoção. Nesse sentido entendemos que nessa relação “o indivíduo acaba, assim, por se tornar um com os lugares que frequenta constantemente e com as pessoas que ele encontra lá” (CLAVAL, 2010, p. 43).

Isto fortalece a questão de pertencer ao lugar, se sentir nele como que ambos se completassem nessa relação, tanto de identidade como a própria questão cultural estabelecida e vivenciada pelos moradores nesse espaço vivido onde as experiências humanas com os lugares são construídas numa relação de afeto e apego ao lugar onde moram.

Essa relação “transforma-se em “questão cultural”, carregada que está de simbolismos na construção de uma identidade [...] local” (HAESBAERT, 1999, p.181), uma vez que há uma forte ligação entre os grupos familiares e o meio, trazendo consigo heranças culturais que identificam cada conjunto de práticas.

Nesse espaço vivido e reproduzido pelos moradores, os agricultores desenvolvem um conjunto de práticas e habilidades, dentre as quais se destacam: a seleção das áreas para determinada cultura, geralmente nas áreas próximas às margens dos rios, pois recebem os sedimentos provenientes da inundação fluvial se tornando fértil por meio do acúmulo de sedimentos que são transportados desde as regiões Andinas, possibilitando o cultivo e a seleção das culturas para sustento da família e como forma de permanecer na várzea.

Conforme Cardoso & Nogueira (2005, p.3) “os tipos são variados e são de ciclo relativamente curto”. Essa percepção das mudanças do ambiente possibilita ao morador desenvolver técnicas para manter seu sustento. De acordo com Fraxe et al (2007, p.8) “esse comportamento demonstra que o homem da várzea através da apropriação e manejo do meio ambiente em que vive, conseguiu [...] tornar-se sustentável neste ambiente” promovendo desta forma a sua segurança alimentar mediante a sazonalidade ecológica local.

O cultivo no ambiente de várzea é caracterizado pelo cultivo de hortaliças de ciclo curto. Essa prática foi desenvolvida para evitar danos à produção com as enchentes constantes, e práticas de cultivo do solo, como os cercados que são construídos nas áreas selecionadas para o cultivo. Nos cercados são cultivadas várias culturas, destaca-se o cheiro-verde, a cebolinha, a chicória, a pimenta, sendo utilizadas tanto como tempero no preparo dos alimentos como para comercialização.

Como mecanismos desenvolvidos pelos moradores destacam-se as características peculiares na forma de construir suas moradias. As casas são suspensas em relação ao nível do solo, o assoalho é erigido de forma que a água não atinja a moradia. A forma de cultivar sua produção também passa por um processo de mudança tanto no período da vazante como no período da enchente. Essas observações feitas pelos moradores demonstram que “[...] todos dependemos de nossas capacidades de observação e da memorização” (CLAVAL, 2010, p. 17).

3.1. O ribeirinho na várzea: a identidade com o lugar.

É comum encontrarmos conceitos atribuídos ao objeto de estudo, mas neste caso, conceituar o ribeirinho, como são chamados os moradores de ambiente de várzea, é algo difícil, ou seja, há uma dificuldade em identificar e utilizar critérios que o tipifiquem como tal a partir das relações estabelecidas nesse ambiente ou no lugar que vivem. Conforme Cruz (2007, p.5) “a tarefa de estabelecer conceitos é sempre difícil e nem sempre alcança os objetivos propostos”. Os conceitos normalmente buscam estabelecer regras gerais a respeito de determinados assuntos, todavia, os parâmetros estabelecidos nem sempre condizem com a realidade vivida, devendo ser utilizado como instrumento de análise, mas não como parâmetro definitivo.

Na busca por um conceito que não generalize, mas que se aplique ao morador da várzea destacando suas peculiaridades procuramos destacar o caráter de regionalidade do morador da várzea e sua relação com o ambiente em que vive, onde a definição de sua identidade local está claramente relacionada a uma ligação afetiva com o lugar onde vive.

Na concepção de Fraxe (2000, p.48) “os caboclos-ribeirinhos, sobretudo os ilhéus do Careiro da Várzea, desenvolvem uma relação particular com o rio”. Notamos essa relação também na comunidade Miracauera, pois os moradores se estabeleceram às margens do rio, que é constituído como a principal via de deslocamento para os ribeirinhos, como destaca Tocantins (2000, p.233) “o homem e o rio são os dois mais ativos agentes da Geografia

Humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações [...] imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional”.

Todavia a percepção que os moradores têm das realidades existentes e dos fenômenos naturais que atingem a comunidade possibilita aos mesmos a elaboração de estratégias que permitem o sustento dos moradores mesmo no período de cheia ou vazante.

Essas estratégias foram observadas em campo e a partir dos relatos dos moradores da comunidade notamos que além da relação de apego ao lugar, os moradores também desenvolvem diversas estratégias para o desenvolvimento dos cultivos de acordo com as mudanças no ambiente, por isso as técnicas elaboradas ao longo do tempo evidenciam uma relação com o lugar de apropriação e criação de uma identidade com o ambiente em que vivem. Descreveremos cada uma das principais técnicas que foram citadas e relatadas pelos moradores da comunidade Miracauera, e relacionar a importância que as mesmas têm para o desenvolvimento dos cultivos e do modo de vida de acordo com a dinâmica do lugar.

3.2. Cercados rotativos e Cobertura do cultivo.

Os cercados rotativos têm uma funcionalidade específica para os que a utilizam nos cultivos: evitar o desgaste do solo, permitindo assim que haja a recuperação de uma área já utilizada, além de proteger a plantação do rebanho, que muitas vezes danifica o cultivo. Dessa maneira, caracteriza-se uma agricultura pensada na estratégia de poder utilizar uma área do terreno enquanto a outra está em descanso, permitindo dessa forma que o solo esteja em descanso para a próxima plantação. De acordo com Claval:

“as colheitas esgotam o solo, todos os agricultores sabem disso. É preciso manter sua fertilidade ao variar, de ano para ano, sua utilização. O mais fácil é deixar o solo em pousio depois de cada sequência de dois ou três anos de sua utilização” (CLAVAL, 2010, p.23).

Na literatura essa técnica é conhecida como pousio, nesse processo o agricultor trabalha em determinada área do seu terreno até que a produção começa a reduzir, então ele sabe que é o momento de procurar outra área para continuar o cultivo. O pousio permite que o solo se recomponha e sua capacidade produtiva não seja comprometida, esse processo resulta das observações realizadas pelos moradores e da capacidade de memorização, todavia, essa percepção que os moradores têm do lugar revela uma relação de Geograficidade, pois os moradores veem as mudanças e se ajustam a elas com suas experiências.

Os cercados rotativos (figura 33) são cercados onde são cultivadas as hortaliças que são plantadas em covas rasas ou sobre o solo revolvido onde o agricultor faz uma espécie de elevação no nível do solo, dessa maneira a plantação não é feita diretamente no solo, mas em pequenas elevações desenvolvidas por eles para evitar que a plantação fique direto no solo, e no momento da irrigação esse cultivo se torna mais resistente, pois evita o excesso de água na raiz da planta.



Figura 33: Cercado rotativo na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2010, durante a descida das águas).

A cobertura nas plantações é improvisada, pois ainda não foi introduzida uma técnica sofisticada (plasticultura) devido aos custos, pois muitas vezes os agricultores não possuem condições financeiras de adquirir. No entanto, o morador local desenvolveu suas próprias técnicas, evidenciando o saber tradicional a serviço da própria existência.

Essa cobertura improvisada revela uma infraestrutura precária no processo produtivo, pois os produtores não dispõem de técnicas adequadas para produzir com maior eficiência, a plantação fica exposta ao sol durante o dia, principalmente durante o período do verão, surgindo a necessidade de cobri-las.

Alguns produtores de hortaliças na comunidade Miracauera improvisam uma cobertura (figura 34) para a plantação com palha de coqueiro, construindo uma estrutura para poder montar a cobertura, mas não é suficiente para a proteção das hortaliças, uma vez que há

a necessidade de nova cobertura quando a mesma se torna sem utilidade devido ao tempo de exposição ao sol, secando dessa forma as folhas que cobrem o cultivo.



Figura 34: Cobertura do cultivo na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Maio de 2010, durante a subida das águas).

No entanto, se houvesse projeto para que os produtores utilizassem novas técnicas, treinamento e capacitação técnica, os produtores rurais da comunidade teriam melhores condições de trabalho e melhor aproveitamento da sua produção agregando valor ao produto final, tornando assim sua produção competitiva no mercado consumidor urbano, entretanto não há investimento na produção local que objetive melhorias no processo produtivo, dessa forma os agricultores improvisam técnicas que eles mesmos criaram.

É notável o potencial para a produção de hortaliças nas comunidades Miracauera, entretanto, os agricultores da comunidade relataram que não conseguem apoio para produzir com eficiência. A produção local ainda é incipiente, mas devido à proximidade geográfica com a cidade de Manaus, deveria abastecer o mercado urbano com mais produtos provenientes das comunidades.

3.3. Irrigação (captação de água e utilização de mangueiras).

A irrigação das hortaliças na comunidade Miracauera antes era feito por meio de regadores, onde os moradores precisavam ir até o rio captar água. Esse processo era cansativo, pois exigia esforço físico dos moradores para subir e descer o barranco, por isso foi

introduzida a utilização das mangueiras e motor-bomba, que bombeia a água para irrigação e uso doméstico. Essa realidade era diferente na comunidade, pois a maioria não possuía condições financeiras para adquirir um motor-bomba devido aos custos, os gastos aumentavam ainda mais pelo valor da gasolina.

No entanto, houve mudanças na comunidade Miracauera com a chegada da energia elétrica (Programa Luz para todos do Governo Federal). Em relação à irrigação, os agricultores adquiriram bombas elétricas e mangueiras de longo alcance para realizar a irrigação, facilitando o processo de irrigação e minimizando os esforços do trabalho reduzindo o tempo gasto durante a irrigação, pois as mangueiras possuem um alcance maior devido à força da água impulsionada na mangueira (figura 35).



Figura 35: Irrigação com mangueira (comunidade Miracauera).
Fonte: MATOS (2011, p.37. Novembro, durante a subida das águas).

Entretanto, as constantes quedas de energia que algumas vezes ocorria na hora do trabalho de irrigação da plantação não favorecia muito o agricultor, por isso muitos alternavam entre o uso da energia elétrica e do motor-bomba, tendo gastos com a gasolina para funcionar o motor. Com a estabilização da rede de energia as quedas de energia diminuíram assim como o uso do motor-bomba se tornou reduzido. Hoje os moradores da comunidade utilizam tanques para armazenar água em casa, onde lavam roupa com máquina de lavar, mais uma mudança introduzida na comunidade a partir da chegada da energia elétrica. Houve a aquisição de geladeiras e outros produtos tais como os televisores, dessa

forma, o que antes era somente promessa se tornou realidade, o que se percebe é que as pessoas se mantêm na comunidade e a partir de suas relações não manifestam o desejo de ir para a cidade.

3.4. Forma de plantar.

A forma de plantar seus cultivos é totalmente peculiar, atendendo ao regime climático predominante na região e as peculiaridades do ambiente de várzea, por isso o ribeirinho na várzea cultiva culturas de ciclo curto e seleciona quais as que serão plantadas e qual a época do ano. De acordo com Claval (2010, p.23) “o momento da lida tem que ser decidido com conhecimento de causa”, revelando nesse aspecto a “[...] experiência que os homens têm dos lugares [...]” (CLAVAL, 2010, p. 55).

As áreas selecionadas geralmente ficam próximas às margens dos rios, pois essa proximidade facilita a irrigação e também o escoamento dessa produção pela proximidade com o rio. O agricultor procurou estabelecer mecanismos de acordo com as peculiaridades e características do ambiente, principalmente o regime fluvial, que influencia na plantação de hortaliças. As formas de plantar começam com o preparo da terra (figura 36), os ribeirinhos que trabalham com a agricultura descreveram como percebem o período propício para iniciar o cultivo.



Figura 36: O preparo da terra, as leiras na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2010, durante a descida das águas).

“Primeiro a gente faz o cercado e depois faz as leiras pra começar o plantio. As mudas escolhidas a gente planta em cima das leiras⁶que a gente cava. A gente faz nessas leiras (figura 37, 38) umas covas rasas e plantamos lá” (Entrevistado n°8, morador do Miracauera, informação oral, 2012).



Figura 37: O cultivo de hortaliças em leiras (covas rasas na comunidade Miracauera).
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2010, durante a descida das águas).



Figura 38: O cultivo nas leiras (covas rasas na comunidade Miracauera).
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2010, durante a descida das águas).

⁶ Solo revolvido onde o agricultor faz pequenas covas rasas e planta seu cultivo.

Os agricultores também desenvolveram técnicas para facilitar o cultivo nas leiras, é o caso da plantação de cheiro verde, onde o agricultor planta as sementes em fileiras um pouco afastadas das demais, dessa forma isso garante que o cultivo não seja contaminado com um fungo que destrói as raízes da planta e evita que uma contamine as outras.

3.5. O Subsistema roçado e quintal e o Cultivo misto.

Os produtores de hortaliças da comunidade Miracauera trabalham em dois subsistemas identificados como o subsistema de roça e de quintal. No quintal é cultivada uma variedade de plantas que são utilizadas para garantir o sustento da família. Os sítios ou o quintal são utilizados pelo morador da várzea para o cultivo de árvores frutíferas, plantas medicinais e plantas que ornamentam o quintal, que permanece sempre limpo. Viana, Dubois e Anderson (1996) e Castro et al (2007) relatam que o quintal florestal é utilizado para obter alimentos ricos em proteínas, vitaminas e sais minerais, geralmente são cultivadas espécies anuais durante algum período sendo deixado em descanso (FRAXE et al, 2007, p.6). Para Noda et al (1994) os sítios constituem um

“subsistema e uso da terra, o sistema agrícola que envolve o manejo de árvores, arbustos e ervas de usos múltiplos intimamente associados a cultivos agrícolas anuais e perenes e a animais domésticos de pequeno porte, sendo o conjunto intensamente manejado pela mão-de-obra feminina e infantil” (NODA et al, 1994, p.28).

Segundo Pereira (1994) os sítios localizam-se, geralmente, “nas cotas mais altas da propriedade, onde se encontram as unidades de bancos e de meandros mais antigos”. As vantagens apresentadas nesses terrenos são a largura e a cota altimétrica resultante da deposição sedimentar, possibilitando que o terraço seja mais elevado em relação ao nível do rio Amazonas. Segundo Cruz (1999) “os caboclos-ribeirinhos da várzea do Careiro designam para “sítios” ou “quintais” as áreas cultivadas no entorno da casa”, onde são cultivados componentes arbóreos e árvores frutíferas. Conforme relatos dos moradores:

“Nos quintais são cultivadas as plantas que são usadas pra fazer remédio e outras são vendidas. Quando a gente precisa de um remédio pra ajudar um doente a gente pega umas plantas aqui no quintal e faz um chá próprio pra enfermidade que o doente tem, a gente aproveita também pra vender pro atravessador, que leva pra Manaus e vende lá” (Entrevistado nº5, moradora do Miracauera, informação oral, 2013).

“Sempre a gente gostou de cuidar do quintal de casa plantando pequenas pés de planta pra enfeitar, e a gente aproveita pra plantar também o mastruz pra fazer remédio e pra vender também. É bom a gente ter remédio no quintal, a gente não

sabe quando vai ficar doente e remédio é sempre caro, aí a gente corre pro chá” (Entrevistado nº9, moradora do Miracauera, informação oral, 2013).

Guillaument et al (1990) apud Cruz (1999) refere-se a essas áreas como “um sistema constituído por um conjunto de espécies [...] frutíferas, essencialmente voltadas para o consumo familiar”, porém, voltadas também para a comercialização. Esses cultivos nos quintais representam uma alternativa comercial como fonte complementar na renda familiar, pois as espécies frutíferas são também são comercializadas.

Ao fazer uma revisão na literatura sobre os subsistemas, foi encontrada no estudo de Lima (1994) a descrição sobre cultivos mistos. Há a distinção entre três zonas desse ambiente sendo manejados pelos ribeirinhos da várzea de maneira diferente: o “jardim” é estabelecido na frente de casa compondo plantas ornamentais e medicinais, o “terreiro” é uma área limpa ao redor da casa, e o “quintal” compõe as árvores frutíferas.

Para Garcia Jr. (1983, p.30) “se o *roçado* é uma plantação que ocupa a terra por breve espaço de tempo, o *sítio* implica uma ocupação prolongada do mesmo espaço”, constituindo parte da própria casa do morador. Este espaço permanece sempre limpo, sendo constituído por uma reunião de árvores frutíferas em determinado local, sempre nas proximidades da casa. O quintal (figura 39) também é conhecido como *terreiro*.



Figura 39: Quintal ao lado da casa com árvores frutíferas e plantas medicinais (comunidade Miracauera). Autor: MATOS, J.A. (Outubro de 2012, durante a descida das águas).

Portanto, “a casa não é apenas a parte coberta onde circulam os membros do grupo doméstico. Segundo formulação corrente, o *terreiro* faz corpo com a casa. No *terreiro* há um local, em geral, atrás da cozinha, onde se toma banho” (Garcia Jr. 1983, p.174). Para Garcia Jr. (1983, p.174) “o *terreiro* é, sobretudo, o local onde certos animais são criados pela unidade doméstica”.

Nessa composição há uma divisão de trabalho onde as mulheres e crianças limpam os jardins e o homem executa atividades na plantação de hortaliças. A roça é o local onde geralmente são cultivadas espécies anuais durante algum período (normalmente dois ciclos, dependendo da qualidade do solo) e após isso é deixado em descanso para a recuperação da fertilidade (NODA et al, 2002; FRAXE et al, 2007, p.6).

Essa realidade foi observada em campo na comunidade Miracauera, a divisão das atividades e o uso do quintal para o cultivo de plantas e ervas medicinais além da utilização do mesmo para cultivar espécies de hortaliças para utilização no tempero.

De acordo com Neves (2003) os ribeirinhos “adotam formas de gestão de usos diferenciados e sazonais dos recursos naturais em face do período de cheia e vazante do rio”, por isso a utilização de técnicas possibilitam os cultivos em cercados rotativos onde o tipo de cultura é selecionado para ser cultivado em sistema consorciado com outras culturas, no mesmo cercado há o cultivo misto, permitindo dessa maneira que haja a compensação de um produto pelo outro, minimizando dessa maneira possíveis perdas se houvesse apenas um tipo de plantação cultivada.

Neste tipo de cultivo no mesmo cercado pode haver várias culturas, caracterizando uma plantação consorciada com variedades de plantações. Neste tipo de subsistema há uma variedade de espécies cultivadas, principalmente a cebolinha, a chicória, o cheiro-verde. Na realidade é uma estratégia de compensação com os gastos durante a produção, dessa maneira, um dos cultivos pode cobrir o valor do outro quando o preço não está favorável no mercado, outra espécie de hortaliça compensa com o seu valor mais alto em relação às outras espécies.

3.6. O armazenamento de sementes e os canteiros suspensos.

No período da enchente o armazenamento de sementes é feito para assegurar que no período em que as águas começam a recuar o ribeirinho tenha como iniciar um novo ciclo produtivo. As sementes são armazenadas muitas vezes em canteiros suspensos ou em casa, garantindo a continuidade da produção. No período da enchente o ribeirinho constrói canteiros suspensos (figura 40) para comercializar sua produção, mesmo nesse período fica

difícil sustentar a família, por isso a pesca artesanal entra como complemento da renda familiar.



Figura 40: Canteiro suspenso (comunidade Miracauera).

Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2013, durante a descida das águas).

O canteiro suspenso exige esforço e preparação antecipada à enchente. O agricultor nem sempre acerta se o rio vai transbordar logo ou não, haja vista as alterações naturais. Muitas vezes o gasto é muito elevado, por isso nem todos constróem canteiros, preferem dividir as despesas e procuram fazer parceria com os vizinhos para conseguir guardar sementes e concluir a construção dos canteiros onde irão cultivar durante o período da cheia, entretanto, esse cultivo não representa a mesma produção de antes, o preço fica muito baixo nessa época do ano e a produção de hortaliças fica comprometida devido a cheia.

“Quando a água vem subindo a gente precisa construir os canteiros pra gente vender o que der e guardar as plantas pra quando a água descer de novo a gente ter o que plantar. Muitos vizinhos não se prepara pra cheia e acaba perdendo toda plantação. Nos fomos atrás de madeira pra poder fazer o canteiro, quando a água vem subindo fica ruim arrumá madeira na mata, porque tem que cortar. A gente vende pouco nesse período porque a gente faz pouco canteiro, não adianta fazer muitos canteiros porque o preço da verdura cai demais, fica ruim vender. Depois que a água desce o trabalho é tirar as plantas e plantar de novo no chão” (Entrevistado nº4, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

“A gente constrói o canteiro pra não perder as sementes das verduras. É um trabalho longo, a gente vai pegar as madeiras na mata pra poder construir o canteiro, fazer a armação e depois jogar terra pra encher o canteiro, a gente mistura com um pouco de adubo pra poder cultivar melhor. Mas o que a gente produz na cheia não dá nem pra pagar as despesas que a gente fez pra construir o canteiro, a gente planta mesmo pra

não perder a verdura” (Entrevistado nº5, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

Quando constróem o canteiro suspenso, ele tem que ser alto, por isso fica difícil trabalhar com o cultivo no período de cheia. Às vezes a canoa não consegue chegar ao local onde estão os canteiros suspensos devido ao nível baixo da água não permitirem essa aproximação, pois os canteiros são construídos em locais no terreno que são mais elevados. Dessa forma os agricultores precisam trabalhar dentro da água expostos a riscos de serem surpreendidos por animais peçonhentos, e durante o período da descida da água o canteiro elevado dificulta o processo da colheita, que precisa ser feito pelo menos 3 vezes na semana conforme foi observado em campo na comunidade Miracauera.

3.7. O transporte do rebanho bovino para a “terra-firme”.

Uma das experiências mais dolorosas para quem mora na várzea é perder seu rebanho durante a inundação fluvial ou se ver obrigado a conduzir seu rebanho para áreas mais elevadas. Com o terreno inundado, não há vegetação para o gado se alimentar, e principalmente abrigo para recolher o gado.

Como alternativa são construídas marombas improvisadas para acolher o gado, construções edificadas sobre palafitas que muitas vezes eram cobertas com folhas de zinco, com palhas de palmeira encontrada na região, o piso era de madeira resistente com ou sem cobertura, quando não eram construídas marombas flutuantes no rio. As laterais são cercadas por caiçaras⁷ evitando que o gado saia da maromba, ainda da mesma forma como descreveu Sternberg (1998) em que identificou no Careiro da Várzea já na década de 1950 essa prática destacando que mesmo os criadores que ainda persistiam na utilização de marombas “só a utiliza como último recurso e dela retira o gado tão cedo possível” (STERNBERG, 1998, p.203).

Sternberg percebeu que essa técnica estava sendo diminuindo, embora a construção de marombas seja uma prática cada vez menos utilizada no município devido à intensidade das enchentes que estão cada vez mais presentes nas comunidades, porém essa prática ainda existe em poucas comunidades.

Todavia os recursos dos criadores de gado são limitados, por isso alguns ainda usam marombas e ficam na dependência de vizinhos para ajudar na construção ou levar o gado para outro terreno na “terra-firme”, porém, essa questão já se torna mais complexa, pois envolve

⁷ Uma espécie de cercado com madeira impedindo que o rebanho se disperse.

gastos com o frete do transporte. No Careiro da Várzea predominava a utilização de marombas (fig. 41), todavia não se percebe o uso das marombas como antes.



Figura 41: Maromba no Careiro da Várzea próximo ao Cambixe.
Autor: MATOS, J.A. (Agosto de 2013, durante a descida das águas).

Dependendo das condições do criador, o mesmo pode construir marombas especiais. As marombas simples eram o modelo acessível às condições financeiras dos pequenos criadores, proprietários de poucas cabeças de gado. O outro modelo de maromba era construído a partir de alicerces de pedras em bloco de piranheira (um tipo de madeira resistente encontrada na “terra-firme”) tinha o seu espaço interno preenchido com barro, areia e cascalho, onde o aterro era revestido de solo-cimento e as cocheiras trabalhadas em alvenaria de tijolos. Era o abrigo preferido dos criadores que tinham mais recursos, proprietários de grande quantidade de rebanho, assim, o rebanho estava mais protegido.

No Miracauera não foi encontrada a presença de marombas, essa prática diminuiu tendo em vista a preferência dos criadores em levar seu rebanho para a “terra-firme”. As consequências dessa mudança de hábito trouxe o desaparecimento de inúmeras marombas que, num passado não muito distante foram constituídas como o único meio conhecido de proteção do gado leiteiro durante a ocorrência das cheias periódicas, embora alguns ainda resistem em levar o gado para terrenos na “terra-firme” pois os criadores sabem que o gado definha e volta magro, quando resistem. Conforme Sternberg (1998) muitos casos de prejuízos ocorriam na década de 1950, pois “numerosos são os casos que se contam,

semelhante aos daqueles fazendeiros” que perderam quase todo o rebanho. Na narrativa a seguir foi citada pelo entrevistado a dificuldade de levar o rebanho para a “terra-firme”:

“É preciso “arrendar”⁸ terreno na “terra-firme”, e nem sempre tem terreno à disposição a um preço acessível. Para cada boi é cobrado um valor que depende do tamanho do animal, para cada animal adulto o custo fica em 25 reais, além disso, tem as despesas com o frete do barco para levar o rebanho, o valor do frete depende da distância até o terreno, essa viagem vai custar cerca de 200 reais” (Entrevistado nº10, morador do Miracauera, informação oral, março de 2012).

Nem sempre levar o rebanho para a “terra-firme” garante a sobrevivência do rebanho. Um dos fatores é a procura que geralmente é muito grande por terrenos nesse período, muitas vezes a oferta não atende essa necessidade. Dessa forma, muitos donos de terrenos colocam rebanho além da capacidade do terreno, e como a alimentação durante esse período fica escassa, muitos animais morrem.

Entretanto o transporte do gado da várzea durante a cheia para a “terra-firme” é muito difícil e muitas vezes os resultados são lamentáveis quando no embarque e desembarque do rebanho nas balsas ou nos barcos os animais caem na água ou se machucam. O trabalho começa pela construção de um curral (fig. 42) próximo a margem do rio para abrigar o gado e ficar na espera da embarcação.



Figura 42: Curral na comunidade Miracauera antes do embarque do gado para a “terra-firme”.
Autor: MATOS, J.A. (Março de 2012, durante a subida das águas).

⁸ Alugar um terreno por um período de tempo tendo sido combinado um valor por esse período.

Esse rebanho em seguida é colocado na embarcação (figura 43) que irá levar todo o rebanho para a “terra-firme”. O rebanho é acomodado dentro da embarcação, e toda a estrutura é adequada para oferecer conforto ao rebanho, de forma que o animal não fica “estressado” como afirma o proprietário do rebanho, garantindo a segurança da viagem. Quando o gado se movimentava muito na embarcação pode provocar acidente dentro do barco ou até mesmo provocar um afundamento, caso o rebanho se deslocasse ao mesmo tempo para o mesmo lado. Dentro da embarcação é colocada uma vegetação forrageira para evitar que o gado escorregue, e outra quantidade de capim é colocada para alimentar o rebanho durante a viagem, pois o gado que ficou preso no curral durante a noite não foi alimentado.



Figura 43: Embarque do rebanho bovino na comunidade Miracauera para levar para a “terra-firme”.
Autor: MATOS, J.A. (Março de 2012, durante a subida das águas).

Todavia os moradores mais resistentes ou mesmo quem não dispõe de recursos financeiros para pagar o frete do transporte e pagar o arrendamento do terreno na “terra-firme” convivem com os riscos da enchente, pois o rebanho permanece na água. O dono do rebanho procura alimentar o gado diariamente coletando a vegetação suspensa para sustentar seu gado.

“A necessidade de providenciar forragem durante a alagação criou no Careiro uma ocupação sazonal muito característica – a de “capineiro”, “capinzeiro” (STERNBERG, 1998, p.181). Os mesmos saíam de madrugada para procurar pastagem, encher as canoas e levar capim para alimentar o rebanho, essa atividade hoje é praticamente inexistente, apenas no

período das cheias os criadores pagam os capineiros para poder alimentar seu rebanho (figura 44, 45).



Figura 44: Alimentação do rebanho na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A (Março de 2012, durante a subida das águas).



Figura 45: Vegetação coletada pelo “capinzeiro” para a alimentação do gado no Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2013, durante a descida das águas).

O gado que não é levado para a “terra-firme” fica exposto, porém, conhecendo a dinâmica do lugar, o proprietário do rebanho mesmo sem abrigo para o gado o protege colocando o mais próximo de sua casa. Em certos casos, como observado em campo, o criador consegue um local para abrigar seu rebanho mesmo após a inundação do seu terreno. Esse ano (2013) embora a cheia tenha sido menor que a de 2012, muitos criadores de gado achavam que o rio não ia subir muito e deixaram seu gado no terreno, depois se torna mais dificultoso levar o rebanho e até mesmo embarcar o gado, que está amedrontado e acaba afugentado na hora do embarque.

“Esse ano (2013) a gente não imaginava que a água fosse subir tanto, ano passado (2012) foi a maior cheia que nós passamos aqui. A gente pensava que a cheia desse ano fosse pequena. Muitos criadores ficaram aperreados porque tinha que arrumar terreno de novo na “terra-firme”, a gente tinha quase acabado de trazer, o capim nem se recuperou a já tem que levar de novo. A dificuldade de deixar pra embarcar o ado quando o terreno já tá alagado é que o gado fica correndo e dá mais trabalho pra embarcar, o rebanho fica amedrontado com a água e acaba afugentado na hora do embarque” (Entrevistado nº5, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

O gado que é levado para a terra-firme permanece até o fim da cheia, a foto apresenta o desembarque do rebanho (figura 46) para evitar que o criador tenha problemas para encontrar lugar na terra-firme. Durante uma ida a campo foi possível acompanhar o momento de um embarque promovido pelo proprietário, que teve dificuldades para juntar o rebanho (fig.47), depois de algumas tentativas o rebanho foi embarcado e levado para um local seguro.

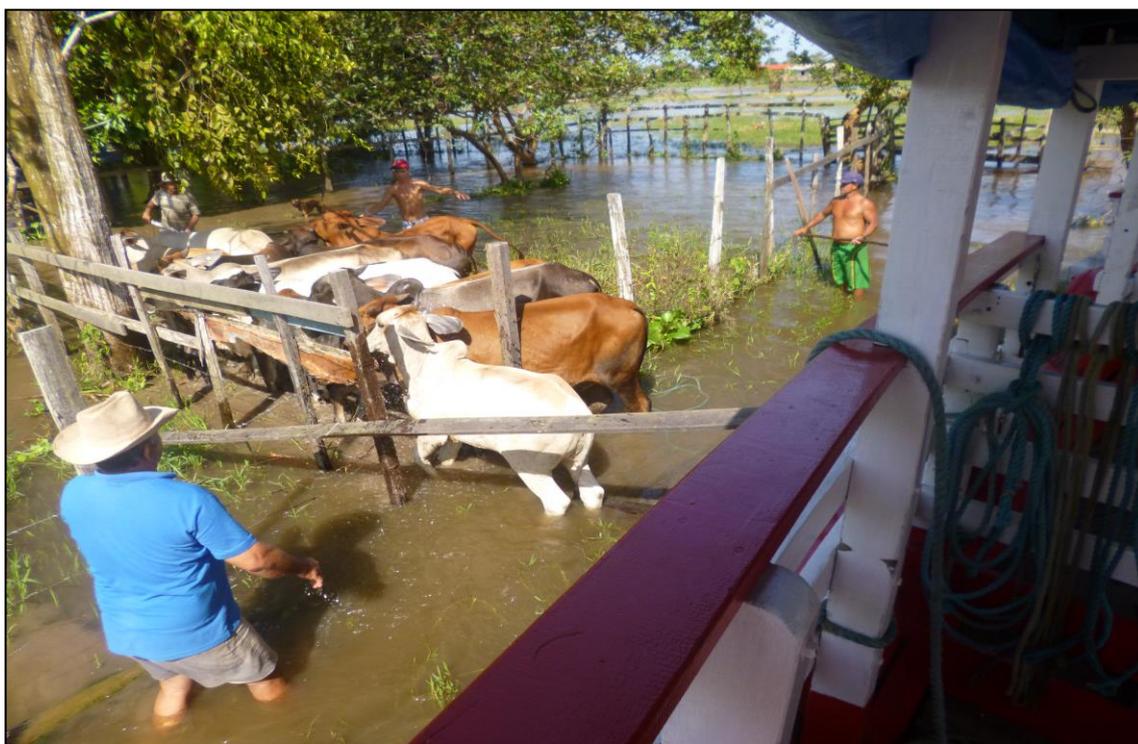


Figura 46: Momento do embarque do gado durante a cheia na comunidade Miracauera. Autor: MATOS, J.A. (Maio de 2013, durante a subida das águas).



Figura 47: Momento do desembarque do gado na “terra-firme”.
 Autor: MATOS, J.A. (Março de 2012, durante a subida das águas).

Observa-se que as inundações periódicas promovem mudanças mesmo que temporárias no modo de vida dos moradores da várzea, que ano a ano veem suas terras ser inundadas, perdendo suas plantações e alterando a configuração da paisagem, porém, trazendo contribuições conforme destacou Sternberg (2008, p.15) “o elemento líquido é [...] condição indispensável para a presença do homem” no ambiente de várzea.

Portanto, o significado da água assume aspectos essenciais em relação à condição humana e suas formas de uso, principalmente na várzea do Miracauera, onde a água tem uma representação essencial para os moradores da comunidade situada nas faixas marginais do ambiente de várzea.

Conforme destacou Tocantins (2000)

“A trilha líquida continua a exercer sua implacável hegemonia nos transportes e também nas desolações das grandes enchentes, que demandam nas fazendas pastoris a construção das marombas, imensos palanques erguidos em pleno campo, nos quais as reses ficam cercadas pela água, recebendo o pastoreio diário dos vaqueiros, que lhes trazem de montaria a canarana alimentar” (TOCANTINS, 2000, p.233).

Percebe-se uma relação de dependência e de influência da água para as atividades desenvolvidas na várzea, portanto, nota-se a importância dos rios e do regime das águas na vida das pessoas que moram na Amazônia, essa interpretação oferece subsídios sobre a

paisagem amazônica da várzea, o modo de vida, os costumes e as características do homem amazônico.

“O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos. Veias do sangue da planície, caminho natural dos descobridores, farnel do pobre e do rico, determinante das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos, amados, odiados, louvados, amaldiçoados, os rios são a fonte perene do progresso, pois sem ele o vale se estiolaria no vazio inexpressivo dos desertos. Esses oásis fabulosos tornaram possível a conquista da terra e asseguraram a presença humana, embelezaram a paisagem, fazem girar a civilização- comandam a vida no anfiteatro amazônico” (TOCANTINS, 2000, p.278).

Nas várzeas do Estado do Amazonas a maioria das propriedades se dedica à criação de rebanho bovino, ainda que muitos não utilizem a prática do comércio do rebanho. A bovinocultura amazônica sempre foi caracterizada por criações extensivas em pastagens naturais, principalmente em regiões de campo de várzea, em um sistema de cria, cria e para a produção do queijo, entretanto, a capacidade produtiva destes sistemas é considerada baixa (FEARNSIDE, 1979), no entanto, é uma atividade que se encontra em franca expansão, tanto pelos grandes, quanto pelos médios e pequenos produtores (VALENTIN, 2003).

Todavia, a enchente na comunidade Miracauera promove efeitos no cotidiano dos moradores em vários aspectos, a plantação é afetada, a circulação das pessoas. São essas experiências que os moradores possuem do lugar que permitem aos moradores uma relação com o ambiente para o qual chamou a atenção Claval (2010, p.55) sobre a “[...] experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita”. Essa dimensão revela o sentimento que as pessoas têm em relação ao lugar, o apego ao lugar denominado por Tuan (2012) de Topofilía.

Segundo Nogueira (s/d)

“a experiência é entendida por Merleau-Ponty como conhecimento que antecipa a filosofia. A partir do momento em que ela é reconhecida, podemos ver o mundo como efetivamente ele é. Essa proposição nos leva a pensar o lugar, categoria eminentemente geográfica, como mundo vivido, pensado por Merleau-Ponty e outros fenomenólogos” (NOGUEIRA, s/d, p.2).

Nogueira (s/d, p.2) enfatiza que “o lugar produzido na relação cotidiana entre os homens que nele habitam e que fazem dele parte de si, um mundo que é revelado a partir da percepção de cada ser, um mundo da experiência”, destacando que os homens não se movem

num lugar abstrato e sim num lugar que é concreto e pessoal, um espaço percebido e vivido, modelado pela experiência.

As experiências que os moradores adquiriram estão presentes nas técnicas e nas estratégias criadas pelos moradores, como a ida a terra firme em busca de madeira para a construção das casas e outras finalidades, conforme afirma Sternberg (1998):

“O aproveitamento dos elementos da flora nativa é nitidamente sazonal e o calendário de sua colheita reflete as pulsações do rio. Esse fato tanto se verifica na utilização da vegetação aquática, quanto no corte e na retirada de madeira nas matas da várzea, sendo a primeira operação feita na vazante e a segunda na enchente. É bem ver que os habitantes do Careiro, quando vão à terra firme em busca de madeira, também têm presente o ciclo anual das águas, aproveitando-se dos igarapés, que, na cheia, dão acesso aos terrenos altos marginais” (STERNBERG, 1998, p.14).

Esse acesso é facilitado devido ao transbordamento das águas dos lagos, essa busca por madeira na terra firme tem uma importância relevante, pois delas dependem os moradores da várzea para construir pontes (figura 48, figura 49) durante a enchente para sua locomoção de sua casa até o seu porto. Durante o período da cheia as pessoas se locomovem em canoas movida a motor-rabeta, porém, no período que a água vai recuando se torna inviável pelo nível da água o trânsito das pessoas em canoas, sendo indispensável a construção de pontes para essa finalidade.



Figura 48: Ponte para o deslocamento na comunidade Miracauera durante a descida da água.
Autor: MATOS, J.A. (Julho de 2013, durante a descida das águas).



Figura 49: Ponte antes de ser retirada após a descida da água na comunidade Miracauera.
 Autor: MATOS, J.A. (Agosto de 2013, durante a descida das águas).

As ações dos homens e mulheres da comunidade Miracauera partem da vivência no lugar, conhecendo os períodos e os momentos de mudanças que ocorrem no lugar. Conforme Nogueira (s/d, p.2) “a experiência do mundo-lugar está ligada a forma como se percebe o mundo”. A experiência aqui ressaltada é a dos homens que as vivem, as que são resultados do envolvimento dele com o mundo (NOGUEIRA, 2001), onde o espaço está carregado de significados, de valores, para uns o lugar expressa um sentimento de pertencimento, para outros de repulsão, cada homem tem uma experiência singular com o mundo, com o lugar. Portanto, “é no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 6).

O conhecimento dos lugares é adquirido a partir da nossa experiência com o mundo, com os lugares dados na relação intersubjetiva e simbólica das pessoas com os lugares e ambientes, as pessoas mantêm essa relação com o lugar a partir desse conhecimento.

Na comunidade Miracauera a residência de um dos moradores foi invadida pela água (figura 50), obrigando-o a se retirar com toda a sua família para outro domicílio, muitas vezes cedida e compartilhada por um familiar ou um vizinho próximo à família, essa relação demonstra a solidariedade das pessoas entre o grupo onde estão inseridas.



Figura 50: Casa invadida pela água na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, Ruth de Araújo. (Junho de 2012, durante a cheia).

Os alunos também são afetados, e mesmo com a construção das pontes que dão acesso à escola (figura 51) os mesmos são liberados mais cedo para suas casas, ou até mesmo em caso de uma enchente maior, as aulas são suspensas nesse período.



Figura 51: Ponte ligando a escola municipal ao porto na comunidade Botafogo.
Autor: MATOS, J.A. (Abril de 2012, durante a subida das águas).

Quase todos os anos essa outra comunidade é afetada pela inundação, a escola necessita paralisar as atividades para evitar situações de riscos aos estudantes, nessa escola funciona o ensino fundamental, portanto, o número de crianças é expressivo, e no retorno às casas, precisam passar pelas pontes, que muitas não suportam o peso dos estudantes, pois todos querem passar na ponte ao mesmo tempo, dessa maneira muitas vezes ocorrem pequenos incidentes, como criança caindo da ponte ou até mesmo a ponte desabando.

São esses saberes que permitem a elaboração de mecanismos e técnicas para a manutenção da família e sua permanência no lugar. Dessa forma os moradores desenvolvem suas atividades de acordo com o movimento das águas (cheia e vazante), considerando que “o rio é um dos elementos mais importantes na composição do cenário do lugar” (PINTO & NOGUEIRA, 2005, p.1). E por meio das técnicas por eles criadas, os homens e as mulheres do lugar mantêm suas relações sociais e suas atividades baseadas na produção familiar durante todo o ano.

3.8. Curral para o gado: adubação orgânica.

A criação de gado foi introduzida na região amazônica brasileira pelos portugueses no século XVII para atender a demanda de alimentos e utilizar a tração animal para os colonos europeus instalados no Estado do Pará e ao longo da calha do rio Amazonas. Em meados da segunda parte do século XX, migrações trouxeram grande número de colonos à Amazônia e este processo de colonização manteve parte dessa ocupação nas margens dos rios. Assim, as áreas de várzeas foram bastante afetadas no processo de introdução das atividades agrícolas e pecuárias adotadas pelos colonos.

Na várzea das comunidades do Careiro da Várzea “[...] o gado representa o elemento mais importante entre os elementos que constituem a marca do homem sobre a paisagem” (STERNBERG, 1998, p.171), nesse sentido “a transformação da região do Careiro em produtora de leite, resultou da derrubada, para a formação de pastos” (p.172).

Uma das estratégias criadas pelo ribeirinho é aproveitar o adubo orgânico retirado do curral do gado, que passa a noite preso, dessa forma, não é necessária a aquisição de adubo industrializado para utilizar na plantação. Observou-se essa estratégia em campo na comunidade Miracauera por parte dos agricultores que criam rebanho bovino também.

Na concepção de Garcia Jr. (1983) existe uma diferenciação entre adubo e estrume e explica essa relação de escolha do agricultor pela utilização do estrume:

“*Adubo* é o produto químico que tem que ser comprado a dinheiro, enquanto *estrume* é o excremento dos animais possuídos pelo grupo doméstico ou folhas secas. É sabido que a terra que usa *adubo* tem uma produtividade muito maior. Contudo, o acesso a *adubo* exige um desembolso de dinheiro. Portanto, tem que vender algum produto para poder comprá-lo. O estrume é obtido como subproduto de outras atividades familiares e só exige novas atividades familiares para que possa ser aproveitado. O custo do *estrume* é em atividades do grupo doméstico, enquanto o custo do adubo é em dinheiro” (Garcia Jr. 1983, p.120).

Essa estratégia evita o uso de agrotóxicos na plantação, pois o adubo orgânico é mais fácil de ser adquirido e consiste em uma atividade que não necessita de produtos químicos. Conforme Claval (2010, p.12) “esses saberes estão ligados intimamente ao modo de agir, aos processos e às estratégias que cada um desenvolve”. Entendemos que há uma relação de aproveitamento dos recursos à disposição na própria natureza e na sua relação com o meio, onde são utilizados todos os elementos na construção social. Esse aspecto “[...] resulta da experiência que todos temos do mundo” (CLAVAL, 2010, p. 8).

Claval (2010, p.24) enfatiza que “os saberes vernaculares sobre os meios não tratam apenas de plantas e de animais, de colheitas, de caça e pesca, de pecuária ou de agricultura”, mas estão relacionados principalmente à percepção das mudanças para a criação de estratégias de possibilitam essa relação do homem com o meio. No caso do uso do esterco (figura 52) essa prática revela o saber tradicional que foi adquirido pelos moradores a partir das experiências vividas no ambiente de várzea e de suas observações.



Figura 52: Curral para prender o rebanho à noite na comunidade Miracauera.
Autor: MATOS, J.A. (Novembro de 2013, durante a subida das águas).

A criação de gado nem sempre é feita para a prática de comercialização, todavia, as informações obtidas em campo dão conta que os agricultores criam o rebanho para manter o campo limpo, pois o terreno não é todo aproveitado para a prática da agricultura e pagar para fazer a limpeza da propriedade se torna caro, apenas em caso de necessidade vendem um boi para atender uma situação inesperada. “Se a criação de gado não for associada à lavoura, o pousio pastoril ou florestal deve durar dez, vinte ou trinta anos, a depender dos tipos de vegetação e da natureza dos solos” (CLAVAL, 2010, p. 23). Nesse caso fica evidente que o agricultor utiliza o adubo produzido pelo rebanho e utiliza na plantação de forma adequada, se for colocado adubo demais prejudica a plantação como afirma um morador:

“Não pode colocar estrume demais, é muito forte porque vem com a urina do gado, por isso se a gente põe demais, a plantação vai morrer, então a gente coloca uma porção pra planta aguentar e produzir mais. A gente não compra adubo químico não, a gente encontra na natureza o que a gente precisa pra produzir, e o gado ajuda também com o esterco que a gente ajunta e guarda em sacos pra não molhar e estragar. A gente deixa a terra descansar também mudando os cercados de vez em quando e usando o adubo pra ajudar” (Entrevistado nº9, morador do Miracauera, informação oral, 2013).

Paul Claval descrevendo sobre o domínio do ambiente pelas populações agrícolas relaciona as diversas construções por meio das técnicas e habilidades desenvolvidas pelos homens, destacando que “o esterco produzido pelo gado possibilita reduzir o tempo de pousio” (CALVAL, 2010, p.23). Compreendemos que essa ação do agricultor faz parte das “[...] estratégias e esquemas de ação dos indivíduos e dos grupos” (CLAVAL, 2010, p. 12), nesse sentido, as mesmas técnicas que são utilizadas em outras comunidades também foram observadas na comunidade Miracauera conforme o que foi relatado anteriormente, fazendo parte das estratégias elaboradas pelos moradores da comunidade, pois são afetados anualmente com as cheias e na vazante necessitam de outros mecanismos, um constante recomeço, mas que tem um grande significado para eles como bem destaca Claval (2010, p.21) “as representações que esse povo faz do espaço se detêm mais particularmente sobre as vastidões das quais tiram sua subsistência”.

Partimos da consideração feita por Nogueira (2007, p.85) o lugar deve ser “analisado a partir das relações sociais de produção”. Dessa forma entendemos que as relações estabelecidas na várzea ocorrem também a partir da influência da dinâmica do ambiente, por isso é necessário repensar o estudo do lugar para inferir o modo de vida dos moradores da comunidade “entendendo o papel deste lugar no mundo das relações sociais de produção”

(NOGUEIRA, 2007, p.85) como reflexo das relações estabelecidas, tanto cultural como social.

Na Geografia Cultural tivemos a base dessa interpretação, pois “[...] a Geografia fala de situações que são de tal forma parte integrante da vida das pessoas e do destino dos grupos que todo mundo as conhece, todos sabem que atitude adotar em face dos problemas [...] e que tais técnicas empregar para dar conta deles” (CLAVAL, 2010, p. 11).

Essa leitura de mundo é vivida pelo morador do ambiente de várzea, que utiliza os componentes geográficos como destaca Claval (2010, p.30) “as práticas, as habilidades e os conhecimentos indispensáveis a qualquer vida social têm componentes geográficos: aqueles que são imprescindíveis”.

Como se trata de um ambiente de várzea os ribeirinhos desenvolvem suas plantações nas áreas próximas dos rios, que são caracterizadas pelo cultivo de hortaliças de pequeno ciclo, isso devido à sazonalidade do regime das águas. Portanto, o cultivo de hortaliças representa uma alternativa para a permanência das populações ribeirinhas no interior Amazonense, pois é uma atividade econômica promissora, pois representa o consumo e também a comercialização dessa produção no mercado urbano de Manaus.

São esses elementos que a população da comunidade Miracauera procura utilizar no seu cotidiano, assumindo extrema importância para a reprodução social na comunidade, pois a mesma utiliza os recursos da várzea para desenvolver seus cultivos e outras formas de uso do ambiente de várzea, criação de gado, pequenos animais, aludindo a uma ligação afetiva e simbólica nesse lugar, que é experienciado pelos moradores a partir das dinâmicas do ambiente de várzea.

Conforme Claval (2010, p.59) “a mente constrói dois tipos de Geografia: uma fundada na observação, na experiência, na vontade de tirar da natureza o que é necessário à existência”, portanto, essa é a que nos interessa, pois se observou em campo que os moradores que trabalham com a agricultura se baseiam a partir das experiências e das observações das mudanças que ocorrem no ambiente, e dele extraem com suas habilidades o que é necessário para o seu sustento e se organizam de acordo com a dinâmica da natureza, de modo que não implica em uma sujeição total do homem ao meio, todavia os moradores conseguem estabelecer suas relações a partir da percepção das mudanças e procuram estratégias que possibilitam esse modo de vida com um caráter peculiar.

CONSIDERAÇÕES.

Levando em conta as informações obtidas durante a pesquisa percebemos que os moradores da comunidade estudada estabelecem suas relações de forma que convivem harmoniosamente com os fenômenos da natureza, embora os mesmos exerçam influência no modo de vida dos moradores, que estabelecem formas de produção e estratégias a partir da percepção das mudanças no ambiente. Os moradores desenvolvem a produção de hortaliças por meio de cultivos para o consumo familiar e para abastecimento das feiras em Manaus, nesse sentido é importante observar a relação estabelecida nesse ambiente, pois o mesmo está sujeito às mudanças sazonais devido à dinâmica que o mesmo apresenta anualmente.

O desenvolvimento das atividades agrícolas na comunidade é desempenhado pela família, que constitui o elemento mais importante nas atividades de trabalho da unidade familiar, essa produção familiar representa a permanência dos moradores na comunidade evitando assim que ocorra o abandono da várzea careirense. Dessa forma, destacamos nesta pesquisa a Geograficidade e a relação afetiva denominada de topofilía por Tuan (2012) bem como a relação simbólica dos moradores da comunidade Miracauera com o lugar. A toponímia da comunidade está relacionada ao processo histórico da ocupação da comunidade, anteriormente ocupada por grupos indígenas. Durante as investigações em campo constatou-se a ocorrência de sítio arqueológico na comunidade a partir dos fragmentos de cerâmicas indígenas encontrados na comunidade.

A comunidade está localizada na várzea careirense, portanto, sujeita à dinâmica fluvial que atua nos processos de “terras-caídas”, cheia e vazante. Estes fenômenos atingem a comunidade com frequência, por isso buscou-se neste trabalho uma investigação para saber sobre o comportamento dos moradores da comunidade diante desses processos, como convivem com essa dinâmica e saber dos moradores de que maneira eles são afetados e se havia interferência no modo de organização da comunidade.

Embora tenham enfrentado uma grande vazante em 2005 e três enchentes (2009, 2011 e 2012) os moradores da comunidade relataram sobre as dificuldades de plantar seus cultivos, realizar a irrigação do plantio, e destacaram também a ausência de uma atenção para as necessidades básicas da comunidade em vários aspectos, todavia ressaltaram que morar na comunidade ainda apresenta vantagens: a solidariedade dos vizinhos, na maioria das vezes parentes; a terra fértil para o cultivo das plantações; as árvores frutíferas, que além do consumo é comercializada; a energia elétrica que está presente na comunidade; água do rio à

disposição; o transporte rápido (expresso) e a proximidade com a cidade de Manaus, possibilitando uma viagem rápida.

Mesmo convivendo com as mudanças que ocorrem no ambiente de várzea os moradores aproveitam as terras acrescidas para o cultivo agrícola, demonstrando a capacidade e habilidade de não estar totalmente sujeito ao meio, mas por meio de mecanismos desenvolvidos por eles mesmos a natureza vai sendo aproveitada. Esse aspecto resulta das observações, das experiências vividas no lugar e da percepção como destaca Tuan (2012, p.18) “a resposta dos sentidos aos estímulos externos”.

Identificamos ainda os sistemas produtivos desenvolvidos pelos moradores da comunidade Miracauera, os quais são caracterizados pela agricultura familiar que utiliza as condições ambientais e os recursos disponíveis no ambiente, tais como a utilização do adubo orgânico para fazer a adubação das plantações. Para driblar as dificuldades é necessário que haja a organização dos moradores, e eles o fazem de acordo com as condições que a natureza vai se apresentando, resultando das observações das mudanças no ambiente.

Percebemos que apesar das mudanças que ocorrem com frequência no ambiente de várzea os moradores da comunidade Miracauera atentos a essas mudanças mantém uma relação com o lugar de acordo com as condições do ambiente, desenvolvendo seus cultivos embora seja necessário desenvolver mecanismos que ajudem na organização dos moradores diante das mudanças na várzea. O enfoque do trabalho se refere à organização sociocultural dos moradores da comunidade diante das enchentes, que fizeram surgir as marombas, embora durante as observações em campo percebeu-se o desuso das mesmas; a criação de rebanho bovino gerou a atividade do “capineiro” que também perdeu a sua relevância a partir do transporte do gado para a “terra-firme”.

Percebeu-se que os moradores elaboraram uma série de mecanismos (os quais foram descritos no trabalho) a partir da percepção das mudanças que ocorrem com frequência no lugar, por isso levamos em conta as informações obtidas com os moradores para nossas interpretações a respeito da organização dos moradores diante dos fenômenos naturais na comunidade, os quais de certa maneira influenciam no modo de vida na comunidade, uma vez que os moradores são afetados anualmente pela cheia e vazante, porém, há laços afetivos e simbólicos no lugar além da questão da identidade cultural associada ao lugar, principal base no que se refere às relações na comunidade, onde há uma reação existencial e amor ao solo, ao lugar “como suporte do Ser” (DARDEL, 2011, p.40) é a Geograficidade presente no modo de vida na comunidade.

REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, Abraão de. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. 2ª edição-Rio de Janeiro: CPAD, 1982. Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

BERDOULAY, Vincent. **Espaço e cultura**. In: **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Orgs.: Iná Elias de Castro; Paulo César da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Jesuete Pachêco. **Erosão fluvial nas várzeas do Rio Solimões. Costa do Curari-AM**. 1996.

BRANDÃO, Jesuete Pacheco. BRANDÃO, José Carlos Martins. LEONARDOS, Othon H. **Sistemas de produção alternativos à sustentabilidade na Amazônia**. In: VIII encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, 2009 Cuiabá-Mato Grosso-Brasil.

CANTO, Otávio do. **Várzea e varzeiros da Amazônia**. Belém-PA, 2007 (Coleção Eduardo Galvão).

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

CARDOSO, Ricardo de Jesus. NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **A reprodução da vida nas águas do paraná de Terra Nova - Careiro da Várzea/AM**. In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

CARVALHO, José Alberto Lima de. **Terras caídas e consequências sociais: Costa do Miracauera – Paraná da Trindade, Município de Itacoatiara – AM, Brasil**. Manaus, 2006. Dissertação de mestrado (Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia Fluvial**. São Paulo: Edgard Blucher, 1981. vol. 1. 313 p.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. **O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana**. In: Rosendahl, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rosendahl, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a Geografia**. Tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993).

CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: passado e futuro - uma introdução**. In: **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. Orgs.: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e a Escola de Berkeley-uma apreciação.** In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural.** Rosendahl, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Sobre Carl Sauer: Uma introdução.** In: **Sobre Carl Sauer.** CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny **Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda.** In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (organizadores). **Introdução à Geografia Cultural.** 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e simbolismo.** In: **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço.** Orgs.: Iná Elias de Castro; Paulo César da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSGROVE, Denis. 1998. **Geografia Cultural do milênio.** In: **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. Orgs.: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato.

COSTA, Regilson Ferreira. **As mudanças sócio-culturais no paraná do Curari/AM.** Disserta de mestrado apresentada ao Programa de Pós- Gradua em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Caboclos-ribeirinhos da Amazônia: um estudo da organiza da produ camponesa no município do Careiro da Várzea-AM.** Disserta de mestrado, USP, 1999.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Sítios agroflorestais na várzea do Careiro.** In: **Revista de Geografia da U.A.** Vol.1, n1, p.105-122, jan. /dez.1999.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorializa camponesa na várzea da Amazônia.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo. **Campesinato e meio ambiente na várzea da Amazônia.** In: ROSA, Maria Vieira Medeiros. FALCADE, Ivanira (orgs.) **Tradi versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Amazônia – um paraíso perdido.** Manaus: Editora Valer; Governo do Estado do Amazonas; EDUA, 2003. (Coleção Poranduba).

CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antônio Teixeira (org.). **Geomorfologia - uma atualiza de bases e conceitos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antônio Teixeira. **Degradação ambiental**. In: **Geomorfologia e meio ambiente**. GUERRA, Antônio Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da (org.). 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FEARNSIDE, Philip Martin. **Previsão da Produção Bovina na Rodovia Transamazônica do Brasil**. In: **ACTA AMAZÔNICA**. 9 (4). Manaus. 1979. p.689-700.

FERREIRA, Sávio José Figueiras. REICHARDT, Klaus. MIRANDA, Sebastião Átila Fonseca. In: *Acta Amazônica* 29 (2): 277-292. 1999. **Características físicas de sedimentos e solos de dois lagos de várzea na Amazônia Central**. Disponível em: <<http://acta.inpa.gov.br/fasciculos/29-2/PDF/v29n2a09.pdf>>. Acesso em Março de 2011.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Homens Anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: ANNABLUME, 2000.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. VASQUES, Marinete da Silva. CASTRO, Albejamere P. de. MIGUEZ, Sâmia Feitoza. **Horta escola em comunidades de várzea na Amazônia Ocidental**. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, período de 29 de maio - 1º de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. PEREIRA, Henrique dos Santos. WITKOSK, Antonio Carlos. (Organizadores). **Comunidades ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. EDUA, 2007.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. MIGUEZ, Sâmia. WITKOSKI, Antônio Carlos. **Comunidades ribeirinhas: representações socioculturais na área de atuação do projeto PIATAM**. In: **Produzir e viver na Amazônia rural: estudo sociodemográfico de comunidades do médio Solimões**. Org. TEIXEIRA, Pery. BRASIL, Marília. RIVAS, Alexandre. 2. ed. rev.– Manaus: Instituto I-piatam, 2008.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. 2ª edição. São Paulo: ANNABLUME, 2010.

GADE, Daniel. **Carl Sauer e a força da curiosidade nas pesquisas geográficas**. In: **Sobre Carl Sauer**. CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GALVÃO, E. Santos e **Visagens: um estudo da vida religiosa em Ita, Baixo Amazonas**. 2ª Ed. São Paulo: editora Nacional, 1976.

GARCIA Jr., Afrânio Raul. **Terra de trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção de Estudos sobre o Nordeste; Vol.8).

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 8ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

GUERRA, Antônio Teixeira. GUERRA, Antônio José Teixeira. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GUERRA, Antônio Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia e meio ambiente**. Antônio Teixeira Guerra; Sandra Baptista da Cunha (org.). 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Zeny e Corrêa, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista**. In: **Revista Território**. Rio de Janeiro. ano IV, n° 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

HOLZER, Werther. **Nossos clássicos: Carl Sauer (1889-1975)**. In: *GEOgraphia* – Ano. II– N° 4 – 2000.

HOLZER, Werther. **A Geografia fenomenológica de Eric Dardel**. In: **Matrizes da Geografia Cultural**. ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HOLZER, Werther. **Mundo e lugar: ensaio de Geografia fenomenológica**. In: **Qual o espaço do lugar?** Organização de Eduardo Marandola Jr. Werther Holzer. Lívia de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2012.

IRIONDO, M.H. **Geomorfologia da planície amazônica**. In: Simpósio do Quaternário do Brasil, 4. *Anais...* p. 323-348, 1982.

LARAIA, R. **Cultura, um conceito antropológico**. 11ª edição. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1995.

LIMA, Roberval B. **Descrição, composição e manejo dos cultivos mistos de quintal na várzea da “Costa do Caldeirão”, Iranduba-AM**. Dissertação de Mestrado. 1994.

LIMA, Hedinaldo Narciso; TEIXEIRA, Wenceslau Geraldes e SOUZA, Kléber Worsley de. **Os solos da paisagem de várzea com ênfase no trecho entre Coari e Manaus**. In: **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**: EDUA, 2007.

MACIEL, Jussara Socorro Cury. **Estudo de viabilidade ambiental de estradas vicinais no Amazonas**. Tese de doutorado em engenharia de transportes. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Sobre ontologias**. In: **Qual o espaço do lugar?** Organização de Eduardo Marandola Jr. Werther Holzer. Lívia de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MATOS, Jônatas de Araújo. CURSINO, Alcirene Maria da Silva. **Caracterização geomorfológica das “terras-caídas” em área de várzea na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM**. In: *REVISTA GEONORTE*, Edição Especial, V.1, N.4, p.515– 525, 2012.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Descortinando e (re) pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan.** In: **Matrizes da Geografia Cultural.** Rosendahl, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução Carlos Roberto Ribeiro Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História da cultura Amazonense.** Manaus. EDUA, 1998.

MORÁN, E. F. 1990. **A Ecologia Humana das Populações da Amazônia.** Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro. 367 p.

NEVES, Delma Pessanha. **A agricultura familiar e o claudicante quadro institucional.** 2001.

NEVES, Delma Pessanha. **Os ribeirinhos e a reprodução social sob constrição.** In: Boletim Rede Amazônia. Rio de Janeiro: Ano 2. No. 1, 2003. [47-59].

NODA, Sandra; PEREIRA, H; BRANCO, F.M.C; NODA, H. **O trabalho nos sistemas de produção de agriculturas familiares na várzea do Estado do Amazonas.** In: NODA, H; SOUZA, L.A.G de; FONSECA, O de M. (Orgs.) **Dois décadas de contribuições do INPA à pesquisa agrônoma no Trópico Úmido.** Manaus, INPA, 1997, p. 241-283.

NODA, Sandra; NODA, H.; FONSECA, O.J. de M. **Dois décadas de contribuição do INPA à pesquisa agrônoma no trópico úmido.** Ministério da Ciência e Tecnologia/Instituto Nacional de Pesquisa na Amazônia. Manaus. 1997. 332 p.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **A Geografia e a experiência do mundo.** [s/d].

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: a "Geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas.** Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Lugares vividos e percepção espacial.** Manaus: BK Editora, 2005.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. PINTO, Iléia Maria de Jesus. PINTO, Haroldo de Almeida. CARDOSO, Ricardo de Jesus. **Lugar e cultura. A produção da vida no Careiro da Várzea.** Relatório final de pesquisa. Manaus, 2006.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Lugar e cultura: a produção da vida no Careiro da Várzea-AM.** In: *Revista ACTA Geográfica*, ANO I, n°2, jul./dez. de 2007. p.85-95.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística de percepção ambiental na Arquitetura e na comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Plêiade, 1999.

OLIC, N.B. **Sobre casas, climas e paisagens.** Revista Pangea: Quinzenário de Política, Economia e Cultura. Setembro/2003.

OLIVEIRA, Livia de. **O sentido de lugar.** In: **Qual o espaço do lugar?** Organização de Eduardo Marandola Jr. Werther Holzer. Livia de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PALMIERI, Francesco. LARACH, Jorge Olmos Iturri. **Pedologia e Geomorfologia.** In: **Geomorfologia e meio ambiente.** GUERRA, Antônio Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da (org.). 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PEREIRA, Henrique dos Santos. **Dialogando com a paisagem: uma análise ecológica da agricultura familiar na várzea do Rio Solimões-Amazonas.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 1994.

PEREIRA, Henrique dos Santos. **Dialogando com a paisagem: uma análise ecológica da agricultura familiar da várzea do Rio Solimões–Amazonas.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas/INPA. (2002).

PEREIRA, Henrique dos Santos. **A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas (as unidades paisagísticas das várzeas).** in: **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** EDUA, 2007.

PINTO, Haroldo Almeida; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **A influência do movimento das águas na vida dos ribeirinhos no paraná do Cambixe no Careiro da Várzea-AM.** In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária, Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

RELPH, Edward. C. **As bases fenomenológicas da Geografia.** In: Boletim de Geografia. Rio de Claro. São Paulo. 4 (7), p. 1-25. 1979.

RELPH, Edward C. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar.** In: **Qual o espaço do lugar?** Organização de Eduardo Marandola Jr. Werther Holzer. Livia de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (Organizadores). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Matrizes da Geografia Cultural.** ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Temas e caminhos da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SEBRAE/AM. **Diagnóstico sócio-econômico e cadastro empresarial do Careiro da Várzea.** Manaus: Programa de estudos e pesquisas, 2000.

SOARES, L.C. de. **Hidrografia.** In: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Geografia do Brasil, Região Norte, Rio de Janeiro, 1977, v.1.

SOARES, Ana Paulina Aguiar. **Janauacá, conflitos e territorialidades nas águas.** In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

SUGUIO, K.; BIGARELLA, J. J. **Ambientes fluviais**. Florianópolis, EDUFSC, 1990.181p.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. **A água e o homem na várzea do Careiro**. 2.^a ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998. 330 p.

STRADELLI, E. **Vocabulários da Língua Geral Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 104, vol. 158, págs. 5 a 768. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929, 1.139 p.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida. – uma interpretação da Amazônia**. 9^a Ed. – Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VALENTIN, J. **A Bovinocultura na Amazônia – Perspectivas e Novas Tecnologias**. In Terceiro Seminário de desenvolvimento Agropecuario na Amazônia Ocidental. Federação da Agricultura do Estado do Amazonas, Manaus, 2003.

VIANA, V. M.; DUBOIS, J.C.L.; ANDERSON, A.B. **Manual Agroflorestal para a Amazônia**. V. 1 Rebraf/ Fundação Ford, Rio de Janeiro, p. 228. 1996.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos**. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA/ICHL
MESTRADO EM GEOGRAFIA

Projeto de pesquisa: A organização sociocultural e o modo de vida na comunidade
Miracauera, Paraná do Careiro (município de Careiro da Várzea-AM).

Roteiro para entrevista.

Roteiro para a entrevista com o pastor Gilberto (presidente da Associação de pescadores artesanais).

- 1) Argumentar sobre a origem da comunidade (antes da chegada da Assembléia de Deus).
- 2) Sobre a chegada da Assembléia de Deus e a possível influência na organização da comunidade.
- 3) Sobre a alternância da liderança da comunidade (como ocorre esse processo).
- 4) Sobre a organização social da associação da pesca.

Roteiro para a entrevista com os moradores mais antigos com maior tempo de residência na comunidade.

- 1) Relatos sobre a formação da comunidade (o que o morador souber).
- 2) Como a Assembléia de Deus iniciou seu trabalho e a influência na organização da comunidade.
- 3) Os tipos de materiais utilizados para construção das moradias e as formas arquitetônicas produzidas ao longo do tempo.
- 4) Indagar sobre as mudanças na paisagem durante o tempo e de que forma essas mudanças interferiram ou interferem na vida dos moradores.
- 5) De que forma é explicada a ocorrência das “terras-caídas” pelo morador e como ele percebe as consequências na comunidade.
- 6) Saber a relação com o lugar e as estratégias nos períodos de cheia e vazante, bem como as formas de cultivo.